



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA:
Estudo em Escolas do Ensino Fundamental do
Município de Igarapé Grande
Maranhão - Brasil

RAIMUNDO SOARES DE ARAÚJO FILHO

Lisboa, abril de 2021

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: Estudo em
Escolas do Ensino Fundamental do Município de
Igarapé Grande - Maranhão - Brasil

Raimundo Soares de Araújo Filho

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão: **GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: Estudo em Escolas do Município de Igarapé Grande - Maranhão - Brasil**, sob a orientação do Professor Doutor Jorge ManUel de Almeida Castro.

Lisboa, abril de 2021

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: Estudo em
Escolas do Ensino Fundamental do Município de
Igarapé Grande - Maranhão - Brasil

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica.

COMISSÃO JULGADORA:

Lisboa, de abril de 2021

Dedicatória

Dedicamos esta Dissertação a todas as pessoas que nortearam nosso progresso acadêmico e a todos que serviram como base para nossa evolução...

E especial a Minha Mãe, esposa e filhos.

Apesar de às vezes eu não saber valorizá-los como deveria, mas sou grato por Deus ter colocado vocês em minha vida. Amo vocês hoje, amanhã e sempre.

Agradecimentos

A meus pais, dos quais me orgulho de ser seu filho, pelo apoio e educação que recebi por fazerem com que eu acreditasse e buscasse construir meu futuro profissional.

Aos amigos, que independente da distância e das dificuldades, são presentes ao nosso lado, de braços abertos, prontos a nos ouvir, aconselhando-nos ou simplesmente trocando uma ideia descontraída.

Aos professores e colaboradores pelas tantas informações e mensagens de otimismo pela dedicação e fazer-nos acreditar que tudo é possível quando acreditamos e tornamos mais um trabalho possível, mas sem esquecer de destacar ao imenso apoio do Professor Mestre - Marcos Sergio Souza Borges, pelas grandes e incansáveis orientações normativas e contextuais ao tema. A este meu respeito e minha gratidão.

A todo corpo docente do Curso de Mestrado em Educação, pelos conhecimentos transmitidos e pela contribuição incontestável em nosso amadurecimento educacional.

Ao meu orientador Professor Dr. Jorge Manoel de Almeida Castro que apesar do pouco em que esteve conosco, foi decisivo nessa jornada e desenvolvimento deste trabalho, dedicou-se através de suas orientações e avaliações através dos trabalhos que lhes foram apresentados, corrigindo nossos erros e falhas, nos prestando opiniões e críticas as quais foram de extrema importância na minha vida acadêmica durante toda fase do desenvolvimento do mestrado.

Ao Prof. Dr. Walter Borges, além de ser parceiro institucional, nos mostrou que os obstáculos são muitos, porém, nada é impossível. Grato pelas palavras “duras”, mas sinceras, de um veterano, as quais nunca me faltaram nesta caminhada.

Aqui deixo minha gratidão por tudo, a amizade, o respeito e dedicações não têm preço, o meu muito obrigado por se tornarem e além de orientadores diretos e indiretamente, é algo muito melhor e especial que eu considero em minha vida. Amigos para todos os momentos.

Por último, porém, não menos importantes a nossa família, pelo companheirismo, pelo amor incondicional, por nunca nos deixaram abater e nem pensar em desistir. E a quem, com todo o nosso amor, dedico este trabalho, na certeza de que colheremos juntos os frutos produzidos por mais uma meta alcançada.

Epígrafe

“A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências. O homem que não tem os olhos abertos para o misterioso passará pela vida sem ver nada”.

Albert Einstein

Resumo

O presente estudo aborda o resultado de uma pesquisa acerca do termo gestão de conflitos em sala de aula. Com base na linha teórica de vários pesquisadores que defendem o termo como sendo comum ao comportamento do ser humano, desde o ápice de sua vivência em sociedade. Analisando o cenário do sistema de ensino brasileiro nos últimos dez anos, verifica-se que o assunto em foco, retrata os desfalques enfrentados por milhões de educadores em todo país, o docente em seu “ofício” de educar, vivencia momentos difíceis em cumprir seu papel de promover o conhecimento na vida do educando. Diante dos impasses gerados por problemas relacionados a conflitos interpessoais entre professor/aluno e aluno/aluno, a presente pesquisa nos leva a uma reflexão acerca dos desafios enfrentados atualmente por profissionais em sala de aula, todavia a problemática da conflitologia tem sido alvo de diversos questionamentos sobre quem são os verdadeiros culpados pela sua ocorrência. Para (CECCON 2009, p. 60), uma das condições para que os vínculos entre as pessoas da escola se consolidem é chegar a acordos coletivos [...] que favoreçam relacionamentos amigáveis. As interações positivas tecem conexões interpessoais que produzem sentimentos de segurança e de aceitação – fatores determinantes para que os conflitos possam ser manejados com habilidade, no contexto do diálogo constante, sem margem para que manifestações de violência ocorram. O conflito, nem sempre deve ser encarado como algo desagradável ao trabalho docente ou que mereça ser reprimido ou punido, há suas contribuições para o ensino aprendizagem, mas para que o professor possa tirar proveito da situação, é necessário compreender e identificar suas causas, para então traçar suas mediações e conduzir as partes a um diálogo favorável, porém, isso requer profissionalismo e boa didática. Paratanto, é necessário que o educador, esteja em constante inovação do conhecimento, a fim de desenvolver metodologias, seja através dos recursos da informática, seja com os midiáticos enfim, são ferramentas que podem auxiliar em muito as atividades educativas favorecendo a aprendizagem, além de ajudar o professor a identificar as deficiências do educando, bem como saber agir diante das mais variadas formas de conflitos. Para Salles Filho (2016, p. 311), portanto, é preciso olhar com mais cuidado para os processos de vivências / convivências humanas que se dão nos ambientes escolares, os quais estão vinculados aos processos de conflitos. Nesse sentido, é importante estabelecer novas práticas para mediar tais conflitos [...]. Há um cem número de profissionais que apresentam as mais variadas queixas diante das constantes e arbitrarias formas de resolução de conflitos, as dificuldades enfrentadas em lidar com as mais complexas situações. O presente estudo nos traz visão acerca dos reais problemas enfrentadas por profissionais na realidade atual escola lhe dar com os conflitos, sendo uma realidade sempre presente na vida do homem enquanto ser social, devemos reconhecer que a mediação e o bom diálogo, é a forma mais viável de proporcionar ao aluno *o saber*, pois só a educação é capaz de transformar as pessoas pra que elas transformem o mundo.

Palavras-chave: conflitos, educação, profissionais, gestão, metodologias, conhecimento.

Abstract

The present study addresses the result of a research about the term conflict management in the classroom. Based on the theoretical line of several researchers who defend the term as being common to human behavior from the height of their experience in society. Analyzing the scenario of the Brazilian education system in the last ten years, it appears that the subject in focus, portrays the embezzlement faced by millions of educators across the country, the teacher in his “office” of educating, experiences difficult moments in fulfilling his role of promoting knowledge in the life of the student. In view of the impasses generated by problems related to interpersonal conflicts between teacher / student and student / student, this research leads us to a reflection about the challenges currently faced by professionals in the classroom, however the problem of conflict has been the target of several questions about who are the real culprits for its occurrence. For (CECCON 2009, p. 60), one of the conditions for the bonds between people in the school to consolidate is to reach collective agreements that [...] favor friendly relationships. Positive interactions weave interpersonal connections that produce feelings of security and acceptance - determining factors for conflicts can be handled with skill, in the context of constant dialogue, with no scope for manifestations of violence to occur. Conflict, should not always be seen as something unpleasant to the teaching work or that deserves to be repressed or punished, there are its contributions to teaching and learning, but so that the teacher can to take advantage of the situation, it is necessary to understand and identify its causes, to then trace their mediations and lead the parties to a favorable dialogue, however, this requires professionalism and good didactics. For that, it is necessary that the educator, be in constant innovation of knowledge, in order to develop methodologies, either through the resources of computer science or with the media, in short, they are tools that can help in a lot the educational activities favoring learning, in addition to helping the teacher to identify the student's deficiencies, as well as knowing how to act in the most varied forms of conflicts. For Salles Filho (2016, p. 311), therefore, it is necessary to look more carefully at the processes of human experiences / coexistences that occur in school environments, which are linked to conflict processes. In this sense, it is important to establish new practices to mediate such conflicts [...]. There are a hundred professionals who present the most varied complaints in face of the constant and arbitrary forms of conflict resolution, the difficulties faced in dealing with the most complex situations. The present study gives us insight into the real problems faced by professionals in the current reality school gives you with conflicts, being a reality always present in the life of man as a social being, we must recognize that mediation and good dialogue, is the most viable way to provide students with knowledge, because only education is capable to transform people so that they transform the world.

Key words: conflicts, education, professionals, management, methodologies, knowledge.

Índice de Abreviaturas

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FNQ – Fundação Nacional da Qualidade

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação

MA – Maranhão

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

PIB – Produto Interno Bruto

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Índice de Figuras

Figura 1: Caracterização dos pais de alunos	79
Figura 2: Gênero da faixa etária dos entrevistados	82
Figura 3: Como avalia a convivência com seus colegas e professores na sala de aula	82
Figura 4: Já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou bullying na escola?83	
Figura 5: Qual sua reação quando ocorrem atos de violência verbal (palavrões, piadas de mau gosto, apelidos, vaias) para com algum de seus colegas de escola?	84
Figura 6: Em sua opinião, por que muitos sofrem bullying?	85
Figura 7: Já presenciou verdadeira “bagunça” dos alunos em plena aula de algum professor?	86
Figura 8: Em sua opinião, por que alguns alunos só “fazem bagunça” na aula de um professor especificamente, mas respeita os demais?	87
Figura 9: Qual o tipo de professor, cujas aulas não sofrem interferências dos alunos mais rebeldes?	87
Figura 10: Faixa etária dos professores entrevistados	90
Figura 11: Distribuição dos docentes segundo o grau de instrução	90
Figura 12: Distribuição dos docentes segundo a experiência profissional	90

Índice de Tabela

Tabela 1: Entrevistados	76
--------------------------------------	----

Índice Geral

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Epígrafe	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Índice de abreviaturas e siglas	ix
a. Introdução	14
a.a Justificativa	19
a.b Estrutura do trabalho	22
PARTE I	23
REVISÃO DA LITERATURA	23
CAPÍTULO I	24
O CONTEXTO HISTÓRICO DA GESTÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO E PRINCIPAIS CONCEITOS	24
1.1 Contexto histórico	26
1.2 O que é gestão	29
1.3 Conflitos	32
1.4 Contexto histórico da gestão de conflitos na educação	35
1.5 Gestão de conflitos na educação brasileira	38
CAPÍTULO II	41
CONFLITOS NA ESCOLA E NA SALA DE AULA	41
2.1 Histórico	42
2.2 Gestão de conflitos na escola	46
2.3 Principais conflitos em sala de aula	49
2.4 Os conflitos no ensino aprendizagem em sala de aula	53
2.5 Motivos dos conflitos	56
2.6 Medidas preventivas	59
CAPÍTULO III	63
PROFESSORES E A GESTÃO DE CONFLITOS	63
3.1 Histórico	64
PARTE II	69
ESTUDOS EMPÍRICOS	69

CAPÍTULO IV	70
METODOLOGIA DA PESQUISA	70
4.1 Introdução	70
4.2 Tipo de pesquisa	70
4.3 Locus da pesquisa	71
4.3.1 O estado do Maranhão	71
4.3.2 Local de investigação	73
4.3.3 Escolas associadas	73
4.4 Questões de investigação	73
4.5 Objetivos	74
4.5.1 Objetivo Geral	74
4.5.2 Objetivos específicos	74
4.6 Hipótese	74
4.7 Caracterização da amostra e critérios de seleção	74
4.8 Instrumentos de recolha e análise de dados	75
4.8.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados	75
4.9 Ética da Pesquisa	75
CAPÍTULO V	77
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
5.1 Apresentação e discussão dos resultados	77
5.1.1 A caracterização dos entrevistados	77
5.1.1.1 Perfil dos pais de alunos	77
5.1.2 Análise dos pais em relação aos conflitos em sala de aula	78
5.1.3 Resultado e análise dos entrevistados com os alunos	80
5.1.4 Resultado e análise dos entrevistados com os coordenadores	86
5.1.5 Resultado e análise dos entrevistados com os professores	87
5.1.5.1 Concepções do docente na gestão da mediação de conflitos em sala de aula	90
5.2 Análise geral da discussão	94
CAPÍTULO VI	99
CONCLUSÃO E LINHA FUTURA DE INVESTIGAÇÃO	99
6.1 Conclusão final	99
6.2 Linha futura de investigação	104
Referências Bibliográficas	106
APÊNDICE I	118

Roteiro do Questionário – Aplicação aos pais de alunos	118
APÊNDICE II	119
Roteiro do Questionário – Aplicação aos professores e coordenadores	119
APÊNDICE III	122
Roteiro do Questionário – Aplicação aos alunos	122
APÊNDICE IV	123
Termo de Consentimento da Escola	123
APÊNDICE V	125
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	125

a. Introdução

Para Georg Simmel, conflito é uma forma de associação humana em que as pessoas são colocadas em contato entre si e por meio da qual se pode alcançar a união. Para Chrispino, (2007) “o conflito está presente em nosso dia-a-dia, nos mais variados espaços que frequentamos. No fundo, crescemos e evoluímos em conflito – conosco e com o outro”.

Esse é um importante ponto de partida porque nos ajuda a evitar a ideia de que o conflito é o término das relações e interações. Ainda segundo Simmel (1983, p. 122): “Admite-se que o conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações. [...] é uma forma de associação”.

O conflito é uma atividade presente na vida do homem desde o início da humanidade e sempre fizeram parte do seu desenvolvimento em sociedade, a fim de prover as necessidades básicas de alimentação e moradia e garantir a sobrevivência sua e de seu grupo. Daí, a provável necessidade de seu caráter bélico. Ainda segundo Lessa (2004), a frequência e a forma que os conflitos ocorriam entre sociedades pré-históricas, estão relacionadas aos processos de aquisição de bens e a outras exigências relativas à sobrevivência.

Um indivíduo que graças as características biológicas, físicas e racionais e formas de comportamento específicas a sua espécie, ao longo de seu processo evolutivo, desenvolveu a capacidade de aprender e ensinar, de sociabilizar-se e viver em grupos. Por outro lado, o homem, este animal social, estava em constante atrito, com outros grupos, fosse por disputa de alimento, domínio de território e liderança de grupos.

Dando ênfase ao contexto, Christophe W. Moore (1998, p. 14), pondera que, “Todas as sociedades, comunidades, organizações e relacionamentos interpessoais experimentam conflitos em um ou outro momento no processo diário de interação. O conflito não é necessariamente ruim, anormal ou disfuncional, é um fato da vida” [...]. Em um mundo cada vez mais pontuado por complexas formas de conflitos, visto que a cor da pele, orientação sexual, religião e etnia podem ser o estopim de um acirrado conflito que pode envolver desde grupo de pessoas, regiões ou países. Concatenando, Weber apresenta a seguinte abordagem sobre o conflito.

[...] a luta é “uma relação-social na medida em que a atividade é orientada pela intenção de fazer triunfar sua própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros”. Esta luta pelo poder implica uma “concorrência quando é conduzida no sentido de uma procura formalmente pacífica de um poder próprio para dispor de oportunidades que outros também solicitam. (Weber, 2004, p. 256).

Conforme o contexto relatado, a escola é considerada um lócus propício ao surgimento do conflito, um ambiente onde diariamente a convivência de uma população muito diversa interage forçosamente de forma permanente, onde há o entrosso de complexas personalidades compartilhando expressões, comportamentos, opiniões e hábitos, seja em sala de aula, no recreio, nos corredores, cantina e outros espaços. Pois, não se trata apenas de um espaço onde os alunos aprendem os conteúdos das disciplinas. Há, no entanto, todo um envolvimento de relações interpessoais onde relacionamentos são construídos e outros desfeitos, ainda segundo Jares (2002, p. 43), que sustenta tratar-se de um "fenômeno de incompatibilidade" entre pessoas ou grupos, e está relacionado tanto com questões estruturais como as mais pessoais", caracterizando-se por ser um acontecimento simultaneamente dinâmico e dialético com picos de intensidade (altos e baixos), que percorreia um dado itinerário com variações multiformes.

As relações de conflito são algo que sempre esteve presente na vida das pessoas em sociedade. Em sala de aula, por exemplo, o termo caracteriza-se pela manifestação de qualquer atitude e/ou forma de comportamento manifestada através de palavrões, inquietação, apresentada pelo aluno em sala de aula, são atitudes incoerentes que na maioria das vezes é tratado como algo ruim e há um esforço de evitar, prevenir e contê-los o mais rápido possível.

“A escolha de soluções para resolver a diversidade conflitual, é função de uma multiplicidade de condicionantes, entre as quais se destacam a natureza do objeto da divergência, as características (competências, saber e poder) das partes e o tempo disponível”. (Neves e Carvalho 2011, p. 595).

Neste momento, há uma estratégia de contribuição onde o professor concilia os conflitos, evitando enfrentar a bagunça, as brigas, furtos e o vandalismo e por meio do diálogo e boas práticas pedagógicas criar relações sadias de convivência, em sua opinião Michel destaca que:

Para Foucault (1979, p. 126) “Por isso a disciplina é uma arte de adestrar os corpos humanos, torná-los obedientes, tendo em vista satisfazer a determinadas exigências da organização social e capitalista. “[...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis'. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”.

O conflito está tão presente em sala de aula na atualidade, que dependendo da sua intensidade, acaba, destruindo relações duradouras entre as pessoas, tornando-se cada vez mais prejudicial as pessoas. Por ser um fenômeno constatável nas relações humanas desde que este passou a viver em sociedade, o conflito justifica sua gênese e manifestação. Moraes e Spengler (2008, p. 134) reiteram este conceito dizendo que “com o auxílio do mediador, os envolvidos buscarão compreender as fraquezas e fortalezas de seu problema, a fim de tratar o conflito de forma satisfatória. Na mediação, por constituir um mecanismo consensual, as partes apropriam-se do poder de gerir seus conflitos [...]”, a ciência por sua vez, desde que ganhou força através de seus vários ramos e abordagens aos vários conceitos e teorias que enquadram o conflito em diferentes correntes.

A sociedade contemporânea vivencia cada vez mais o desgaste físico, emocional e psicológico de educadores que perdem boa parte do horário de aula, resolvendo conflitos. Entretanto, o educador nunca esteve tão envolvido por impasses como se observa atualmente. E é esse fator primordial que está sempre reciclando sua didática de ensino. Em um dado momento, faz-se urgente a necessidade de se ater aos múltiplos aparatos tecnológicos - um instrumento que ao mesmo tempo, facilita e dinamiza o trabalho docente, aguça a curiosidade do aluno, mantém sua mente ocupada e priva-o de práticas desnecessárias durante a aula. Ainda segundo Brasil (1998, p. 96), “é indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumentos de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras”.

Por outro lado, se o docente se retrai ao comodismo, é omissos em inovar suas metodologias, este estará sujeito a expor conteúdos longos e complexos, não entender o que explica, aplicar notas arbitrárias, avaliações incoerentes ou complexas (na visão do aluno), falta de material didático, não atender as necessidades do aluno. Daí, a importância de o educador exercer bem o seu papel frente aos desafios, pois além da experiência, a formação adequada e vocação. (Lira e Gomes, como citado em Gomes 2005, p. 348), enfatizam ainda que, “o professor precisa estar consciente da sua posição de classe, de como esta interfere no seu trabalho e das disparidades sociais presentes na escola e na sociedade em geral, dando abertura para reações dos estudantes”.

Ainda de acordo com Gomes:

[...] verifica-se que a relação professor-aluno é marcada por grandes diferenças individuais e uma ampla variedade de situações sociais e o professor é um ser humano e social que não pode deixar de reagir diferentemente a situações e pessoas. Contudo, o que deve ser evitado é o tratamento que afeta negativamente os estudantes, embora possa não ser intencional e consciente, por isto mesmo mais perigoso. Inúmeras pesquisas revelam o despreparo do professor em face das violências ao adotar comportamentos que podem ser evitados. (Gomes 2005, p. 143).

O sistema de ensino nunca esteve tão rodeado desafios como vemos hoje. Há um aumento das exigências em relação ao professor; as contradições no exercício da docência; mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo; menor valorização social do docente; mudança nas relações professor aluno, hoje marcada por muitos conflitos entre outros.

O conflito seja em sala de aula quando o aluno se opõe as normas estabelecidas pelo educador afim de manter ordem na sala, seja em atos de rebeldia, intransigência, desacato traduzido na falta de desrespeito contra a própria direção da escola, na bagunça ou agitação motora, podendo ser ainda manifestada por um indivíduo ou grupo de pessoas.

Faz-se necessário nessa perspectiva, analisar quais ações e métodos a gestão escolar e democrática tem desenvolvido para amenizar os problemas relacionados as diversas formas de conflitos resultado dos impasses no relacionamento entre *docentes versus discentes*, *gestão escolar versus discentes*. Relação conflituosa esta que se caracteriza pela má conduta do aluno que na maioria das vezes reflete em forma de vandalismo, preconceito e palavrões. São, pois, situações de comportamento (in)disciplinar que põe em xeque as relações no ambiente escolar como um todo. Entre alunos no ensino das séries finais da Educação Fundamental do município de Igarapé Grande – MA.

Assim, a natureza da pesquisa, os objetivos que se almeja alcançar ao lidar com questões adversas relativas as diversas formas de conflitos em sala de aula no contexto escolar.

As dificuldades manifestadas por educadores que variam desde a falta de participação nas aulas, a recusa nas regras impostas para manter ordem na sala, desmotivação, inquietação, furto de materiais, agressões verbais e/ou psicológicas e tantos outros que atrapalham o trabalho docente e impede que a aprendizagem aconteça satisfatoriamente.

A falta da família no acompanhamento escolar do seu filho. Esses são alguns dos motivos geradores de conflitos que trazem para sala de aula momentos de insatisfação quanto ao trabalho do professor. Marques (2012), destaca ainda que:

as crianças não nascem mal educadas, o que as torna, é consequência da educação que recebem desde a tenra idade. Esse conjunto de comportamentos cujos aliados, “família e escola” de que depende a “educação” um processo que constrói valores, atitudes, hábitos e tradições ao longo de sua de sua vida e, assimilado nas relações vivenciadas no cotidiano a qual está inserido. (Marques, 2012, p. 34).

A escola junto a seu corpo docente, é uma instituição com fim especial e responsabilidade de promover no indivíduo a busca pelo conhecimento necessário ao sucesso, exercer seu papel como um profissional no mercado de trabalho, praticar suas ações, seus valores usufruindo do conhecimento adquirido através da educação. Trata-se de um processo, cujas conquistas, requer superação, renúncia, lamentação sobre algo que se perdeu ou não alcançou, é obra daqueles que acreditam, vive e investem. Brandão (1988, pp. 64-65) em sua visão filósofa, destaca que: “Educação. Do latim Educare, que quer significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste essencialmente na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando.

A escola, um espaço de socialização onde muitos frequentam por acaso, sem objetivo almejado e/ou futuro a alcançar, há uma diversidade de opiniões e formas de conflitos a serem superados. A escola, portanto, não pode estar sozinha no compromisso de educar, disso depende a família, visto que determinados hábitos, comportamentos, costumes, tradições e valores, são de responsabilidade da família. Cabe a escola, através de seus profissionais, ensinar o aluno a conduzir seus comportamentos e atitudes, desenvolver uma aprendizagem não apenas de aprender a ler, escrever e falar corretamente, o discente precisa aprender a tomar suas decisões, resolver seus problemas em dadas situações conflituosas dentro e fora da escola.

A formação do indivíduo é um dos determinantes da indisciplina, quando o jovem não tem acesso a uma boa educação, a influência e convivência no meio social o faz, podendo estabelecer regras e princípios inválidos em sua vida, é necessário que o aluno aprenda a se abstrair de relações conflituosas desnecessárias. Será neste cenário, que em sala de aula, o professor, em suas habilidades e conhecimentos, poderá promover as transformações precisas, para fazer com que por meio do ensino o aluno veja diversas formas de soluções para determinados problemas. Essa educação transformadora é que irá modificar a sociedade.

a.a Justificativa

Várias são as atitudes de alunos indisciplinados cujo comportamento consiste em não sentar, gritar ou falar alto, mencionar palavrões com colegas ou professor, não fazer as atividades entre outras. É diante dessas e outras atitudes que resultam em conflitos na sala de aula, o que leva milhares de professores a se questionar sobre suas metodologias, enquanto outros se sentem despreparados em mediar as situações de conflitos.

Há um grande número de educadores que atualmente relatam as mais variadas queixas relacionadas a situações de conflitos no ambiente escolar e as dificuldades no enfrentamento ao impasse. O presente trabalho nos permite uma análise minuciosa acerca das dificuldades que os profissionais da rede municipal de Igarapé Grande das series finais do ensino fundamental relatam em gerir as situações de conflitos que atrapalham seu trabalho em seu ofício de educar.

a.b Problemática

O Brasil ocupa o primeiro lugar no quesito “tempo gasto para manter a ordem na classe”. É o que indica a Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizado (Talis, na sigla em inglês), respondida por professores de 32 países em 2015. Trocando em miúdos, os professores brasileiros são os que mais perdem tempo tentando combater a indisciplina escolar.

Em uma análise no que tange todas as manifestações de conflitos e comportamentos indisciplinados em sala de aula, um para cada quatro docentes: 23%, perde 10% do tempo com problemas de indisciplina inquietações e tumultos; e para muitos professores as interrupções afetam 20 a 30% da aula e 6% fica com menos da metade do tempo para dar o conteúdo. A responsabilidade do problema, para 39% dos docentes, aponta os pais, às políticas educativas governamentais 37% e aos alunos 34%. É a segunda vez que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) faz essa pesquisa com profissionais que atuam nos últimos anos do Ensino Fundamental.

Partindo da análise dos resultados negativos verificados na avaliação do IDEB das escolas a serem investigadas, optou-se por duas (02) escolas da zona urbana, uma vez partido da descrição desses dados, será possível fazer um levantamento acerca da realidade das diversas relações de conflitos no campo de investigação e dos sujeitos a serem analisados.

Para tratar da problemática envolvendo as diversas relações de conflitos e

comportamentos (in)disciplinares, é preciso compreendê-los, saber os fatores que acarretaram as relações conflituosas, tanto em sala de aula, na escola ou na sociedade como um todo. Ainda segundo Del Prette & Del Prette (2005) comentam que:

Comportamentos antissociais decorrem de uma multiplicidade de fatores que interagem e potencializam efeitos negativos, o curto, médio e longo prazo, caracterizando uma trajetória de risco. Em curto, prazo pode gerar rejeição dos colegas dos adultos, baixo rendimento acadêmico ou indisciplina. A médio e longo prazo, tais comportamentos podem aumentar a probabilidade de fracasso escolar, evasão, delinquência, drogas, alcoolismo, participação em gangues, criminalidade e finalmente, dependência das instituições sociais de assistência e maiores taxas de morte e doença. (Del Prette & Del Prette, 2005, p. 23).

Todas as relações interpessoais vividas em sala de aula entre docente e discente, são momentos privilegiados para o desenvolvimento integral do aluno, uma vez que tais relações sejam sadias e não haja necessidade de intervenção do professor por gerar situações de atritos, fugir do respeito e da justiça.

As relações de conflitos em meio escolar é uma temática claramente inscrita na ordem do dia e um fator de preocupação para muitos países, sendo que a forma como muitas vezes é abordada, desligada dos fatos concretos e dos contextos reais em que ocorrem, pode tender a dar das nossas escolas uma imagem pouco realista, acentuando, em muito, problemas que efetivamente existem, mas que, na maior parte dos casos não serão particularmente graves. Ainda de acordo com Camacho (2001, p. 129), “o termo indisciplina não pode se restringir apenas à indicação de negação ou privação da disciplina ou à compreensão de desordem, de descontrole, de falta de regras. A indisciplina pode, também, ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo”.

Em muitos discursos sobre esta temática, é também relativamente frequente a procura dos interlocutores causadores de conflitos, para poder responsabilizá-los ou mesmo puni-los, sejam eles os jovens que "se opõe as regras", os pais que "não os sabem educar", ou os professores que "não sabem resolver os conflitos em sala de aula". Para o educador, parece bem mais importante identificar a causa dos diversos conflitos em sala de aula gerados tanto pelo mau relacionamento entre alunos, como aqueles cujo comportamento é indisciplinar por se opor as atividades. É neste sentido, que o professor e demais profissionais devem intervir junto aos interlocutores a fim de sanar tais conflitos e prevenir que o problema se torne indisciplinar.

Sabemos que a escola, é um ambiente social onde há convivência de pessoas com as

mais complexas relações sejam construídas em relações amorosas, carinhosas, de solidariedade, companheirismo ou afetivas. Como também onde relações são desfeitas ou destruídas. Porém, não é possível haver uma escola sem casos de relações conflituosas, indisciplinadas e rebeldia, quando o espaço envolve agentes das mais complexas personalidades.

Friedrich e Weber reforçam este pensamento e defendem que.

Conflitos são naturais e em muitos casos necessários. São o motor que impulsiona as mudanças. No entanto, muitos conflitos são desnecessários e destroem valores, causando prejuízo para as empresas e pessoas que nela trabalham. O principal desafio dos gestores é identificar os conflitos produtivos e contra produtivos e gerenciá-los. (Burbridge e Burbridge 2012, como citado em Taise e Mara, 2014).

Vivemos numa sociedade e numa época em que crescem assustadoramente as situações de pobreza e de exclusão social, quando ressurgem com intensidade a possibilidade de novas guerras e os conflitos étnicos, políticos, religiosos e territoriais perduram por séculos, quando o dia a dia de muitas crianças e jovens é marcado pela instabilidade, pelo desemprego ou trabalho precário dos pais, por um presente sem perspectivas de futuro; quando diariamente cenas de enorme violência são transmitidas e banalizadas pela televisão, se vêem nos filmes, no futebol, nos telejornais. Através desses dados, inferimos a visão de que grande parte dos trabalhos trazem elementos novos ao investigar as causas de tantas relações conflituosas e indisciplinadas acontecendo dentro dos muros escolares. Com base na ideia de Ribeiro:

“A forma mais eficaz e assertiva de chegar a um consenso e de prevenir um determinado conflito é a mediação. [...] o conflito e a violência estão, cada vez mais, presentes nas escolas manifestando-se de várias formas com efeitos devastadores para toda a comunidade educativa, até mesmo mergulhando a escola numa crise de legitimidade. Para inverter esta tendência é necessário desenvolver uma educação para a convivência e para a gestão positiva dos conflitos, a fim de se construir uma cultura de paz, de cidadania e de convivência no meio escolar.” (Tomás 2010, p. 27).

Vale frisar que, muitas das relações de conflitos que o professor tem enfrentado em sala de aula, são problemas com jovens cuja base familiar é desestruturada. Isso significa que esses comportamentos indisciplinados encontram-se fora da escola. A esta também cabe alguma responsabilidade na produção ou agravamento desses comportamentos, quando não tem em conta a diversidade social e cultural dos seus alunos, desvaloriza a sua cultura e os

seus saberes, assegura uma oferta única de situações de ensino aprendizagem. Neste quadro, a escola pode também significar para muitos jovens um cotidiano de violência, onde se acumulam os apelos à passividade, ao individualismo, à competitividade, os insucessos escolares, os resultados negativos dos testes, as chamadas de atenção permanentes, as dificuldades em perceber a utilidade do que querem que se aprenda, a perda da autoestima. Ainda na visão de Laplanche e Pontalis sintetizam a concepção psicanalítica do conflito assinalando que:

A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e pôr fim ao conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição (Laplanche e Pontalis 1986, p. 131).

Alguns desses alunos possui um cotidiano atropelado por cenas de violência e contato com drogas, quantas vezes acentuado por horas passadas em instalações e espaços com um mínimo possível de conforto, com mobiliário desajustado e equipamento antiquado, sem espaços de convívio familiar digno. Desse modo, algumas indagações são convenientes nesse momento para estudos mais centralizados no município da pesquisa. Quais os conflitos existentes atualmente em sala de aula nas escolas do município? Quais os motivos dos conflitos existentes em sala de aula? Que medidas tem adotado para amenizar os conflitos em sala de aula? Esses conflitos estão atrapalhando o ensino aprendizagem em sala de aula? O corpo docente está preparado para amenizar os conflitos em sala de aula?

É claro que é possível amenizar tais conflitos, como demonstram os exemplos de muitas escolas, de muitos professores e de muitas associações de pais. Com a consciência de que nem tudo que passa pela escola e de que nem tudo que a esta não compete fazer milagres, que a escola, assim como todo e qualquer ambiente social é passivo de relações interpessoais conflituosas sejam elas passivas ou de climas tensos. O importante, é que são situações possíveis de se resolver através do diálogo; climas tensos que possam gerar indisciplinas e comportamentos indesejáveis; melhorando o clima existente nas escolas e criando condições para que cada vez mais os jovens possam usufruir da própria escola pública de qualidade a que têm direito.

a.c Estrutura do trabalho

O capítulo I - descreve os principais conceitos acerca das relações de conflitos que ocorrem tanto na educação brasileira como um todo, como nas demais relações sociais. Trata-

se de um impasse entre pessoas ou grupos, onde a má gestão, pode resultar em situações desagradáveis entre os envolvidos, além de comprometer o andamento sadio das relações.

O capítulo II - nos traz uma abordagem sobre o conflito e sua ocorrência em sala de aula, onde o docente precisa estar “apto” a mediá-lo de forma democrática as partes e ao ensino aprendizagem. Por outro lado, quando este envolve relações/grupos mais complexos ao ambiente escolar, há neste caso, a necessidade do envolvimento da gestão escolar, equipe pedagógica e, é claro, da família. Ambos, poderão promover ações preventivas visando um equilíbrio de tais relações ou impedimento das mesmas.

O capítulo III - relata desde as ações que podem ser promovidas pelo docente mediante as mais complexas relações de conflitos e suas técnicas de mediações. Cabendo ao profissional tanto a adoção de meios viáveis a solução do problema, como também não deve o educador encará-lo todavia, como algo negativo e sujeito a repreensão.

O capítulo IV - Descreve o roteiro de desenvolvimento da pesquisa, tendo o método quantitativo como técnica adotada, através da qual, foi aferido o processo de investigação com a aplicação de questionários envolvendo perguntas que traduzem a realidade de opinião do público alvo.

Aborda os objetivos desenvolvidos, hipóteses levantadas, bem como a opinião de coordenadores, professores, alunos e pais de alunos, como autores do estudo, destacando em contextos e gráficos, os resultados e ponto de vista dos entrevistados. Vale frisar, que a presente pesquisa aconteceu em (02) duas escolas de ensino fundamental maior do município de Igarapé Grande, um dos 217 municípios do estado do Maranhão, Brasil.

O capítulo V – Apresenta todas as discussões no tange os resultados da pesquisa, o ponto de vista dos coordenadores e professores em relação as mais complexas relações de conflitos que comprometem o cotidiano do trabalho docente, destacam ainda uma grande carência da família na escola, o que dificulta em muito o trabalho da escola. Destaca ainda, a opinião dos pais em relação aos impasses e desacordos gerados pelo conflito em sala de aula, por se tratar em sua maioria de famílias sem instrução, não sabem como encaram o problema.

O capítulo VI – Trata da linha de conclusão, o que envolve todo resultado no que diz respeito ao conflito quando este ocorre dentro e fora sala de aula, os prejuízos causados ao ensino aprendizagem e a relação entre alunos e com o professor, o que compromete e muito o trabalho docente.

Retrata ainda o papel do educador, bem da coordenação pedagogia frente as relações conflituosas que põe em cheque a cada dia o trabalho educativo. Relata também, que felizmente as famílias ainda ocupam lugar de destaque na educação dos filhos. Por outro lado,

sabe-se que a desestrutura econômica e a falta de instrução sempre foram grandes vilões nessa trajetória.

Destaca as propostas/ideia a uma futura linha de investigação por outros pesquisadores, todas as referências bibliográficas e opinião de teóricos acerca do problema em estudo, o roteiro de questionários aplicado aos alunos, aos pais de alunos, coordenadores e professores, bem como os termos de compromisso e ofícios e consentimento livre e esclarecido apresentado a direção das escolas para aquisição e autorização para realização da pesquisa.

PARTE I

REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO I

O CONTEXTO HISTÓRICO DA GESTÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO E PRINCIPAIS CONCEITOS

Todas as transformações ocorridas na sociedade ao longo tempo em âmbito geral, trouxe diversos desafios no campo educacional. Por um lado, o capitalismo que emergiu junto a industrialização, introduziu um novo estilo no padrão de vida das pessoas decorrente da estruturação produtiva e econômica, por outro, fruto dos avanços tecnológicos, a globalização promoveu uma reorganização social, desde os meios de comunicação, novas formas de consumo, tradições, culturas enfim, tudo passou a ser reajustado a um novo paradigma ditando o que as pessoas deveriam consumir a seguir.

Com base nesse contexto, o autor destaca que:

Este movimento, embora não seja novo, uma vez que se constitui na intensificação do processo histórico de internacionalização da economia, reverte-se de novas características, posto que está assentado nas transformações tecnológicas, na descoberta de novos materiais e nas novas formas de organização e gestão do trabalho. (Kuenzer, 2003, pp. 33-34).

Toda essa dinâmica trouxe novas exigências, a globalização veio como uma avalanche de mudanças seja no setor empresarial ou no estilo de vida das pessoas como um todo. Toda essa dinâmica introduz vários marcos na sociedade, emerge aí, novos paradigmas econômicos, novos hábitos e formas de comportamento, o que constitui ainda novas relações entre trabalho e ciência. A educação, por exemplo, historicamente vivencia um novo princípio perante ao modo como gestor e educadores passam a gerir as relações que ali acontecem. Ceccon (2009, p. 20) enfatiza sua opinião neste tópico dizendo que, “Você, como uma das lideranças da escola, pode criar condições para que os conteúdos aqui reunidos sejam utilizados da melhor e mais útil maneira, provocando reflexão e ações coletivas rumo ao fortalecimento de um clima favorável ao diálogo e à aprendizagem”. A educação passou a ser vista, a um novo projeto pedagógico precisou ser pensado para formar cidadãos mais críticos que atendessem as demandas de uma sociedade globalizada e exigente.

A “Terceira Onda” (Toffler, 2014, como citado em Silva, p. 3), que é destacada pelo autor, diz respeito às transformações constantes que a nossa sociedade vem sofrendo, em especial devido aos avanços na tecnologia, o que provoca alterações na comunicação e na propagação de informações, sobretudo no meio educacional.

A disponibilidade e acesso aos novos recursos, vai além das novas formas de comunicação e relacionamento entre as pessoas, isso impacta diretamente no comportamento dos jovens no ambiente escolar, o que significa dizer, que além dos conflitos já existentes, o docente está sujeito a lidar com problemas relacionados ao uso exacerbado desses recursos em sala de aula. Barros e Cavalcante (1999, p. 282), retrata o uso desses recursos dizendo que: “Desse modo, o uso de recursos computacionais em educação, será tão prejudicial, quanto for o desconhecimento do professor e da escola sobre estas novas tecnologias, e a falta de um planejamento de ensino voltado para a construção do conhecimento.”

A escola, como instituição de socialização, existe porque conceitos básicos como respeito, moral, modo de falar e a postura em tempos remotos, era de responsabilidade da família. Em virtude de tantas conturbações fruto da desigualdade social e disparidade na distribuição de renda que há no Brasil, isso repercute diretamente na estrutura precária que milhares de famílias enfrentam atualmente.

Em concordância a este tópico, Magalhães (2012) afirma que:

[...] a desigualdade, enquanto condição estruturante da formação histórica da sociedade brasileira, não se restringe à imensa pobreza econômica que atinge um enorme contingente de brasileiros. Parte-se do entendimento de que a desigualdade se reflete tanto na forma de distribuição da renda como nas formas de acesso aos bens socialmente produzidos e aos direitos formalmente garantidos. (Magalhães, 2012, p. 88).

Nesse contexto, a escola, que antes era incumbida do papel de promoção do saber e conduzir o educando ao conhecimento, agora, ver-se frente de dois impasses exercendo um “compromisso” não mais exercido pela família. Portanto, todos os valores e normas antes aprendidos e transmitidos entre as gerações, de grupos de amigos ou família, já não existem, podemos afirmar que sem outro viés, além da educação, através de seus agentes, como meio de viabilizar o educando acerca da importância de preservar determinadas práticas no ambiente escolar.

1.1 Contexto histórico

As diversas habilidades na forma de aprender e ensinar adquiridas pelo homem ao longo de gerações, seu processo de evolução resultando no que vemos atualmente, uma sociedade marcada por transformações territoriais, políticas, econômicas, culturais e principalmente tecnológicas, a busca incessante pelo conhecimento, aguçou a mentalidade do ser humano, desde então, o termo conflito passou a integrar sua trajetória e suas ações na sociedade em âmbito geral, segundo Rosana.

De acordo com o pensamento de que consideravam serem “as contradições” e a inspiração para a linha de estudos da sociologia conhecida como a Teoria do Conflito, as estruturas da organização social revelam desigualdades que levam ao conflito. Aqueles que detêm o poder de controlar os meios de produção podem consolidar o poder e desenvolver ideologias para manter seus privilégios, enquanto aqueles, desprovidos dos meios de produção, eventualmente entram em conflito com os mais privilegiados. (Marx e Engels, 1996, como citado em Neves, 2013, pp. 23-24).

Numa análise ao contexto histórico da gestão escolar através dos tempos, culminando com a contemporaneidade, deparamo-nos com uma sequência cada vez mais frequente de situações conflituosas no ambiente escolar. É importante frisar, que nem sempre os conflitos são oriundos no cotidiano escolar. Em sua visão acerca do conflito Moore (1998. p. 5), enfatiza que “todas as sociedades, comunidades, organizações e relacionamentos interpessoais experimentam conflitos em um ou outro momento no processo diário de interação. O conflito não é necessariamente ruim, anormal ou disfuncional, é um fato da vida [...]”.

Nem todo comportamento indisciplinar deve ser encarado como algo isolado, o aluno ao praticar ações do tipo riscar paredes, quebrar quadros, cadeira, mesa entre outros, isto é, como diz a terceira lei de Newton - as forças sempre atuam em pares. Nunca existirá ação sem reação, o aluno, portanto, nunca age isoladamente, há sempre o incentivo e/ou insultos de terceiros, que por ato de provocações, xingamentos e piadas preconceituosas e outras práticas que comprometem todas as relações pessoais e interpessoais de que depende o trabalho docente.

A formação acadêmica é o estopim do ofício de ser professor, seu profissionalismo constitui-se etapa decisiva na aquisição de várias experiências e práticas pedagógicas. Na visão de Altet (2001) comenta que:

A experiência vivida, o conhecimento íntimo das situações, a imersão no ofício, os estágios para observação do trabalho de colegas, as iniciativas pedagógicas testadas

e as inovações, é que possibilitam aos professores o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo. [...]. (Altet, 2001 pp. 31-32).

A sala de aula é um ambiente que envolve inúmeras personalidades, e todo conhecimento e experiências adquiridos pelo educador é crucial na intervenção e mediação das relações conflituosas através de práticas educativas. Promover o diálogo sadio orientando o aluno quanto a importância do respeito, a compreensão e a passividade.

Se opuser a fazer as atividades intra e extraclasse, sentar-se incorretamente, falar palavrões com professor e colegas, prática de bullying e preconceito, maltrapilhar materiais, são apenas alguns entre os tantos impasses que o educador precisa superar em seu cotidiano de sala de aula para então ministrar o conteúdo e obter os resultados satisfatórios no ensino aprendizagem.

Em vários argumentos, um número cada vez maior de professores, relata que a tarefa de ensinar nunca esteve tão comprometida como atualmente. Assim como a escola está perdendo seu valor como instituição promotora do conhecimento, do aspecto moral e cultural, psicológico e social. Para Chrispino (2002, p. 22), “Logo, se a escola é o universo que reúne alunos diferentes, ela é o palco onde certamente o conflito se instalará. E, se o conflito é inevitável, devemos aprender o ofício da mediação de conflito para que esta técnica se aprimore facultando a cultura da mediação de conflito”.

Tendo em vista o crescente número de profissionais que relatam os mais intensos episódios de alunos com comportamentos indisciplinados, pois variam desde palavrões, xingamentos, empurrões, palavras preconceituosas, piadas, agressões verbais e/ou físicas, gestos obscenos entre outras práticas que caracterizam a indisciplina e, portanto, geradoras de conflitos. É importante frisar, que nem sempre a exaustão, reclamar com berrões ou gritar, caracteriza como resposta a situação. Para Ramiro.

É urgente as escolas tomarem consciência e assumirem no seu projeto educativo a dimensão positiva, transformacional e preventiva que o conflito pode assumir, mediante a promoção de programas de intervenção em contexto escolar, seja pelo treino de mediadores, seja pela introdução transversal ao currículo de um programa de resolução de conflitos. É fundamental a constituição e formação de equipas de intervenção que atuem na prevenção: apoios, tutoria, clubes, etc. Sinalizar os alunos, “antecipar” os casos e atuar antes que se verifique o agravamento do conflito, nomeadamente fazer os alunos participar na vida democrática da escola, auscultá-los, ouvi-los com sinceridade. (Sousa, 2014, p. 08).

Todas as ações que resultam em comportamentos (in) disciplinares, badernas, brigas,

empurrões, xingamentos, discriminação, riscar paredes, quebrar cadeiras, mesas e quadros, palavrões com o professor dentre outras séries de situações causadoras de conflitos, provocados por alunos, que “pelo menos” sabem o real sentido de estudar. É importante entender, que a maioria das ações que caracterizam essas e outros tipos de conduta, são alheias à escola, são jovens cujas origens sociais são gritantes.

A forma como a população brasileira tem acesso aos serviços básicos de saúde, educação, transporte, trabalho, moradia entre outros. Como assegura a Constituição Federal (1988, art. 60), são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Como se percebe, são direitos assegurados por lei a todos brasileiro, mas, infelizmente milhares de pessoas por serem lesadas, acabam sendo um privilégio de poucos.

Esse quadro reflete diretamente as condições vida que milhares de pessoas atualmente vivem no Brasil. Resultado da má gestão dos serviços públicos pelo governo, direitos básicos como moradia, segurança, saúde e educação e, portanto, essenciais ao mínimo possível direito ao cidadão.

São milhares de jovens e adolescentes que morrem diariamente vítimas da violência, prostituição e drogas, são pessoas desassistidas, que por falta de incentivo e/ou oportunidades, acabam, pois, evadindo-se da escola precocemente. Há que frisar, a realidade de muitas famílias desestruturadas por tais problemas. Com base nesse contexto, pode-se afirmar, que a maioria dos problemas envolvendo alunos indisciplinados que possui relações imaturas resultando em diversos conflitos entre si, e com professores, em sua maioria, tem origem fora da escola.

A escola como instituição criada para fins educativos, sendo um direito garantido a todos perante a lei, frequentá-la sem restrições. Por outro lado, a “lei”, deveria assegurar não só a obrigatoriedade de frequência, como também, regulamentar perante a Constituição Federal, a garantia da ordem e o respeito, critérios básicos à preservação de sua estrutura em uma visão geral. Silva (2018) destaca em seu artigo que:

Como prevê a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Base da Educação), em seus arts. 12 e 14 e respectivos incisos 3, o Regimento deve ser construído com a participação de toda comunidade escolar, abrangendo os direitos e deveres, tanto dos alunos quanto dos professores, dos funcionários e dos gestores, bemcomo promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência. (Silva, 2018, p. 16).

A Constituição Brasileira contempla um conjunto de leis, que está entre as mais complexas do mundo. Os trâmites que regulam a educação no País, faz-se necessário um novo olhar para o sistema de ensino no Brasil. Diante da impunidade e do não cumprimento das normas que regem o sistema de ensino, educadores se sentem impossibilitados de enfrentar os problemas, são situações nada proveitosas, acaba por gerar somente prejuízos ao trabalho docente, indisciplinadas e violência, fazendo com que educadores se sintam cada vez mais incrédulos com relação a possíveis soluções.

É urgente a necessidade de políticas públicas em prol da educação, a gestão escolar precisa de mais autonomia para garantir que o Regimento Escolar com suas “medidas e leis” sejam seguidas, respeitadas e todas as relações interpessoais ocorra sem comprometimento de atitudes de alunos indisciplinadas e conflituosas, para isso, é preciso rever a função da escola e seus agentes possam cumprir seu papel.

1.2 O que é gestão

A palavra gestão provém do latim que significa: levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, exercer ou gerar. Etimologicamente, o termo tem sua raiz em *ger*, que significa fazer brotar, germinar, fazer nascer. Para Silva (2013, p. 6), a administração consiste em “um conjunto de atividades dirigidas à utilização eficiente e eficaz dos recursos, no sentido de alcançar um ou mais objetivos ou metas da organização”.

Em sua forma mais abrangente, a expressão caracteriza a administração das mais complexas formas de produção desenvolvida pelo homem principalmente a partir da revolução industrial, assim como afirma Griffiths (1974) que:

“Toda administração ocorre dentro do contexto de uma organização”, pois não existe administração sem organização, que é considerado um tópico de total importância para a administração, a qual também diz respeito não somente a organização institucional como também à própria organização social [...]. (Griffiths, 1974, p. 80).

De modo geral, as diversas fases de evolução e a forma como a sociedade se organizou ao longo do tempo, movida pelo modo de produção capitalista. Independentemente do âmbito em que se atribui a expressão, o empresarial, onde é usada com mais frequência. Para que os recursos financeiros, humanos e materiais e os objetivos almejados sejam alcançados, é necessário que o gestor ou diretor, coloque em prática uma série de estratégias de maneira coordenada. Para tanto, é primordial o domínio de determinadas habilidades na gestão de

recursos materiais e humanos disponíveis, algumas decisões tomadas até que se alcance os resultados desejados. Ainda segundo Glauco (2016) comenta que:

O termo *administração* carrega em si a ideia de coordenação de recursos e pessoas para a realização de tarefas; administrar é, pois, operacionalizar as atividades a fim de atingir determinado objetivo. Esse conceito remete à responsabilidade que alguém assume para a execução de algo; para tanto, o administrador terá de cumprir planos e estabelecer metas, buscar informações sobre a realidade em que está inserido, motivar as pessoas e controlar os recursos. (Glauco, 2016, p. 25).

Desde meados do século XVIII, quando a sociedade adquiriu tamanha complexidade, grandes mudanças ocorreram no cotidiano de vida das pessoas, pois o vestuário, os meios de transporte e consumo em geral, todas as atividades desenvolvidas passaram a ser mecanizadas, a fim de atender a demanda de consumo. Houve o aumento gradativo nas diversas formas de produzir bens e serviços, partindo dessa perspectiva, surgiu a necessidade de melhorar o sistema de produção, aumentar a eficiência e a produtividade das empresas. Implementou-se então, a divisão pormenorizada do trabalho, a divisão de tarefas e forma de administrá-las, intensificando-se o controle do trabalho, originando-se daí a necessidade da gerência.

A esse “chefe” cujo poder central caberia entre outras atribuições a coordenar, orientar e fiscalizar o trabalho das equipes responsáveis por determinada frente de produção, Schultz (2016, p. 25), ainda reforça este tópico dizendo que, o termo *administração* carrega em si a ideia de coordenação de recursos e pessoas para a realização de tarefas; administrar é, pois, operacionalizar as atividades a fim de atingir determinado objetivo. É importante frisar, que a pessoa que assume a gerência, é sempre alguém com mais experiência profissional, se comunica com facilidade, alcança objetivos desejados, identifica os problemas que podem e/ou afetam a empresa e resolve com satisfação, buscando algo vantajoso e alcança bons resultados.

Assim como acontece em toda empresa, o gestor é a pessoa com mais experiência profissional dentro de um determinado grupo de educadores, designado para administrar uma escola. Entre as diversas responsabilidades que lhe são conferidas, está a articulação de projetos pedagógicos junto ao corpo docente, bem como auxiliá-los frente aos diversos problemas relacionados aos impasses em sala de aula, que atrapalham o ensino aprendizagem para que os profissionais tenham êxito, ainda segundo a LDB/96.

Define como princípios da gestão democrática a participação dos profissionais da educação na elaboração dos projetos pedagógicos da escola; a participação das

comunidades escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes; progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira às unidades escolares públicas de educação. (LDB 1996, art. 14).

A sociedade contemporânea vivencia um período áureo de mudanças proporcionadas principalmente pelas tecnologias. Diante desse cenário, percebe-se o quão tem se tornado complexo o trabalho do gestor que mesmo havendo uma parceira com outros profissionais, as relações interpessoais no ambiente escolar estão a cada dia mais difícil lhe dar com personalidades e comportamentos alheios ao ato de ensinar, aos poucos a escola está perdendo sua identidade e o papel a qual foi incumbida a princípio, Young (2007, p. 1288), em seu livro para que servem as escolas, destaca que são “[...] instituições com o propósito específico de promover a aquisição do conhecimento [...]”, um conhecimento específico, que não seria ensinado em outro espaço a não ser na escola.

Vemos o quão é de grande responsabilidade o importante papel do gestor, pois o funcionamento da escola não depende estritamente dessa organização, é necessário estar atento, pois os desafios são bem mais complexos, tanto a indisciplina, quanto a carência da família na escola, prejudica o trabalho dos profissionais que ali atuam, ainda segundo (Oliveira, 1998, como citado em Cruz, 2005, p. 66), o gerenciamento se torna, então em sintonia com a ótica da Qualidade Total, o caminho seguro para garantir a qualidade de ensino, consubstanciada, reitera-se, na produtividade e conseqüentemente eliminação do fracasso escolar.

Em tempos mais remotos, a gestão incumbia-se do papel de organizar as disciplinas e horários, acompanhar os professores em suas atividades, zelar pela organização do prédio e o trabalho dos demais funcionários e posteriormente comunicar aos pais de alunos sobre eventuais casos de rebeldia.

Hoje, sabe-se que a situação está invertida, os desafios estão muito além daquilo que a gestão está apta a lhe dar. A gestão escolar atualmente depara-se com educandos que encaram a escola como um local ruim de ficar, tedioso, demonstram o mínimo possível de interesse pela aprendizagem, Reis (2007, p. 6) destaca que a escola sozinha nunca poderá sanar esses impasses, “a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”.

A escola é uma instituição formada não apenas pelos funcionários responsáveis pela limpeza, o corpo docente gestão/coordenação. Há a necessidade do envolvimento da sociedade civil, ministério público e principalmente a família para que de fato a instituição

cumpra seu papel educativo na vida do aluno. Ikeda (2009, p. 58) em sua análise afirma que “A educação ocorre tanto na escola como em casa. No entanto, quando as pessoas pensam em “educação” comumente visualizam o prédio escolar e as salas de aulas. Pouquíssima atenção é dada para cultivar o humanismo que também deveria ser proporcionado no lar”.

A qualidade do ensino numa escola, não depende única e exclusivamente do grau de profissionalismo do corpo docente que ali atua, pela quantidade de alunos que esta atende ou a forma como ela é administrada. Se todos os agentes sociais dos quais a educação depende, agir (di) indiretamente na efetivação desse processo nunca teremos a educação que realmente queremos em nosso país.

1.3 Conflitos

Geralmente, o termo conflito é usado para caracterizar situações de impasses envolvendo duas pessoas ou mais pessoas, uma situação ou problema, uma dificuldade que pode resultar posteriormente em confrontos, geralmente, tendo em vista que os interesses, valores e pensamentos tomam posições absolutamente diferentes e opostas. Sousa conceitua o termo conflito dizendo que, (2014, p. 10), “O étimo da palavra conflito deriva do latim “conflictus”, que significa choque. Outros possíveis significados num dicionário da Língua Portuguesa são “oposição, luta, disputa, embate”.

Chrispino (2002, p. 16) ao falar da classificação de conflitos destaca que, “ao definirmos conflito como o resultado da diferença de opinião ou interesse de pelos menos duas pessoas ou conjunto de pessoas, devemos esperar que, no universo da escola, a divergência de opinião entre alunos e professores, entre alunos e entre os professores seja uma causa objetiva de conflitos”.

Há que destacar, as situações onde forças contrárias se divergem, pois há neste caso, a eminência de conflitos intrapessoais, interno do ser, ou interpessoal, com mais de um protagonista. Segundo Leme (2004) e Vicentim (2009) existem três tipos de resolução de conflitos interpessoais não usando violência. São eles: agressivo, assertivo e submisso:

1. Agressivo: caracterizado pelo enfrentamento entre as partes, apelando pelas formas de coerção havendo aí, o uso da coerção, violência, desrespeito, sentimento, ideias e opiniões alheias, expressando ações comportamentais, física e/ou verbal, ameaça, provocação, humilhação, entre outras, podendo ainda ser caracterizado em dois tipos:

2. Assertivo: esse tipo de comportamento é comum em pessoas que apresentam expressões diretas, tais como necessidades, preferências, emoções, opiniões, etc. A pessoa

assertiva possui autoafirmação, tem a capacidade de defender seus direitos legítimos, expressando opiniões pessoais, sendo capaz de fazer e recusar pedidos:

3. Submissão: caracterizado pelo não enfrentamento de uma situação, por meio da fuga ou da esquivia. Esse tipo é o mais primitivo de solução dos conflitos, na qual há o emprego da força por uma das partes, e a submissão da parte contrária. Esta força pode ser entendida em diversas modalidades como: física, moral, econômica, social, política, cultural, filosófica, etc.

O termo conflito faz parte da vida do ser humano desde épocas remotas, quando este passou a se organizar em grupos mais ou menos organizados. Partindo da necessidade de construir casas e outros elementos, que precisou ocupar territórios mais extensos e longínquos, assim alguns grupos organizaram movimentos de invasão, dando início a supostos movimentos conflituosos.

Pode-se destacar o caso de dois ou mais países na disputa pelo domínio ou anexação de territórios questões político-econômica, a luta de povos pela independência de regiões antes dominada por outros países, a disputa de povos e/ou países por áreas de fronteiras resultando guerras civil e mundial, conflito religioso e étnico-racial, disputa por território rico em recursos minerais. Verifica-se que o conflito como resultado das ações humanas é complexo, possui diferentes causas e características. Santos (2014), atribui em seu conceito dizendo que:

“Os conflitos sociais, por sua natureza, têm o poder de envolver grupos sociais que originalmente não participavam da disputa, mas que, em razão de valores utilitários oumorais, acabam por tomar posição frente ao embate coletivo. Esse envolvimento se dá pela manipulação – consciente ou não, controlada ou não – da agenda pública da sociedade como um todo”. (Santos, 2014, p. 545).

Diante da abrangência do termo e da situação em que ocorre oriundo da dinâmica político-territorial e sociocultural. Numa visão acerca da realidade que as escolas enfrentam atualmente por conta do aluno indisciplinado que negligência toda e qualquer norma que assegure a preservação das relações humanas e materiais no ambiente escolar. Maldonado (1997, p. 11), enfatiza que a ausência dos pais na vida dos filhos gera desconforto, uma vez que, “Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar”.

Tendo em vista sua função social e educativa na vida do ser humano, onde se inicia a

construção intelectual, a escola é, ou pelo menos deveria ser um lugar bom de ficar, onde o aluno poderia sentir desejo, ter vontade e prazer em estudar e aprender. Ao contrário disso, muitos jovens encaram a escola como um lugar tedioso, ruim de ficar ou estão ali sob pressão dos pais. Como resultado, ocorre que, na atualidade, o professor se depara com alunos cujo comportamento foge o alcance de sua competência, onde os problemas psicológicos, familiares e sociais, isto é, os quais o professor não está preparado para resolvê-los.

A postura indisciplinar, atribuída ao aluno que tumultua a aula, bagunça, xinga os colegas, age com rebeldia, palavras racistas entre outras ações. Normalmente, para o professor seria tratá-lo como “inimigo”, uma vez que a palavra caracteriza não o indivíduo, mas suas ações que resultam em vários tipos de conflitos, Semenovitch, ao falar da teoria social do conflito defende que:

A educação, desde os primórdios promoveu mudanças significativas na sociedade até os dias atuais, deparamo-nos com os mais complexos traços de mudanças e conflitos que foram fortemente marcados por diferentes motivações, caracterizando os “conflitos” como partes intrínsecas da evolução e do desenvolvimento de qualquer sistema organizacional, familiar, político e social. (Vigotsky, 2000, p. 67).

Ao professor, como um profissional que lhe foi conferido o compromisso de educar, vivencia momentos crucial de sua carreira, a cada dia o jovem apresenta problemas cada vez difícil de saná-los, para tanto faz-se necessário recorrer ao auxílio de psicólogos, assistente social, conselhos entre outros órgãos e/ou profissionais vinculados (in)diretamente a educação, a fim de buscar soluções aos tantos impasses oriundos principalmente relações externas a escola, como destaque temos, o álcool, drogas, violência e prostituição, apenas como alguns dos vilões que “roubam” o futuro de milhares de jovens, impedindo-os de alcançarem um futuro digno. Tal como aponta Aquino (1999) onde comenta que:

“Na busca dos determinantes da (in)disciplina, a influência de fatores extraescolares no comportamento dos alunos, na visão de muitos educadores, parece ocupar primeiro plano. Isso pode ser constatado nas reuniões de professores, onde ao discutir este assunto, geralmente a família é apontada como causadora da (in)disciplina escolar, ou atribuem aos problemas econômicos e sociais, ou ainda a distúrbios psicológicos dos alunos”. (Aquino, 1999, p. 90).

Como forma de assegurar o bom desempenho do aluno no ensino aprendizagem evitar relações conflituosas entre os agentes envolvidos na aula, para que o professor alcance os objetivos planejados. Na visão de Reis (2007, p. 6), “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a

escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”. Por isso, é indispensável que família e escola busquem atingir os mesmos objetivos, devem elas comungar os mesmos ideais, e assim possam vir a superar as dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais e também os próprios alunos.

1.4 Contexto histórico da gestão de conflitos na educação

O conflito, como forma de comportamento resultado do relacionamento entre duas ou mais pessoas, uma expressão legítima da própria humanidade. Numa análise complexa acerca da ideia, o termo possui sentido bastante amplo e abrange as mais variadas características, estando presente em todos os aspectos da história de vida do ser humano em sociedade. Em tese, Aranha (1996, p. 50) manifesta seu contexto dizendo, quando afirma que “a educação não é, porém, a simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e ruptura com o velho”.

O ser humano sempre buscou formas de educar-se e aprender ao mesmo tempo quer para sua sobrevivência ou aperfeiçoamento cultural. Logo, foi através da busca pelo conhecimento, que houve o aprimoramento e o desenvolvimento da educação. Para Silva (2019), “a educação enquanto uma necessidade de compreensão e utilização de determinados comportamentos sociais, que são em seu início, geralmente transmitidos pela família, ou alguém mais velho próximo, às gerações mais novas”.

As diversas habilidades na forma de aprender e ensinar adquiridas pelo homem ao longo de gerações, seu processo de evolução resultando no que vemos atualmente, uma sociedade marcada por diversas transformações e formas de conflitos, a busca incessante pelo conhecimento, aguçou a mentalidade do ser humano, desde então, o termo conflito passou a integrar sua trajetória e suas ações na sociedade em âmbito geral, segundo Rosana.

De acordo com o pensamento de que consideravam serem “as contradições” e a inspiração para a linha de estudos da sociologia conhecida como a Teoria do Conflito, as estruturas da organização social revelam desigualdades que levam ao conflito. Aqueles que detêm o poder de controlar os meios de produção podem consolidar o poder e desenvolver ideologias para manter seus privilégios, enquanto aqueles, desprovidos dos meios de produção, eventualmente entram em conflito com os mais privilegiados. (Marx e Engels 1996, como citado em Neves, 2013, pp. 23-24).

Numa análise ao contexto histórico da gestão de conflitos na educação, deparamo-nos

com uma sequência cada vez mais frequente de conflitos no ambiente escolar. É importante frisar, que nem sempre os conflitos que acontecem na escola, são oriundos do cotidiano das pessoas que ali se inter-relacionam. Externamente, muitos jovens enfrentam problemas sociais e posteriormente familiares e como consequência, as relações de convivência em sala de aula, são marcadas por palavrões, empurrões, rejeição, preconceito entre outras ofensas, o que acaba alimentando relações intensas de conflitos. Giglio (1999) reforça esse contexto dizendo que.

As manifestações do sentimento de injustiça na escola, do tratamento desigual diante do que é aceito como plausível ou correto, iniciam, no indivíduo ou grupo, uma reação em cadeia que os coloca em pleno estado de defesa de si, de suas razões; a desobediência e o comportamento apaixonado predominam, ainda que por alguns momentos sobre qualquer conduta racional. (Giglio, 1999, p. 187).

É nesse momento, que o professor deve agir como mediador gerindo a situação de forma a evitar conflito entre as partes, para tanto se necessário envolver além dos autores, também pais, funcionários e gestor, a fim de garantir que todos possam intervir e promover um diálogo sadio, mediando para que o conflito seja evitado. Conforme Parrat-Dayán (2008, p. 64), enfatiza “[...] é mais eficaz se aproximar calmamente de um aluno e pedir para retomar seu trabalho que chamar a sua atenção em voz alta na frente de todos. [...]”. A forma como se estabelece a relação professor-aluno é a base para o enfrentamento dessas questões”.

A sociedade atual vivencia um cenário de grandes mudanças promovidas principalmente pela tecnologia, há uma nova realidade, o estilo de vida das pessoas mudou radicalmente comparado ao cenário dos últimos trinta anos. Vários costumes e tradições preservados no cotidiano das pessoas, praticamente se perderam, a família, assim como a escola exercia seu papel na educação dos jovens, o professor era respeitado, possuía sua autoridade e posicionamento, ao aluno cabia exercer sua postura com disciplina, nada de bagunça, atrito entre com os colegas ou situações comprometesse o trabalho docente.

Acreditamos que frequentar uma Instituição Escolar deva significar a evolução e o progresso do ser humano. Mas acreditamos também que esse progresso é obtido não só na escola, mas na família e na sociedade, e que a escola como muitos acreditam, não é a única instituição a desempenhar tal tarefa. (Serrão e Baleeiro, 1999, p. 23).

Numa visão mais ampla acerca dos diversos impasses enfrentados por profissionais da educação, principalmente no que diz respeito a forma como algumas famílias encaram o impasse, é preciso fazer uma análise a estrutura familiar “atual”, são jovens oriundos de

famílias cujos pais sequer tiveram acesso mínimo a educação na idade ativa e, portanto, desprovidos dos conceitos básicos que poderiam repassar aos filhos. Nunes (2008), em sua opinião destaca que.

“A família constitui o berço do processo de ensino e aprendizagem de todo ser humano e nele o aprendiz está sujeito a ser influenciado decisivamente de forma positiva ou negativa. A escola é frequentada por aqueles que tiveram uma boa formação na família, como também por pessoas que tiveram experiências negativas, gerando assim uma grande diversidade de alunos na sala de aula”. (Nunes, 2008, p. 1).

As diversas atitudes do aluno de natureza indisciplinar, caracterizados como geradores de conflitos, não pode ser encarado como isolado, ou seja, para que o mesmo se torne vândalo, respondão, rebelde e violento, há sempre os insultos, provocações, piadas entre outros. Em contrapartida, este aluno, como sinal de revolta ou injúria, se tornará indisciplinado, postura alheia a um perfil que até então não lhe pertencia. Para o professor, é um momento importante para atuar e ministrar a situação de conflito, visto que, entre as várias situações que pode estar sujeito a resolver, o trabalho docente nunca esteve tão complexo como vemos atualmente.

São inúmeros os trabalhos, pesquisas, palestras e debates realizados por profissionais ligados direta ou indiretamente a educação que se empenham em identificar os verdadeiros culpados por tantos casos de problemas com alunos indisciplinados. Este, portanto, é o atual cenário enfrentado pela escola e bem sabemos, está colocando em cheque o futuro da educação. Assim como coloca Júlio:

“Na busca dos determinantes da (in)disciplina, a influência de fatores extraescolares no comportamento dos alunos, na visão de muitos educadores, parece ocupar primeiro plano”. Isso pode ser constatado nas reuniões de professores, onde ao discutir este assunto, geralmente a família é apontada como causadora da (in)disciplina escolar, ou atribuem aos problemas econômicos e sociais, ou ainda a distúrbios psicológicos dos alunos” (Aquino, 1999, p. 90).

O termo conflito, ainda que em menor proporção, não está restrito a escola pública, visto que, as instituições particulares, lidam com o mesmo agravante, gestores e professores enfrentam uma onda de problemas com alunos indisciplinados que se opõem as normas da escola e provocam situações, acabando por gerar vários tipos de conflitos e impedir que o trabalho docente aconteça. Em vários argumentos, um número cada vez maior de professores, relata que a tarefa de ensinar nunca esteve tão comprometida. Logo, está cada vez mais visível escola perdendo seu valor como instituição promotora do conhecimento, do aspecto moral e

cultural, psicológico e social.

1.5 Gestão de conflitos na educação brasileira

Fazendo uma análise ao contexto e do modelo de gestão da educação brasileira, foi ainda por volta da década 1930, isto é, do período militar, que ocorreu o Manifesto dos Pioneiros da educação, o movimento organizado por milhares de professores e intelectuais representando um marco na renovação educacional do Brasil, os pioneiros assumiram a missão de conduzir o país à modernidade através da educação, uma luta que entre vários anseios, visava uma maior valorização do sistema educacional, além das reformas ocorridas nesse período, que privilegiaram a descentralização, houve a autonomia e a democratização dos processos administrativos.

Nesse horizonte, a defesa dos Pioneiros sobre o direito natural à educação como efetivação da igualdade (equidade social) entre os homens não nega, de um lado, a liberdade e o individualismo que marca a lógica liberal e, de outro, acredita estar superando, na universalização da educação, as diferenças de classe no desenvolvimento humano, embora não as negue como lógica natural da sociedade voltada para a indústria e para o mercado. Laicidade, gratuidade, obrigatoriedade de educação e a não diferença na aprendizagem entre os sexos são expressões já traduzidas pela filosofia clássica burguesa que tem, no direito natural e na liberdade, o seu eixo central. A filosofia dos “liberais” ficou expressa no Manifesto dos Pioneiros. (Mazzuco e Tullio, 2003, p. 4).

O sistema de ensino no Brasil, sempre foi marcado por profissionais que lutam pela qualidade da educação pública, bem como o direito de acesso ao ensino por milhares de pessoas até então analfabetas, no período militar, provocou grandes transformações no cenário político do país. Assim como a qualidade do ensino, a gestão das políticas públicas nesse período foi alvo de vários protestos e conflitos entre educadores e o governo, pois a nação sempre conviveu com processos de políticas públicas e conseqüentemente uma política educacional conservadora e repressora que perdurou por muitas décadas.

Desde o ápice da indústria no Brasil, o termo “gestão” vem sendo utilizado para designar as atividades administrativas, que em sua origem etimológica, vem do latim que *gero, gestum, gerere* e significa chamar para si, executar, gerar, ainda Segundo o conceito de Cury (1997, p. 201), “vem de *gestio*, que, por sua vez, vem de *gerere*, que significa trazer em si, produzir”. Assim, compreende-se claramente que a “gestão não é só o ato de administrar um bem fora-de-si, mas é algo que se traz para si, porque nele está contido”.

Na atual concepção sobre gestão de conflitos na educação brasileira, a escola desde

sua essência, quando consolidou sua importância na vida do ser humano como instituição com fim educativo, promover a capacidade do saber, desenvolver as habilidades cognitivas, leitura e comportamento por fim, uma postura que o aluno reconheça seu valor como indivíduo em sociedade. Em seu conceito Masson (2009, p. 21), “[...] uma organização dinâmica, aberta, flexível, tem contribuído para uma profusão de estudos centrados na cultura escolar”. A perspectiva de que a escola é o centro da mudança educacional enfatiza o potencial instituinte dos sujeitos (professores, gestores, funcionários), minimizando-se a importância de condições objetivas para a mudança.

Em contrapartida, antigos valores e tradições antes aprendidos e repassados pela escola, normas e hábitos criados com fim de manter a ordem e respeito e preservar as relações dentro e fora “dela”, como promotora do ato de educar “possui (ia)”, estão sendo perdidos e/ou desvalorizados.

Se a escola é frequentada por diferentes indivíduos, oriundos de diferentes locais e espaços sociais são também na escola que todas as diferenças e formas de comportamento e convivência se encontram e precisam ser mediadas, ainda segundo o documento (CONAE 2014 como citado em Dourado, 2013, p. 9), “[...] o sentido de qualidade é decorrente do desenvolvimento das relações sociais (políticas, econômicas e culturais) e sua gestão deve contribuir para o fortalecimento da educação pública e privada, construindo uma relação efetivamente democrática”. É importante frisar neste momento, que grande parte dos impasses relacionados a conflitos que atualmente agravam o sistema de ensino brasileiro, tem origem principalmente dos problemas sociais, pois, a má gestão dos serviços públicos como saúde, segurança, moradia entre outros, repercute na qualidade de vida de milhões de brasileiros, principalmente no acesso à educação. Para Oliveira (2003) comenta que:

O efeito mais perverso destas transformações tem sido o desemprego e a exclusão social, já que os benefícios provenientes dessas transformações são usufruídos por apenas uma pequena parte da sociedade. Ao lado dos avanços científicos e tecnológicos com o aumento dos bens de consumo, do bem-estar, da difusão social, há fome, desemprego, doença, falta de moradia, analfabetismo das letras e das tecnologias. (Oliveira, 2003, p. 115).

São milhares de jovens e adolescentes que por falta de incentivo e/ou oportunidade, acabam alheios aos direitos básicos de acesso à educação tornando-se vítimas do caos social que vemos atualmente. A escola que em tempos remotos incumbia-se da missão de educar e desenvolver a capacidade intelectual do aluno e promove-lo a um futuro digno, depara-se com relações complexas, estando agentes cada vez mais sujeitos a gerir situações conflituosas que

foge completamente sua realidade. Ainda conforme Viera (2010) comenta que:

Identifica que a escola é uma instituição que onde ocorre a inserção social e que o direito a educação é universal. Sendo assim, torna-se um lugar onde não deve possuir qualquer tipo de discriminação e/ou preconceito, o que faz com que este seja um espaço onde há uma diversificação cultural. Pois, ali estão presentes todos os tipos de classes sociais, raças, etnias, religiões, gênero, orientação sexual, entre outros. (Viera, 2010, p. 58).

Desde o uniforme, a ordem no momento do lanche, a permanência em sala ao término da aula, carteiras organizadas e salas limpas, horário de entrada na escola, higiene pessoal e modo de falar, são apenas alguns entre tantos critérios que integram o relacionamento sadio entre alunos e gestão escolar, ainda segundo Aquino (1996), destaca a responsabilidade da escola e denuncia o despreparo da mesma para receber o aluno e suas práticas excludentes, o que promove o confronto cultural entre professores e alunos, produzindo a indisciplina e representando o retrocesso da escola.

Todas as relações conflituosas identificadas hoje na educação, provém de alunos cuja postura, não demonstram o mínimo possível de interesse ou aptidão pelo ato de estudar, respeito com o educador ou compromisso com as atividades, por ignorar todos os requisitos disciplinares, acabam autores de várias formas de conflitos, ainda segundo Parrat-Dayana (2008), além das dificuldades socioeconômicas e culturais, existem os problemas de alcoolismo, o divórcio, as drogas, a violência doméstica, a permissividade sem limite e, conseqüentemente, a desestrutura familiar que interfere negativamente no desempenho do aluno em sala de aula.

Sabe-se que uma grande de jovens e adolescentes são oriundos de famílias desestruturadas que em geral, tem acesso ao mínimo possível de condições básicas de vida, grau de instrução, residem em bairros periféricos onde predomina a venda e consumo de drogas, prostituição, violência entre outros caos que acabam pois, acometendo a vida de muitos que mesmo frequentando a escola, não conseguem manter um relacionamento sadio no ambiente escolar e, precocemente evadem-se, somando-se a outros que tornam o próprio futuro incerto. Ainda segundo Souza e Oliveira (2010, p. 4) ressaltam que, “[...] diante da estrutura social marcada por significativos contrastes e precárias condições de vida da maior parte da população”, depara-se com políticas educacionais que têm como foco o mercado de trabalho e o capital, deixando a margem as reais possibilidades de emancipação do homem.

CAPÍTULO II

CONFLITOS NA ESCOLA E NA SALA DE AULA.

A cada dia, a rotina de gestores e educadores no embate às diversas relações conflituosas de alunos entre si e com professores, só aumenta. Ultimamente, essa problemática tem levado milhares de docentes a se questionar a respeito de suas metodologias. Por isso, a formação docente, neste momento, o professor precisa estar consciente quanto a sua posição como mediador, visto que as disparidades do conflito podem ocorrer enquanto permanência do aluno na escola. Para Altet (2001) a formação acadêmica do docente tem início no ápice do seu ofício, partindo desse princípio, seu profissionalismo, constitui seu progresso pois, cada experiência vivida e praticada significa um grau conhecimento acumulado e desafios superados. Assim ressalta a autora que:

A experiência vivida, o conhecimento íntimo das situações, a imersão no ofício, os estágios para observação do trabalho de colegas, as iniciativas pedagógicas testadas e as inovações, é que possibilitam aos professores o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo. [...] O profissionalismo é constituído não só com a experiência e a prática em sala de aula, mas também com a ajuda de um mediador que facilita a tomada de consciência e de conhecimento. (Altet, 2001, pp. 31-32).

Por ser o ambiente de maior permanência da criança, a escola, é também onde ocorre a socialização de costumes, culturas, hábitos, personalidades, tradições entre outros valores. Onde aprendem a importância desses valores, conhecem outros e onde “podem” adquirir e capacitar o conhecimento. É na escola onde ainda ocorre diversas zonas de conflitos por disparidades de opiniões, aceitação/rejeição e discriminação.

A esse respeito Freire (1996) em seu pensamento destaca que:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (Freire (1996, p. 96).

Manter o pulso firme, postura e consciência quanto a seu papel na mediação de ambas as situações de conflitos quando houver necessidade, são critérios imprescindíveis na qualidade do professor enquanto profissional responsável. O ambiente de trabalho do

educador assim como de outros profissionais vive seus momentos de turbulência, estando aí a importância da “formação”. Está preparado, e saber agir e/ou sanar o conflito até mesmo em sua iminência. O conflito, trata-se de um impasse que nunca cessa, apenas adquire características distintas dependendo do momento e motivo que acontecem, como resultado de comportamento de uma ou mais pessoas, vai estar presente tanto no espaço escolar como em outros convívios em geral. Para (Martucelli, como citado em Silva 2001, p. 258), “Os alunos estão desmotivados principalmente pela ausência da família e pelo próprio sistema de ensino, pois não há cobrança por tal aprendizagem”. “O descompromisso dos pais com a vida escolar do aluno[...]”.

O fato de determinado indivíduo ou grupo de pessoas não conseguir preservar uma relação enquanto permanência na escola, salvo que certas divergências sejam oriundas de convivências alheias ao ambiente escolar. Portanto, a forma mais frutífera de gerir os tantos conflitos que impossibilitam o seguimento do trabalho docente de alcançar os resultados satisfatórios. Para Chrispino (2007) comenta que:

Os conflitos educacionais, para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla [...]. Podemos esperar que, pela diferença entre as opiniões, haja conflito no espaço escolar. Um conflito criado pela diferença de conceito ou pelo valor diferente que se dá ao mesmo ato. Professores e alunos dão valores diferentes à mesma ação e reagem diferentemente ao mesmo ato: isso é conflito. (Chrispino, 2007, pp. 17-20).

Mediante a todos os questionamentos em diversas fontes de estudo, o cenário atual em que educadores do sistema de ensino brasileiro estão inseridos, as várias relações de conflitos que constantemente convivem e mediam afim de proporcionar relações mais agradáveis e proveitosas, somado a carência da família e o uso inadequado das tecnologias, são alguns dos vilões que exercem forte influência ao não proveito do ensino aprendizagem.

2.1 Histórico

Nos últimos dez anos, tem-se verificado um grande decréscimo na qualidade do ensino no país, visto além de haver uma grande parcela de profissionais que lutam por condições de trabalho e salários dignos, ainda estão sujeitos a conviver com os mais complexos casos de conflitos que afetam em muito seu trabalho em sala de aula. Ainda segundo Moreira (2019), em seu artigo publicado no site Campo Grande News, destaca que:

[...] O jovem não enxerga recompensa em passar anos em uma sala de aula. Não vemos há propagandas ou programa de tv, nada que o incentive a ter aptidão pelo estudo. É necessário que desde pequeno o aluno desenvolva uma consciência própria a respeito da importância de estudar, e se essa consciência não é transmitida através dos pais, é praticamente impossível que seja desenvolvida de maneira própria pela criança. (Moreira, 2019, p. 111).

Todas as relações interpessoais existentes entre os indivíduos envolvidos no ambiente escolar são primordiais à preservação do ambiente escolar como um todo, todas as formas de convívio são fatores determinantes ao bom relacionamento bem como o impedimento de impasses entre todos que convivem no ambiente escolar. Na análise de Piaget, (1973, pp. 314 - 316), “[...] todo o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive”. O autor ainda coloca que, “[...] o ser social, é aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada”. Assim, para que esse equilíbrio ocorra, são necessários interlocutores que possam cumprir essas regras e um determinado tipo de relação social em que elas sejam possíveis.

A escola hoje, vivencia uma grande diversidade de valores e personalidades, o que pode ser uma das principais fontes de conflitos, situação que se agrava cada vez mais devido à falta de conhecimento e compreensão. A cada um novo dia de aula, o docente, se depara com uma forma de conflito mais ou menos complexa de mediar, são internos ou externos a escola. Gomes (2005, p. 143), em sua ênfase diz: “verifica-se que a relação professor-aluno é marcada por grandes diferenças individuais e uma ampla variedade de situações sociais e o professor é um ser humano e social que não pode deixar de reagir diferentemente a situações e pessoas”. Ainda na visão de Lira e Gomes (2015) comentam que:

Esse lugar de destaque do professor [...], se dá pela importância que ele exerce na formação de valores e estabelecimentos de limites necessários aos estudantes para o convívio em grupo. E ainda, porque ele é referencial para os estudantes na sala de aula, uma vez que é a ele a quem primeiro se recorre para resolver seus conflitos. (Gisi, 2011, como citado em Lira e Gomes 2015, p. 348).

Autoritarismo, incompreensão, desrespeito às diferenças, descontrole emocional e psicológico, injustiças, comunicação distorcida, falta de compromisso e desmotivação, isto é, comportamentos que distorcem o papel da escola, uma instituição que está imersa numa realidade alheia ao seu papel. Gomes (1999) ainda afirma que:

Por ser um local onde se tem uma grande concentração/diversidade de pessoas detodas as classes, raças, cor, cultura e crença; deve possuir uma estrutura organizada e eficaz para atender a todos. Estrutura, não condiz ao espaço físico, mas a equipe de

profissionais atuantes, e que fazem a diferença na formação do cidadão. Visto que tais demandas não devem ser visualizadas como um problema interno, e sim, como um problema para além dos muros da escola. (Gomes, 1999, p. 23).

Uma das principais inseguranças e dificuldades dos profissionais na educação atual reside em como lidar com as desavenças. Os docentes sentem-se despreparados para atuar mediante os tantos desentendimentos e conflitos em sala de aula. Considerando a importância docente tanto no processo de ensino aprendizagem quanto na mediação de conflitos no ambiente escolar, de acordo com Soares e Pinto, (2001, p. 7), “[...] será de incentivador, facilitador, mediador das ideias apresentadas pelos alunos, de modo que estas sejam produtivas, levando os alunos a pensarem e a gerarem seus próprios conhecimentos”.

Nesse sentido, o professor deve ter ciência acerca da responsabilidade, tendo em vista seu saber que carrega não é totalizado, requer inovação constante, ter em mente, que o mesmo necessita inovação constante, e sua prática é necessário para explorar a bagagem do seu alunado. Portanto, flexibilizar suas práticas pedagógicas, esforçar-se sempre em apresentar algo novo ao educando será vantajoso. Pereira (2011), destaca que:

A docência, portanto, é uma atividade complexa porque a realidade na qual o professor atua é dinâmica, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares que, portanto, exigem soluções particulares. Exige mobilizações de saberes para o cumprimento do objetivo de educar que é: o desenvolvimento das diferentes capacidades – cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal – dos educandos, que se efetiva pela construção de conhecimentos. (Pereira, 2011, p. 69).

Por outro lado, há que nos depararmos com uma parcela relativamente grande de “profissionais” sem formação adequada e, portanto, despreparados, encontram inúmeras dificuldades para resolver os tantos impasses conflituosos existentes hoje na escola. Exercer o papel docente frente aos diversos desafios que há hoje na escola, requer preparo, entender a situação e conhecer um pouco da realidade familiar, social e cultural de cada aluno. Cabe aos profissionais docentes desenvolver uma proposta pedagógica direcionada ao ensino aprendizagem diante das situações conflitos. Daí, a importância do conhecimento para o profissional, o saber dialogar entre as partes, intervir e evitar situações desconfortáveis.

Salienta a urgência em mediar o conflito de forma que este não resulte em atos grosseiros e insatisfação entre seus autores, “O primeiro ponto para a introdução da mediação de conflito no universo escolar é assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de que a escola cumpra melhor as suas reais finalidades”.

(Chrispino 2007, p. 13).

O desfalque na gestão das políticas públicas do país, é um impasse onde a educação, sempre foi a área mais afetada, milhares de pessoas que lutam por uma condição de vida melhor, almeja um futuro profissional digno, porém, a acessibilidade aos estudos por falta de segurança, violência, drogas e outros caos que, infelizmente ceifa a vida de milhares de jovens que residem próximo as periferias. Ainda segundo a Unesco (2017), há uma urgente necessidade de ajustamento nas políticas públicas brasileiras em todas as áreas.

Os problemas educacionais não tem origem exclusivamente na educação, mas buscase resolvê-los apenas com reformas educacionais. O tema do abandono precoce da escola é um exemplo paradigmático desta situação, um alto percentual de fracasso escolar tem sua origem direta nas carências econômicas, sociais e culturais que sofrem determinados grupos da população. (UNESCO, 2002, p. 102).

Não parece estranho ouvir vários profissionais da educação queixar-se que o cotidiano em sala de aula, está a cada dia mais difícil, são jovens cujas atitudes arbitrarias extrapolam toda e qualquer norma da escola. Sabemos que o sistema educacional brasileiro, assim como os outros serviços públicos essenciais, sempre foi ineficiente por falta de investimento. Como resultado, verifica-se que a maioria dos problemas enfrentados hoje pela escola, provém de alunos de famílias cuja vida é conturbada com essas realidades sociais.

O educando não ver confiança na escola e está depara-se diante de um grande impasse em reconhecer “esse” aluno, com culturas e hábitos e perplexos. Isso é o que Chaveiro (2011, p. 179) denomina de “reino da perplexidade”.

A força social da escola torna quase obrigatória a inserção do jovem em seus espaços. Mas a demanda que o mundo atual solicita a ela evidencia um conflito: cabe à escola gerar novas qualidades de ensino; desenvolver aptidões criativas; acelerar o processo de formação; inseri-los nas novas formas e conteúdo do trabalho; atualizar-se pedagogicamente [...]. Fora a perplexidade da Escola, por meio de seus sujeitos diante da juventude atual, que possui dificuldade em compreender e relacionar com “esse jovem inquieto, indisciplinado, debochado, frenético, compulsivo, sem interesse...”, há perplexidade do jovem relativo à escola: “esse lugar estranho, rígido, burocrático, parado”. de conflito, de representações edificado em três vetores: no modo como o jovem aluno vê a escola. [...]. (Chaveiro, 2011, p. 179).

Não é uma “cena”_nova, observar alunos que encaram o período de permanência na escola apenas como um “passa tempo”, não ter responsabilidade com as atividades ou obter boas notas, não seguir as normas da escola, tornou-se tão comum, que não parece mais “estanho” para o professor tratar como algo comum ao cotidiano escolar.

A escola, em sua missão educativa não se resume ao trabalho exclusivo docente.

Alguns conflitos que acontecem em suas dependências requerer como forma de melhor mediá-los, cabe à administração, ater-se a todos os artificios possíveis, inclusive mobilizar as famílias, sensibilizá-las quanto a divisão de responsabilidades e uma participação mais concreta no cotidiano escolar de seus filhos. Paro (2003), reforça esse pensamento destacando que.

[...] se estamos interessados na participação da comunidade da escola, é preciso levar em conta a disseminação em que modo de pensar e agir das pessoas que aí atuam [...]. Para isso, é importante que se considere tanto a visão da escola a respeito da comunidade quanto sua postura diante da própria participação popular. (Paro, 2003, p. 46).

É importante ressaltar, que os conflitos propriamente ditos da escola, acontecem por desobediência, irresponsabilidade nas tarefas entre outros atos passivos de mediação. Por outro lado, há os que degeneram em violência, próprios de causas externas, oriundos de condições socioeconômicas e culturais, envolvendo situações de famílias expostas à violência nas comunidades; pressão dos grupos de amigos e/ou outros indivíduos influentes na comunidade, preconceitos étnico-racial, religioso e status social, práticas de bullying e cyberbullying.

2.2 Gestão de conflitos na escola.

Os conflitos existem por toda parte. Assim sendo, podemos, em sua natureza, caracterizá-los como bons ou ruins, pois nem toda situação conflituosa deve ser encarada como algo desgastante e que seus autores mereçam punições, é competência do profissional educador através de suas metodologias e práticas educativas mediá-lo de forma construtiva. O conflito como já vimos em contexto anterior, é uma forma de comportamento presente nas relações do ser humano desde suas primeiras formas de organização social. A maneira como lidamos com eles, no entanto, faz com que adquira desdobramentos positivos ou negativos. Cury (1997), essa sua teórica, enfatiza os seguimentos responsáveis em gerir os conflitos.

Na gestão escolar, a educação é tarefa de todos, família, governo e sociedade, essa sintonia é necessária, pois a participação de todos os segmentos que compõem o processo educacional, de um trabalho coletivo buscando a maturidade nas relações e ações concretas, assim pode-se pensar uma educação onde toda e qualquer diferença seja respeitada. (Cury, 1997, p. 23).

O conflito como resultado das formas de comportamento oriundo das relações de

vivência entre as pessoas onde, não concordar ou não entender, não aceitar, não motivar, não se envolver ou interferir, não opinar, não persuadir ou pressionar, não difamar, isto é, são algumas formas de personalidades que o docente está proporcionado a lidar em seu cotidiano.

Podemos esperar que, pela diferença entre as opiniões, haja conflito no espaço escolar. Um conflito criado pela diferença de conceito ou pelo valor diferente que se dá ao mesmo ato. Professores e alunos dão valores diferentes à mesma ação e reagem diferentemente ao mesmo ato: isso é conflito. Como a escola está acostumada historicamente a lidar com um tipo padrão de aluno, ela apresenta a regra e requer dos alunos enquadramento automático. Quanto mais diversificado for o perfil dos alunos (e dos professores), maior será a possibilidade de conflito ou de diferença de opinião. E isso numa comunidade que está treinada para inibir o conflito, pois este é visto como algo ruim, uma anomalia do controle social. (Chispino, 2007, p. 17).

Daí, a importância de o gestor estar sempre atento ao processo de formação docente promovendo encontros, treinamentos e oficinas a fim manter os profissionais sempre aptos a mediar as diversas situações e resolver as dificuldades encontradas, mas nem sempre é um assunto de fácil mediação pelos gestores da organização.

A gestão pode ser entendida como ação facilitadora na estruturação, definição e implementação dos objetivos. Entende-se a necessidade de escolas bem dirigidas e organizadas, orientadas por uma gestão decisiva na busca da eficácia escolar pois “os professores defendem uma atitude aberta e participativa, mas pretendem que a direção defina orientações claras”. (Glatter, 1992, p. 147).

Mesmo a escola constituindo um espaço de interação, troca de ideias, onde as pessoas se conhecem outras se desentendem, palco de múltiplas identidades, onde os jovens passam mais tempo em grupos enfim, por haver todo um envolvimento, o conflito é algo normal de acontecer, mesmo assim, muitos profissionais diante da incapacidade de resolver seus atritos, o encaram como momento desagradável, princípio de tumulto ou reações que podem gerar desacordo. Nesse momento, o diretor como chefe administrativo, precisa estar apto a proporcionar condições agradáveis para que os atores sejam sensibilizados da melhor e mais útil maneira, a buscar soluções que produza um clima favorável ao diálogo, ao respeito de toda a relação que contribua para aprendizagem. Ceccon (2009) em sua visão sobre conflitos na escola, enfatiza que.

Conflitos, são parte da vida. Simples ou graves são eles que nos obrigam a rever ou a reafirmar valores e posições. Sem eles, não haveria mudança nem aprendizagem. Por isso, é tão importante compreender sua origem e natureza e saber lidar com eles.

Manifestações de violência são outra coisa: não podem ser toleradas e devem ser interrompidas. (Ceccon, 2009, p. 22).

A sociedade vivencia um período áureo de grandes revoluções, todos esses avanços repercutem diretamente no estilo de vida e comportamento de todos que compartilham o ambiente escolar, antigos costumes, hábitos e tradições parecem não mais ser adequados ao momento. Sousa (2008) dá ênfase ao papel dos gestores e educadores dizendo que:

[...] ainda complementa dizendo que é preciso que os educadores e gestores se reeduquem na perspectiva de uma ética e de uma política no sentido de criar novas formas de participação na escola pública, tais como ouvindo, registrando e divulgando o que alunos e comunidade pensam, falam, escrevem sobre a liberdade da escola pública e as desigualdades da sociedade brasileira. (Sousa, 2008, p. 1).

Gestores e educadores precisam em caráter urgente renovar seu método em lidar com o educando em suas relações enquanto permanência na escola.

O “modo de ser” da juventude atual, que tende a sofrer com as representações sociais negativas, muito comumente desencadeia os conflitos que se manifestam de forma mais contundente em determinados espaços, dentre eles, o espaço escolar. Por ser um local de convergência de grande número de jovens, a escola torna-se um dos principais fatos de manifestação das diversas culturas juvenis. (Silva 2015, p. 52).

Considerando os diversos tipos de conflitos que comumente veiculam no ambiente escolar, estando o gestor responsável a mediá-los, considera-se que dado a situação seja por impasse de opiniões, expressões ofensivas, ações físicas e/ou verbal ou psicológicas. Ocorre que em determinados casos, a falta de experiência e profissionalismo em gerir os conflitos, resulta na perda de controle da situação e a falta de compreensão, solidariedade e colaboração entre os membros, a natureza do conflito, pode indicar que a gestão não está agindo corretamente.

Um exemplo claro da dificuldade do gestor em lidar com os conflitos na escola, está na incapacidade de identificar as circunstâncias do ocorrido. Em geral, nas escolas e/ou na vida, só percebemos a emergência do conflito quando este produz manifestações violentas. Daí pode-se concluir: a primeira é que se ele se manifestou mais violento, é porque já existiam divergências ou antagonismo, e o gestor, não soube ou não estava preparado para identificá-lo as causas; a segunda, é que em toda manifestação de conflito, o diretor age para resolvê-lo, coibindo a manifestação violenta. Esquecendo, neste caso, de problemas mal resolvidos se repetem! (Chrispino e Chrispino, 2002, p. 45).

Assim como o compromisso de educar não é tarefa única e exclusiva do docente, tampouco a responsabilidade na mediação de conflitos pode ser exclusiva do gestor, alguns impasses, primeiro ocorrem no segmento familiar e meio social, posteriormente na escola, eles apenas são socializados. A educação acontece a partir do trabalho participativo, o que envolve todos os segmentos sociais dos quais a escola depende, Gomes (1999), quando fala sobre educação e diversidade cultural, destaca que.

A escola, por ser um lugar onde ocorre uma grande diversidade de personalidades, com histórias e realidades diferentes, conflitos existem ou sempre existirão, visto que não há relacionamento sem conflitos entre os alunos, professores e os demais agentes atuantes da escola. São impasses que não podem não ser deixados de lado ou ser tratados com insignificância pela gestão, pois muitos podem tomar dimensões enormes e causar sérios danos a comunidade escolar. (Gomes, 1999, p. 67).

Assim como toda instituição a escola, é regida por normas que assegura tanto a preservação da estrutura material como as relações interpessoais entre a gestão, professores e alunos, família e sociedade. Assim sendo, toda e qualquer instituição de ensino, é regida por um conjunto de normas denominadas - Projeto Político Pedagógico - que entre outras atribuições, estabelece, por exemplo, horários de entrada e saída e intervalos, bem como advertir alunos de eventuais condutas incoerentes e conflitos com colegas e professores. Uma vez definida a organização da escola, seus objetivos e filosofia, o regimento é um documento legal que a individualiza e lhe dá identidade.

2.3 Principais conflitos em sala de aula.

Os conflitos educacionais hoje, vários pesquisadores defendem basicamente duas linhas de origem, sendo uma primeira proveniente de ações próprias do sistema de ensino ou de relações imaturas entre os próprios alunos, em segundo, podem ser oriundos de relações cotidianas e repercutem diretamente em sala de aula, ainda segundo Garston e Wellman (1999, p. 185), “Conflito é uma situação em que pessoas interdependentes satisfazem suas necessidades e seus interesses de formas diferentes e experimentam a interferência uns dos outros na busca de seus objetivos [...]”.

Os conflitos, mesmo abrangendo um universo tão complexo, em sala de aula, por acontecerem no espaço próprio da escola, sempre possuem elementos e indicadores ou atores externos a ela. Em suas palavras, Costa & Matos (2007) referem ao termo dizendo:

Por conseguinte, muito se joga na relação aluno /professor e é aqui que é preciso investir tempo, dedicação e empenho. “Uma das estratégias é a criação de tempos de interação diferentes, novos e fora das rotinas escolares (passeios, ver um filme e discuti-lo, um encontro informal no bar da escola...) que permitam aluno e professor mostrar um maior interesse recíproco, permitindo desta forma redefinir e reexaminar modelos representacionais que minavam a relação e construir novas formas de comunicação”. (Costa & Matos, 2007, p. 79).

A conduta pode ser caracterizada ainda pela falta de limites, descumprimento de regras estabelecidas e manifestações de conversas paralelas durante a aula, não estudar ou fazer as atividades, ficar andando pela sala ou falar palavrões, interromper a aula desnecessariamente dentre outras ações que impede o docente de exercer sua prática educativa.

Martinez Zampa (2005) em seu livro *Mediación educativa y resolucion de conflictos: modelos de implementacion* destaca alguns modelos de conflitos e seus atores.

Entre docentes: por falta de comunicação; interesses pessoais; questões de poder; conflitos anteriores; diferentes pontos de vista em atribuir notas; busca de “pontuação” (posição de destaque); conceito anual entre docentes; não-indicação para cargos de ascensão hierárquica; divergência em posições políticas, ideológicas, privilégios entre outros. Entre alunos e docentes, por: Não entender o que o professor explicou; notas arbitrárias; divergência sobre critériode avaliação; avaliação inadequada (na visão do aluno); regras muito rígidas, discriminação; material didático impróprio ou que não condizem a necessidade do aluno; não serem ouvidos (tanto alunos quanto docentes); desinteresse pela matéria de estudo, interesses pessoais, não fazer as tarefas, não atender as regras internas seguidas pelo professor.(Martinez Zampa, 2005, pp. 31-32).

Para (Vicentim, 2009. Leme, 2004 e Vicentim, 2009, como citado em Silva 2016, p. 8), existem três tipos de resolução de conflitos interpessoais não usando violência. São eles: agressivo, assertivo e submisso: Agressivo: caracterizado pelo enfrentamento do conflito, apelando pelas formas de coerção e pode ser caracterizado ainda em dois tipos: 1 - Agressão instrumental: é aquela que o objetivo é só obter recompensa sem causar dano ao outro. 2 - Agressão hostil: é aquela que o objetivo é causar prejuízo e dano ao outro.

Assertivo: caracterizado pelo enfrentamento do conflito levando em conta o sentimento e direito dos envolvidos, como: elogiar, concordar com atitudes e opiniões (esse mais parecido com o pensamento construtivista). Essa ainda é subdividido em cinco subcategorias:

1. Assertivo básica: quando as pessoas afirmam seus direitos pessoais, crenças e opiniões.
2. Asserção empática: ocorre quando a pessoa, antes de colocar sua afirmação, coloca

sentimento do outro.

3. Asserção crescente: ocorre quando a pessoa busca inicialmente resposta assertiva mínima e vai aumentando o grau se as anteriores não funcionarem.
4. Asserção de confronto: ocorre quando o outro se comportou diferente do que foi prometido.
5. Asserção do uso: normalmente quando se usa eu ou nós para descrever o próprio comportamento.

Submissão: caracterizado pelo não enfrentamento de uma situação, por meio da fuga ou da esquivia. Esse tipo de resolução de conflito privilegia o outro em detrimento de si mesmo, muitas vezes justificando que não se expressar não lhe causa qualquer dano.

É importante frisar que a natureza de cada indivíduo é que determina seus comportamentos e reações diante de dado conflito, pois ninguém nasce rebelde ou indisciplinado e sem limites, o contato e a relação social com os demais, o modo de interagir e se comunicar, é preciso respeitar as fases de desenvolvimento da criança, uma vez que sua aprendizagem não acontece repentinamente, ela pode receber estímulos em todos os momentos, mas sem exageros, seu comportamento e habilidades cognitivas, serão influenciados emocionalmente e socialmente onde vivem e se relacionam. Ainda segundo Morais, Spengler (2008, p. 134), “com o auxílio do mediador, os envolvidos buscarão compreender as fraquezas e fortalezas de seu problema, a fim de tratar o conflito de forma satisfatória. Na mediação, por constituir um mecanismo consensual, as partes apropriam-se do poder de gerir seus conflitos [...]”.

Trata-se de um processo que depende de exploração, onde educadores e família exercem papel crucial na missão de educar e com o decorrer do tempo, ensiná-los a lidar com suas próprias relações conflituosas, através do que é lhes ensinado e estimulado. Acerca dos valores, normas e regras que devem ser seguidos pelos alunos em sala.

A fim facilitar o processo de ensino aprendizagem junto ao trabalho docente frente a mediação de conflitos, a família, nem sempre tem exercido seu papel no sentido de educar os filhos em casa, repassando-lhes os conceitos básicos sobre o respeito, humildade, obediência, organização, compromisso entre outras qualidades que visam proporcionar as condições necessárias ao aprendizado do jovem enquanto permanência na escola. Assim, o educador, pode ter um diálogo aberto e, gerar os resultados almejados alcançando os objetivos planejados. Para Souza (2010) comenta que:

A efetiva tomada de decisões se concretiza pela participação na livre escolha de objetivos e processos de trabalho e na construção coletiva do ambiente de trabalho. Portanto, essa participação significa que os profissionais da educação e os usuários (alunos e pais) possam intervir na gestão da escola. (Souza, 2010, p. 19).

A escola vivencia um período de intensas mudanças, a facilidade no acesso as tecnologias, permite as grandes corporações a produção e disseminação da informação, isso, está fortemente ligado às exigências de um mercado extremamente consumidor. Mendes (2012, p. 17) fala desse enfoque dizendo que, “O mundo de hoje apresenta desafios tão novos e imprevisíveis, que se faz necessário *repensar* o modo como educamos as futuras gerações”. Iennaco (2009) fala como o uso das tecnologias pelos docentes tem auxiliado o trabalho e, tem levado as instituições de ensino a adotar novas posturas frente ao processo de ensino e aprendizagem, uma ferramenta que prende a atenção do aluno, e mantêm-no ocupado livre de ações desnecessárias.

A escola nunca vivenciou tantas mudanças no comportamento dos jovens num espaço de tempo tão curto, para Silva (2001), os episódios de conflito fazem parte do cotidiano de qualquer escola o que faz com que os professores necessitem de trabalhar com o conflito ao invés de se insurgirem contra ele.

Quando se trata de algum tipo de inovação, especialmente quando se refere a mudanças na cultura escolar, o modo como a educação é concebida e as práticas docentes, as diretrizes administrativas exercidas pelo estado no ofertar da educação é fundamental, porém isso não acontece sem conflitos e resistência por conta dos diferentes interesses envolvidos.

É importante que a gestão escolar, docentes e demais funcionários, estudantes e familiares aprendam que o conflito nem sempre deve ser caracterizado como sinônimo de afronta nas relações que, se mal compreendido e/ou manejado, possa apresentar impasses ou atos de violência.

Toda essa euforia repercute diretamente na convivência do cotidiano escolar, são mudanças que requer atenção, não estritamente do diretor, a família, governo e todos os agentes sociais, dos quais a educação depende, a uma reflexão minuciosa acerca dos tipos de conflitos que põe em cheque a real missão da escola. Para Vinyamata (2005) comenta que:

Através dos conflitos desenvolvemos o pensamento crítico. “[...] Que bom que haja nas escolas, nos lares, crianças que discordam! Isso é sinal de que as educamos para um pensamento crítico, que não significa que as tenhamos educado para o criticismo, mas para ter um pensamento próprio, autônomo, não autômato”. (Vinyamata, 2005, p. 47).

Atos como falta de conhecimento e postura ao comodismo, afetam em muito o trabalho do educador, uma vez fadado a não inovação, estará sujeito ao vexame, desencontros por não dominar os conteúdos e atender as necessidades do aluno. Do contrário, isso deveria acontecer em prol de um bom trabalho e garantir resultado eficaz.

2.4 Os conflitos no ensino aprendizagem em sala de aula

O tema conflito em suas mais variadas características e classificações principalmente no âmbito da sala de aula, passou a ser um assunto em grande foco de discussão na atualidade. Para De La Taille (1994, p. 120) “se desde cedo a criança aprende que há limites a serem respeitados, aos poucos ela própria vai compreendendo que as regras são como contratos estipulados para que todas as partes sejam beneficiadas”.

Para um grande número de docentes hoje, um dos maiores problemas pedagógicos enfrentados a serem superados são os psicossociais e emocionais. Para Parrat-Dayana (2008, p. 07) “os problemas de indisciplina manifestam-se com frequência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo.”.

É grande o cenário de docentes que se sentem despreparados diante das dificuldades encontradas por todos que fazem parte da comunidade escolar, principalmente aqueles que atuam na educação infantil. Os conflitos no ensino aprendizagem em sala de aula ocorre tanto na metodologia adotada, quanto no relacionamento professor/aluno. Defendendo a ideia de que as “crianças pequenas são orientadas e apoiadas em seu crescimento pelos adultos de referência”, que na escola são os professores. Paniagua & Palacios (2007, p. 132) os autores ressaltam que os educadores devem proporcionar “segurança afetiva” para que as crianças possam brincar, explorar e interagir com os demais, como também devem “colocar exigências, desafios, normas que orientem a aprendizagem e a socialização”.

Nesse contexto, o conflito pode emergir desde o não entendimento do aluno, pela divergência de opiniões entre os próprios alunos basicamente por disputas e desentendimentos verbais, físicos e emocionais ou ainda pela disputa e posse de materiais, como brinquedos, objetos até mesmo pela atenção do professor. A luta pela defesa de interesses e opiniões próprias, em oposição à opinião ou posicionamento do outro, é uma característica comum a maioria das formas de conflito. Além dos fatos elencados, a inexperiência profissional ou falta de formação em dada área, é outro fator que constitui grande impasse na mediação de conflitos em sala de aula. Vinyamata (2005), nos alerta que para solucionar conflitos é preciso aprender a viver.

Solucionar conflitos não é algo que possa ser feito de maneira teórica [...]. É algo que exige nossa atenção e capacidade de ação, de concretizar iniciativas que contribuam para isso. Em geral, poderíamos dizer que se trata de aprender a viver. [...] planejar uma vida satisfatória de maneira integral, vencer dificuldades, superar crises, conviver. (Vinyamata, 2005, p. 22).

Já houve tempos em que o professor carregava uma carga de responsabilidade, por ser considerado um profissional que detinha o conhecimento necessário para atender as necessidades de uma sala de aula. Hoje, sabe-se que esse cenário mudou, graças aos grandes avanços principalmente da tecnologia, esta visão foi desfeita, o ensino aprendizagem é um processo em construção e o conhecimento é fruto dessa mudança. Aqui, Pereira (2011, p. 69), destaca que, “à docência, portanto, é uma atividade complexa porque a realidade na qual o professor atua é dinâmica, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares que, portanto, exigem soluções particulares”.

Nesse sentido, a atualização é constante e os desafios presentes para os profissionais da educação são permanentes. Ainda de acordo com Soares e Pinto, (2001, p. 7), compreendem que os educadores são imprescindíveis na sociedade e assumem um papel que, “[...] será de incentivador, facilitador, mediador das ideias apresentadas pelos alunos, de modo que estas sejam produtivas, levando os alunos a pensarem e a gerarem seus próprios conhecimentos”.

O professor, antes mesmo de assumir seu “lugar” como profissional, precisa estar “ciente” que seu saber não é totalizado e/ou completo, isto é, o aluno traz consigo, o saber prévio. Cabe ao profissional aplicar sua metodologia e práticas pedagógicas, explorar os meios cabíveis para obter bagagem do seu alunado, pois trata-se de um conhecimento que precisam apenas ser aperfeiçoado. Assim, continua Freire, (1996, p. 44), destacando que.

Em relação a posição e aceitação dos educadores, colocando que “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me [...]”, o que o autor nos diz é que existe a necessidade que o/a professor/a reconheça o que pode não estar dando certo em sua prática, de maneira a conseguir se transformar nesse eixo. (Freire, 1996, p. 44).

Para tanto, faz-se necessário que o professor esteja em constante busca de conhecimento, inovar é indispensável, participar de formações, palestras, oficinas a fim de (re)aprender, ou (re)significar suas práticas diárias, buscando aprimorar seus conhecimentos e corrigir supostamente falhas.

Pensar em inovar na educação, é imprescindível que não se pense no professor, como

destaca Eyng (2003, pp. 52-59) em sua ideia, destaca que “o processo de inovação pedagógica na sociedade do conhecimento tem como principal agente inovador o professor. Esse profissional está desafiado a planejar e ser o gestor do processo formativo inovador, e ao mesmo tempo gerenciar o seu processo de aprendizagem continuada [...]”.

Construir um ambiente de ensino aprendizagem de qualidade, que atenda às necessidades do educando, para o educador hoje, é necessário enfrentar uma série de grandes desafios visto que, a carência de estrutura nas escolas, material didático, formação específica adequada em especial, aos que atuam em escolas públicas, além das situações de desvalorização profissional, o educador convive com o comodismo da família em acompanhar o cotidiano escolar dos filhos, para Tuvilla Rayo (2004) comenta que:

Ressalta que, por se tratar de uma relação de pertencimento a natureza humana, o conflito, uma vez mal gerenciado, pode resultar em comportamentos inadequados por inadaptação da criança ao ensino aprendizagem, impossibilitando assim que ela consiga ter os benefícios que os outros são capazes de receber da educação”. (Tuvilla Rayo, 2004, p. 67).

Todas as ações, pensamentos, comportamentos, forma de falar e até mesmo de sentar, fazem parte da realidade de convivência em sala de aula, o confronto virá quando o que nós e o outro pensamos for contraditório e incompatível. O conflito é característico da natureza humana desde o princípio, não importando o momento ou lugar, sendo causa indispensável em todas as relações de pessoas em sociedade, cabe a quem mediá-lo, promover contributos positivos entre as partes. É importante frisar, que seja nas escolas, nos lares, entre crianças ou professores, discordar é sinal de que a educação está acontecendo, opiniões são formuladas e dúvidas esclarecidas. De acordo com Milani (2003) faz-se necessário um ensino que incorpore o diálogo, o afeto, o respeito e:

[...] a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto[...]. (Milani, 2003, p. 39).

O professor, hoje, lida com diversas formas de conflito em seu contexto escolar, há que entender que seu trabalho não é o de aplicar comportamento “rígido” disciplinar, trata-se de desenvolver com base em seus objetivos e planos de ensino, metodologias e/ou técnicas que o auxilie na identificação das deficiências de ensino aprendizagem do aluno, para então

pôr em prática, as ações necessárias ao desenvolvimento intelectual do educando. Para isso precisa mudar conforme Barbosa afirma (2006, p. 67), que “[...] é preciso ‘desconstruir’ algumas aprendizagens e construir novas, não que transforme as crianças e os educadores em outras pessoas, mas que lhes possibilite a reorganização, a auto regulação e transferência dos comportamentos aprendidos para outras situações”.

Há muito, o professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador e estimulador do ensino aprendizagem e todos os processos dos quais o aluno precisa para construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoa, cidadão e futuros profissionais, que possam desempenhar seu papel como ser social e profissional. Oliveira (1997, p. 62), reforça este tópico frisando que, “como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente”.

O educador, quando assume o compromisso de ensinar e transmitir o conhecimento, é evidente, que este deve ocupar seu “carro chefe”, visto que a responsabilidade de estar em constante formação é, imprescindível. Para Perrenoud (2001, p. 211), “a postura necessária ao exercício do ofício, a convicção no ato de educar, o respeito ao outro, o conhecimento das próprias representações, o domínio de suas emoções, a postura seja como educador, amigo, psicólogo, é, sempre de colaborar, para o engajamento profissional”.

2.5 Motivos dos conflitos

A sala de aula, por ser um espaço constituído de múltiplas relações, onde há o convívio jovens com as mais complexas personalidades interagindo com o educador. Para Oliveira (2005, p. 38), “toda indisciplina tem uma causa e que a mesma não é simplesmente uma ação, mas uma reação, e que existem vários fatores determinantes da indisciplina, e um deles é a família”. Enquanto alguns bem se relacionam, outros por enfrentar o preconceito, bullying, palavrões, perda ou dano de materiais, déficit no ensino aprendizagem entre outros, acabam, pois, enfrentando várias dificuldades.

O conflito, embora comumente confundidos com violência, não são sinônimos. Assim como Leme (2009, p. 360) afirma que “o conflito nem sempre envolve violência”. Ela define o conflito como “uma situação de oposição entre pessoas envolvidas em uma interação social”, dando como exemplos diferenças de pensamentos, críticas, ou esbarrões acidentais

que possam gerar frustrações no outro. Para Chrispino (2007), a consequência do conflito está bastante vinculada a diversidade cultural, nas escolas onde acontece essa variedade, o tipo de abordagem que os intervenientes adotam influencia em muito a mediação.

A frequência na ocorrência dos conflitos escolares nos dias atuais se deve, pois, frequente a escola alunos muito diferentes em relação às vivências, expectativas de vida, sonhos, trabalho, a moradia, a determinadas formas de consumo, aos valores, à cultura e hábitos. A escola, portanto, constitui-se uma arena propícia à eclosão de conflitos diversos e a forma como o educador age para enfrentá-los e/ou geri e solucioná-los, dependerá do grau de intensidade, como cada agente envolvido se comporta, com mais ou menos pacificidade, agressividade ou interpretação do impasse. (Chrispino, 2007, p. 34).

Ensinar além de ser característico de um “dom”, o ofício, requer preparação, dedicação e preocupação do educador. A aprendizagem tem início ainda na tenra idade, período que a criança aprende as primeiras palavras, chora quando quer algo ou sente dor, ou faz “birra” por algum objeto que os pais não aceitam, para Libâneo (1994, p. 78), “aprender, portanto, é um processo de assimilação de qualquer forma de conhecimento, desde o mais simples onde a criança aprende a manipular os brinquedos, a fazer contas, lidar com as coisas, nadar, andar de bicicleta, jogar bola e etc. [...]”. Até a criança alcançar os processos mais complexos da vida, quando a pessoa vai descobrir sua aptidão, se relacionar e conviver com os outros. Diante desse contexto, vemos que o aprendizado é um processo constante, pois que até mesmo no cotidiano e nas atividades existem situações de conflitos.

Na sociedade contemporânea, para o educador enfrentar o desafio de alunos com déficit de aprendizagem em virtude de problemas psicológicos, emocionais ou familiares, o profissional há que enfrentar as situações de conflitos oriundas de alunos que encaram cenário problema familiar e social, o que dificulta em muito o trabalho pedagógico, e impede que o ensino aconteça. Para Catarina (1998) comenta que:

A escola é uma das instituições criadas como instrumento de atuação sobre os indivíduos, tendo em vista dispô-los a certos comportamentos, atitudes, enfim a determinadas práticas sociais, atendendo a interesses posto historicamente; assim, ela não foi inventada nem tua sob a aura do consenso, ao contrário carregou sempre consigo o caráter das relações sociais pelas quais foi construída e reconstruída. (Santa Catarina 1998, p. 76).

Como protagonista nesse processo e responsável por todas as mudanças no ensino aprendizagem promovidas na vida da criança, os 50 (cinquenta) “preciosos” minutos, que o professor deveria ocupá-lo ministrando aula com o máximo de proveito possível, acaba, pois,

frustrando (um terço), resolvendo impasses, o clima se torna desgastante, compromete o andamento da aula que deveria ser a mais proveitosa possível, o conhecimento deixa de ser transmitido, e o educando fica à mercê do processo de ensino aprendizagem. Reforçado esses dados a OECD (2009, p. 105), coloca que “Os países onde mais tempo das aulas seria desperdiçado em função de problemas de disciplina seriam os seguintes: México (13,3%), Malásia (17,1%) e Brasil (17,8%)”.

Ainda segundo a OECD (2009, p. 105), “no caso brasileiro, essa perda foi estimada em 30,8%, o que significa que apenas 69,2% do tempo das aulas seriam efetivamente utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem. Esse alto desperdício de tempo nas aulas nas escolas brasileiras seria sobretudo devido a ruído em sala de aula”.

A própria equipe pedagógica em auxílio ao educador, deve agir no sentido de minimizar o potencial negativo dos conflitos, evitando os seus efeitos nefastos, independentemente de como essas manifestações se iniciem. Também Ortega Ruiz, defende que o,

“conflito é uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal face a uma situação que afeta mais do que um indivíduo. Quando as pessoas têm um estatuto social semelhante e capacidade para se enfrentarem na dita situação, estão em condições de afrontar conflitos e de resolvê-los criativamente” (Amado & Freire 2002, p. 24).

Neste momento, promover o diálogo e mediar relações entre as partes adotando todos meios de sanar o conflito eliminando as relações autoritárias. Vale frisar, que nem sempre o impasse gerado pelo conflito deve ser caracterizado como situação divergente ou ser encarado como algo prejudicial ao ensino aprendizagem. Ainda segundo Silva (2009).

A indisciplina é qualquer infração contraposta ao regulamento da escola e ao trabalho docente, a falta de civilidade e, portanto, prejudicial ao ensino aprendizagem. Porém, o comportamento indisciplinar acaba, pois, se manifestando de um conflito, onde educador e educando estão sujeitos ao envolvimento independente da situação. É importante entender, que o conflito é um descompasso de acordo que pode emergir em todos os níveis de escolaridade. (Silva, 2009, p. 23).

É urgente a necessidade de sensibilizar o aluno quanto as boas formas de convivência, ser compreensível e pacífico, saber trabalhar em grupo e comunicar-se, respeitar a opinião do outro, evitar palavras obscenas e ser responsável nas atividades, são princípios importantes que notadamente o docente deve viabilizar de se evitar esses disparates. É nesse contexto que as crianças estão sujeitas a interações que, por vezes se mau compreendidas, podem se tornar conflituosas.

Chrispino (2007, p. 13), reforça este contexto dizendo que se faz necessário assumir a violência nas escolas para ter uma nova postura frente a esse acontecimento, “O primeiro ponto para a introdução da mediação de conflito no universo escolar é assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de que a escola cumpra melhor as suas reais finalidades”. A mediação é um processo no qual se direciona duas ou mais pessoas na busca pela, sem impor ou propor soluções, os conflitantes neste caso, precisam chegar a um acordo. Assim como destaca Sales (2007, p. 184), “A mediação possibilita a transformação da “cultura do conflito” em “cultura do diálogo” na medida em que estimula a resolução dos problemas pelas próprias partes. A valorização das pessoas é um ponto importante, uma vez que são elas os atores principais e responsáveis pela resolução da divergência”.

2.6 Medidas preventivas

Pelo presente contexto já apresentado, verifica-se uma diversidade de conceitos atribuídos a palavra conflito, e mais comumente atribuir conotação positiva ou negativa. Para Robbins (2009, p. 326) define conflito como sendo “um processo que tem início quando uma das partes percebe que a outra parte afeta, ou pode afetar, de modo negativo, alguma coisa que ela considera importante”.

Todas as concepções difusas a respeito dos conflitos interpessoais que ocorre em sala de aula, para uma grande parcela de docentes, o momento representa um retrocesso no ensino aprendizagem. Para Silva (2015, p. 56), “Diversos estudos apontam para as causas dos obstáculos enfrentados pelos docentes, que, geralmente, culminam com prejuízo no processo de ensino e aprendizagem, dentre eles a chegada das diversas culturas juvenis aos ambientes escolares”. No entanto, pouco se vê nesses estudos a busca de soluções para a problemática. Para Vinha (2003) o educador pode usar, também, estratégias diretas e básicas em relação aos conflitos, como por exemplo:

Oferecer oportunidades para que trabalhem sentimentos e conflitos. Compreender o papel dos conflitos como oportunidades de aprendizagem dos sujeitos. Procurar não intervir ou tomar atitudes de improviso. Cuidar da segurança física dos alunos, para que não sejam resolvidos por meio de agressões. Ser direto e objetivo e, quando impor uma limitação ser firme e sem gritos. Reconhecer e aceitar os sentimentos de todos envolvidos. Ajudar o aluno a verbalizar e a escutar a opinião do outro. Não subestimar a capacidade do aluno para resolver o conflito. (Devries; Zan, 1998 como citado em Vinha, 2003 pp. 75-76).

Porém, os resultados gerados pelo conflito, nem sempre devem ser encarados como

negativos, uma vez que o educador deverá pôr em prática a capacidade de persuasão, promover o diálogo entre as partes, interagir com o aluno, ensiná-lo a moderar as palavras, reconhecer seus erros e ser pacífico, respeitar a opinião do outro e ter compostura. Para Vinha (2003).

Os conflitos interpessoais são momentos importantes na socialização do aluno dentro e fora da escola e na construção de sua mentalidade como ser crítico, social e intelectual, e sempre fez parte da vida do ser humano em todas as relações vividas em sala de aula, e, também, na busca de soluções aos impasses nos grupos de convívio. (Vinha, 2003, p. 77).

Vinha e Tognetta, (2009, p. 527) comenta que diante do cenário vigente, faz-se necessária uma análise profunda, não só das situações reais de conflito e suas causas, envolver outros sociais é de grande valia para amenizar determinadas situações, “na realidade, não é apenas um ou outro fator isolado (família, traços de personalidade, escola, amigos, meios de comunicação etc.), mas o conjunto deles que contribui nesse processo de construção de valores morais”. Diante desse pressuposto, cabe ao educador em seu grau de profissionalismo e experiências, apropriar-se de seus contributos didáticos, para tanto, é crucial participar de treinamentos, preservar pela busca de novas ideias, isto é, a inovação é fator primordial para o profissional que preza pelo sucesso em seu trabalho.

Todavia a qualificação profissional constitui fator indispensável para o docente que preza por desenvolver um bom trabalho, um elo satisfatório entre o ensinar e o aprender, a busca pelo conhecimento neste âmbito, é algo crucial, o educador precisa sempre inovar em suas metodologias e formas de abordar o conteúdo ministrado. A sala de aula é um ambiente de relações bastante complexas, estar envolvido, é poder mediá-las, é evitar que determinados choques de opiniões aconteçam gerando desconforto entre os envolvidos e impossibilite o trabalho educativo. Para Freud (1910) comenta que:

Em outros artigos [...], *algumas reflexões sobre a psicologia escolar* (1916-1917/1987), Freud acentua a importância da escola e dos educadores para a formação do sujeito, quando utiliza exemplos de sua própria experiência de vida para afirmar que o ambiente escolar, seja pela presença dos colegas, seja pela presença dos professores, teve influência significativa sobre suas escolhas, sua carreira e seu pensamento. (Freud, 1910, p. 217).

No sistema de ensino brasileiro, infelizmente ainda há uma parcela muito grande de docentes que atuam em sala de aula sem formação adequada, como resultado dessa deficiência, milhares de educadores enfrentam dificuldades tanto em desenvolver

metodologias de ensino quanto na mediação de conflitos, o que acaba sendo motivo para emergência de outras situações danosas em sala de aula. Ainda segundo Silva (2015) comenta que:

O “modo de ser” da juventude atual, que tende a sofrer com as representações sociais negativas, muito comumente desencadeia os conflitos que se manifestam de forma mais contundente em determinados espaços, dentre eles, o espaço escolar. Por ser um local de convergência de grande número de jovens, a escola torna-se um dos principais palcos de manifestação das diversas culturas juvenis. (Silva, 2015, p. 52).

Antes mesmo de ingressar na escola, ter contato com o professor e com os colegas na socialização contando e ouvindo as histórias de vida, enfim, há todo um contexto de experiências na vida da criança. Mas, é na escola, onde ela aperfeiçoa tais experiências e passa a vivenciar outras, aprende a se socializar e viver em grupos. Mas é também na escola, onde os conflitos emergem, outros ressurgem de relações já pré-existentes, ou apenas continuam de relações externas a escola. Não há, portanto, como ignorá-los, o professor como promotor do ensino aprendizagem e mediador das relações em sala de aula, não pode hesitar em buscar ideias alternativas de prevenção e, junto a equipe pedagógica, apontar os aspectos críticos da zona de conflito que precisam ser sanados, pois educar é preciso para que o conflito seja positivo:

“Como a convivência entre os seres humanos está cheia de conflitos de todo tipo, os quais habitualmente se resolvem por meio da força, da coerção ou da violência, o objetivo de uma educação para a paz seria a generalização de um tratamento desses conflitos baseado no diálogo, na cooperação e no respeito mútuo entre os principais atores envolvidos nos problemas. Mais do que de educar para a paz, é preciso educar para o conflito”. (Saéz, 2003, p. 66).

Assim como sabemos, toda e qualquer instituição de ensino, é regida por Lei que asseguram tanto a preservação da parte física, quanto das relações de socialização e fins educativos que acontecem em sua dependência. Portanto assim, como coloca Astor & Meyer, (2001) que:

Os conflitos escolares também denominados por qualquer ação que acarrete comportamentos agressivos, brigas e conflitos interpessoais, desentendimentos e atos de preconceito ou práticas que possam denegrir a psicologicamente a imagem de alguém, vandalismo contra patrimônio escolar, depredação e ações como quebrar, sujar e marcar os espaços, inviabilizando o uso dos mesmos. (Astor & Meyer, 2001, p. 23).

Todas as práticas dessa natureza que se traduz pela postura incoerente do aluno que

indisciplinarmente burla as regras da escola, desrespeitando a autoridade do docente e tirando a atenção com atos desnecessários, têm levado milhares de docentes a questionar si próprio quanto às metodologias adotadas, para Altet (2001, pp. 31-32) “a experiência vivida, o conhecimento íntimo das situações, a imersão no ofício, os estágios para observação do trabalho de colegas, as iniciativas pedagógicas testadas e as inovações, é que possibilitam aos professores o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo [...]”.

Neste momento, é urgente a necessidade da escola mobilizar a equipe pedagógica, pais e responsáveis, comunidade e profissionais afins que possam contribuir na adoção de medidas mais rígidas que visam coibir determinados atos e assegurar a preservação das relações interpessoais das quais o profissional necessita para desenvolver um trabalho frutífero em sala de aula. Souza (2012) em seu artigo legislação e solução de conflitos destaca ainda que.

A justiça restaurativa estabelece princípios que merecem ser observados e discutidos. Os conflitos existentes e as graves consequências dos atos violentos que se instalam nas escolas indicam a necessidade de medidas que, efetivamente saiam da teoria e sejam aplicadas. Talvez o modelo restaurativo conhecido e aplicado em outros países não seja o ideal para os nossos problemas, porém, é preciso pensar em meios que atendam às necessidades para a realidade enfrentada pelos educadores no Brasil. (Souza, 2012, p. 48).

A escola representa um espaço de convivência social, de integração de ideias e pessoas, mas também de confronto e conflito, portanto suscetível de depredação do patrimônio. O aluno procura atingi-la de várias formas, por ser esta o espaço mais próximo de sua realidade e convivência social.

Os conflitos em sala de aula são em parte do comportamento de alunos, que na maioria dos casos, expressam atitudes incoerentes como rasgar o caderno do colega, puxar o cabelo, esconder ou furtar materiais, pronunciar palavrões ou apelidos indesejáveis. Para uma grande parcela de docentes, a maior dificuldade de atuar na resolução dos conflitos se refere carência das punições ou mesmo a falta delas, isso enfraquece o trabalho docente, e dificulta a lida com as relações interpessoais. Para Vidigal e Oliveira (2013), isso acontece devido as seguintes situações.

A concepção dos educadores de que os conflitos são ruins e comprometem as relações de ensino aprendizagem, à dificuldade que o professor tem de intervir ou agir diante da causa; à realidade social de “alguns” alunos e a ausência de formação específica adequada para o docente, para que estes possam estar aptos a mediar as diversas relações que possam estar sujeitos a resolver em sala de aula. (Vidigal e Oliveira, 2013, p. 34).

A cada dia, há uma nova problemática em questão e motivo para geração de conflitos entre os educandos. Sobretudo, o que mais vem se destacando nos últimos anos, são os atritos por causa do preconceito, que podem ser gerados pelas diferenças sociais, econômicas, religiosas, sexualidade, déficit de aprendizagem, dentre outras provocações que extrapolam as medidas impostas pelo professor, e geram situações enfadonhas, desagradáveis e colocam o trabalho de ensino aprendizagem em cheque.

CAPÍTULO III

PROFESSORES E A GESTÃO DE CONFLITOS

O conflito como característica de comportamento do ser humano comum em todas as suas formas de vivência em sociedade, está presente em sua trajetória desde o estopim do seu processo de evolução. Sua ocorrência, independente dos atores envolvidos, está presente em todas as relações interpessoais e o modo educativo que o educador concebe a mediação, irá esclarecer aos envolvidos a importância do ensino aprendizagem. Para Vasconcelos (1997, p. 100), “[...] o aluno precisa da autoridade do professor, seja para se orientar, seja para se opor, como uma necessidade inerente ao processo de constituição de sua personalidade”. Mas Líbano (1980), faz uma alerta acerca dessa autoridade dizendo que:

Autoridade profissional, que se manifesta no domínio da matéria que ensina, os procedimentos de ensino, na capacidade de lidar com as diferenças individuais e avaliar os trabalhos docentes e discente. Autoridade Moral, ligada à personalidade do professor, como dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter. Autoridade Técnica, constituída de hábitos e habilidades indispensáveis à eficácia de transmissão e assimilação do conhecimento dos alunos. (Líbano, 1980, p. 105).

O professor ao intervir na mediação de modo geral, pode conduzir o aluno a prática de boas condutas, falar da importância de sua formação como ser social e profissional, a preservar relações positivas que favoreçam o ensino aprendizagem, sensibiliza-lo que somente a educação pode proporcioná-lo um futuro digno. Teóricos como Garston e Wellman (1999, p. 185) defendem ainda que: “conflito é uma situação em que pessoas interdependentes satisfazem suas necessidades e seus interesses de formas diferentes e experimentam a interferência uns dos outros na busca de seus objetivos. Ele se origina da competição por recursos percebidos como limitados: água, ar, terra, alimento, tempo, riqueza, poder”.

Piaget (1973), enfatiza que o homem é um ser social e, portanto, impossível de pensá-lo sem relações conflituosas, sendo assim, aquele que se relaciona com seus semelhantes de forma equilibrada, precisa de um interlocutor para mediar suas emoções, comportamentos e formas de agir quando for o caso. É importante frisar, que o docente que bem gere o conflito, pode transformá-lo em fonte de aprendizagem, para tanto é importante saber sua origem e causas. O professor neste caso, em sua mais hábil forma de gerir o problema, mesmo que não consiga mudar tudo, sempre dá para mudar alguma coisa, as quais fazem a diferença.

3.1 Histórico

Independentemente da natureza, o conflito sempre esteve presente na trajetória de vida do ser humano e, portanto, sua ocorrência seja no ambiente empresarial, organizações, bancos, hospitais ou onde haja convivência entre duas ou mais pessoas, principalmente no ambiente escolar, cabendo apenas à pessoa responsável por gerir o impasse, mediar a melhor opinião e/ou ideia. Berg (2012, p. 18), afirma ainda que: “O conflito nos tempos atuais é inevitável e sempre evidente. Entretanto, compreendê-lo, e saber lidar com ele, é fundamental para o seu sucesso pessoal e profissional”.

Por se tratar de um fato historicamente presente na vida do homem, o conflito sempre é oriundo de ideias distintas, mas, quando discutido passivamente, pode levar as partes a ideais positivas acerca do assunto em questão, uma vez que ambos saem ganhando ou perdendo satisfatoriamente, é necessário que a forma de gerir seja bem administrada. Assim como o conflito caracteriza um cenário hostil entre as partes, a solução do impasse permite a educadores, ao mediá-lo, explore o diálogo entre as partes, ouvir os diferentes pontos de vista, interesses e valores, e assim chegar a um consenso. Para CECCON (2009, p. 28), “a primeira condição indispensável para lidar com conflitos e prevenir violências é reconhecer que eles existem. Depois, é preciso diferenciar conflito de violência”. E, finalmente – o que leva mais tempo –, desenvolver as competências necessárias para transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem e mudança.

Para Lück et. al. (2001, p. 15) considera que, “o entendimento do conceito de gestão já pressupõe, em si, a ideia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas analisando situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas em conjunto”. Ainda conforme Libâneo et. al. (2003, p. 293), considerando a relevância ao termo gestão, “os termos organização e gestão são, frequentemente, associados as ideias de administração, de governo, de provisão de condições de funcionamento de determinada instituição social - família, empresa, escola, órgão público, entidades sindicais, culturais, científicas, etc. – para a realização de seus objetivos”.

O conflito em suas diversas faces, seja ele mais ou menos complexo no que se refere ao número de atores envolvidos ou problema em questão, às disputas por interesses, conciliar vontades, gostos e estilos peculiares enfim, mediá-lo com sucesso requer sempre habilidade de refinar as relações e a comunicação entre as pessoas envolvidas. Ainda segundo Goes e Morales (2013).

Destacam que a gestão deve agir, pela complexidade e a importância que desempenham, apreciando o conflito como uma área na administração repleta de problemas. Com essa complexidade de gestão, deve também ser a desencadeadora de ações para sustentabilidade e o desenvolvimento, visando estimular os autores a adotardialogos sadios a ambas as partes. (Goes e Morales, 2013, p. 89).

O educador, antes mesmo de ser um agente mediador em todas relações que acontecem no ambiente escolar, ele é um transformador, organizador, participativo e responsável de preparar o aluno em seu caminho, formá-lo para vida, cidadania e mercado de trabalho.

Para tal é imprescindível que as hipóteses perspectivadas permitam a verdadeira compreensão do conflito e “que na escola, professores, auxiliares de educação e alunos estejam preparados para enfrentar positivamente os conflitos interpessoais do seu cotidiano, de modo a impedir que aqueles resultem em situações de agressividade e mesmo de violência”. (Amado & Freire 2002, p. 23).

O docente precisa estar ciente o quanto sua formação profissional é significativa diante das relações de convivências com grupos de crianças, adolescentes e jovens, onde todas as formas de socialização e concepção de conflitos acontecem, o educador em sala de aula, estará auxiliando seu alunado a ponderar em determinadas discursões conflituosos que podem ou não gerar atrito. Se a escola concebe paz como sinônimo de ausência de conflitos, em geral estabelecerá suas regras para evitar o incidente ou intervirá diretamente neles auxiliando os envolvidos a chegarem a uma solução satisfatória a ambos.

Para Bernardino (2008), em sua publicação no site revista militar fala sobre prevenção e resolução de conflitos destacando que.

A prevenção de conflitos contempla [...], um conjunto de ações e procedimentos de caráter político e diplomático, levados a efeito em espaços vulneráveis, de forma a evitar a ameaça ou o uso da força como meio de coação empregues por parte de estados ou grupos, com a finalidade de garantir a estabilidade económica, política e social, numa dada sociedade ou região. Estes procedimentos podem ocorrer antes de o conflito eclodir com vista a evitar a escalada da violência ou mesmo após um conflito recente já resolvido, no intuito de acautelar o seu possível (e indesejado) reacendimento. (Bernardino, 2008, p. 91).

Determinados grupos são induzidas a lutar pelo poder e pela identidade (cultural, política, religiosa ou social), ou pela manutenção de um determinado “status quo”, nomeadamente associado a questões de ordem tradicional, relacionado a preservação de

valores, quer seja no âmbito de uma ideologia ou religião. Contudo, a gestão dos conflitos pressupõe, entre outros aspectos, uma abordagem às raízes mais profundas de determinados acontecimentos, ainda como coloca Swanström e Wiessmann (2005, p. 5) “outra perspectiva, mais centrada nas pessoas e nos seus comportamentos sociais, concebe a prevenção de conflitos como um conjunto de medidas para prevenir comportamentos conflituosos indesejados, quando surge uma situação de incompatibilidade de objetivo”.

As divergências, desacordos e hostilidades são comportamentos que sempre fizeram parte da vida das pessoas em todas as suas formas de vivência, alguns até mesmo desnecessários por causar danos psicológicos e/ou emocionais. São inúmeros os desafios enfrentados, por exemplo, no sistema de ensino, onde as garantias são mínimas que o gestor dispõe para manter a ordem e a participação do aluno no cumprimento as regras e a preservação das relações no ambiente escolar.

Todas as transformações promovidas na sociedade desde o início do século XX, fruto dos avanços tecnológicos aliado a globalização, produziram grandes mudanças no estilo de vida e no comportamento das pessoas. Libâneo et. al. (2003, p. 293) ressalta que: “A organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que alcance os objetivos educacionais esperados”.

Barros e Cavalcante (1999, p. 282) comentam que no campo educacional, por exemplo, em vários países, quanto no Brasil, os nexos entre essas transformações e a administração escolar apontam para novos desafios, surge aí, um novo estilo na forma de ensinar, o acesso e uso exacerbado das tecnologias repercute diretamente no comportamento dos jovens, levando o trabalho administrativo e o exercício docente a serem repensados incrementando as novas práticas educacionais através do recurso. “Desse modo, o uso de recursos computacionais em educação, será tão prejudicial, quanto for o desconhecimento do professor e da escola sobre estas novas tecnologias, e a falta de um planejamento de ensino voltado para a construção do conhecimento”. Tendo em vista as diversas características do conflito, dias coloca ainda que.

Destaca-se três áreas de atuação do diretor: Como Autoridade Escolar [...], tem uma grande soma de responsabilidades [...], é ele que representa a escola em solenidades, preside reuniões escolares, confere certificados e diplomas, nessas ocasiões o diretor está cumprindo além das funções administrativas, como alguém que personifica a instituição que pertence. No papel de Educador: deve possuir um conhecimento sobre o ensinar na escola, e sua administração influência diretamente na filosofia de trabalho da instituição, refletindo assim nos alunos. [...] preocupar-se

como bem-estar dos alunos e não apenas na busca de uma administração eficiente. Administrador tem que assumir a liderança e assegurar a conquista dos objetivos da escola, levando em conta o planejamento, organização do trabalho, coordenação dos esforços, e a avaliação dos resultados. (Dias, 1999, p. 163).

Maquiavel coloca os líderes precisam de firmeza para manter o poder, a autoridade e a ordem. Todavia, o ideal seria que esses três poderes fossem alcançados passivamente, pela conquista da simpatia, confiança e compreensão, assim o professor poderá gerir os impasses sem que seus autores cheguem ao um cenário de agressões verbais ou ameaças.

Verifica-se uma grande mudança no papel do gestor, não só como administrador, mas sua qualificação, o conhecimento e sua experiência. Como o próprio autor coloca suas três funções administrativas no qual e para o qual atua. Por isso, o gestor escolar é um lugar de permanente qualificação, desenvolvimento pessoal e profissional. Para Oliveira (2002) comenta que:

Definem a Gestão Escolar como a expressão relacionada à atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientados para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos. (Menezes e Santos como citado em Oliveira, 2002, p. 1).

O docente, além de ser um permanente comunicador, tanto nas relações com seus companheiros, trocando ideias e experiências, quanto na comunidade na qual a escola está inserida, devendo ele ser um mediador no processo dos conflitos e das ações administrativas. Libâneo et. al. (2003, p. 293) ressalta que: “A organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que alcance os objetivos educacionais esperados”. Cury (1997), ainda reforça este tópico dizendo que:

Indaga em sua teoria, que a educação é o único seguimento cuja tarefa, é de todos, família, governo e sociedade, mas para que os processos e as mudanças aconteçam, essa sintonia é necessária à participação de todos os agentes que compõem o processo educacional, de um trabalho coletivo que busque ações concretas [...]. (Cury, 1997, p. 134).

Além da missão de educar e promover o saber, por se tratar de um ambiente permeado de impasses, o papel do professor “hoje” está acarretado de responsabilidades, devido à grande parcela de alunos que apresentam problemas, sejam eles psicológicos, emocionais e familiares, pois requerem algum tipo de auxílio e/ou atenção. Daí, a necessidade do

profissional está em constante inovação de suas metodologias e conhecimento para todo seu corpo docente e garantir relações sadias entre os educandos.

Colaço (2007, p. 38), destaca que a “escola é uma organização geradora de conflitos, nomeadamente entre os gestores, professores e pais dos alunos”. Verifica-se aí, o quão o conflito adquire determinadas proporções se não mediado. É nesse cenário, que o administrador exerce papel primordial, não apenas para sanar os atritos que ali acontecem, pois todas as atividades desenvolvidas nesse ambiente, para que os objetivos almejados sejam alcançados, é indispensável que o diretor seja eficiente e firme em seu posto, administrando as diferentes realidades que se manifestam na escola, mediando e garantindo um elo nas relações entre os alunos, professores, profissionais de apoio, pais e comunidade do entorno da escola.

PARTE II

ESTUDOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, será explanado a parte científica do estudo, que acontece através da coleta dados realizados por meio da investigação acerca do tema em estudo, de forma que os resultados coletados alcancem os resultados almejados.

4.1 Introdução

Antes mesmo de abordar os dados sobre os resultados da pesquisa que aconteceu no 04 abril de 2021, vale frisar a importância no que pese a docentes gerem os conflitos em sala de aula, quais os critérios de mediação são mais adotados pelos profissionais afins proporcionar-lhes o melhor proveito possível na aula. Ceccon (2009) comenta que:

[...] Convida os educadores a rever suas ideias sobre *conflitos e como gerenciá-los*; a identificar situações do cotidiano escolar em que estes conflitos, se reconhecidos e bem manejados, podem gerar interessantes aprendizagens; e a **criar suas próprias respostas** para as questões que têm de enfrentar. Trata-se de um aprendizado que vale a pena empreender [...]. (Ceccon, 2009, p. 21).

Vale destacar, que todas as ideias e/ou métodos que o profissional desenvolver afim de melhor atender as necessidades do educando no ensino aprendizagem mediante as relações conflituosas em sala de aula, todos os avanços proporcionados, serão proveitosos com vistas a melhorar a educação.

4.2 Tipo de Pesquisa

A metodologia adotada foi a quantitativa, através da qual será aferido o processo de investigação por meio de perguntas que condizem com a realidade dos fatos em estudo. Foi adotada a técnica de pesquisa bibliográfica e de campo com questionários para os professores e equipe gestora. Tendo em vista, que o método adotado, possibilita a quantificação dos saberes, agrega diversas fontes de conhecimento, além de ser favorecido por outras fontes vinculadas ao mundo empírico.

Ainda segundo Cervo e Bervian (2002, p. 16) afirmam que: “A ciência é um modo de

compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário”.

É importante frisar, que o pesquisador deverá estar atento a divulgação dos dados, bem como as condições válidas ao que almeja alcançar. Para Lavelle e Dionne (1999), reforça este tópico destacando que: “O pesquisador, é a pessoa que identifica o problema, seja ele teórico ou prático, analisa a melhor forma de estudá-lo, formular problemas e levantar hipóteses, através de um estudo minucioso acerca do problema, chegar à conclusão”. Pinto (2009, p. 21) descreve ainda que: “O método, quando desenvolvido em um trabalho ou forma de pensamento, abre um leque de possibilidades, permitindo ao pesquisador inúmeras vantagens na forma de desenvolver a pesquisa, tendo em vista as peculiaridades no âmbito da entrevista, o pesquisador só tem a beneficiar-se em sua vida tanto profissional quanto social, afetiva, econômica e cultural”. Demo (2001, p. 34), atribui seu ponto de vista a metodologia enfatizando que: “a pesquisa é fundamental para descobrir e criar. É o processo de pesquisa que, na descoberta, questionando o saber vigente, acerta relações novas no dado e estabelece conhecimento novo. É a pesquisa que, na criação, questionando a situação vigente, sugere, pede, força o surgimento de alternativas”.

4.3 Locus da pesquisa

Tomando como base os relatos da entrevista, este tópico aborda o contexto da pesquisa acerca das informações geográficas básicas sobre o Estado do Maranhão e de forma minuciosa do município de Igarapé Grande – MA, Brasil, onde a pesquisa foi desenvolvida e é o centro dos registros pesquisados.

4.3.1 O estado do Maranhão

O estado é conhecido por possuir um abundante ecossistema como rios, florestas, praias, mangues, cerrado, cachoeiras, lagoas e etc., o estado representa o (27) vigésima sétima das unidades federativas na distribuição do estado brasileiro. Quanto a sua localização geográfica, situa-se ao Nordeste do país, interagindo com três estados brasileiros Tocantins (sul e sudoeste), Pará (oeste) e Piauí (leste). Já São Luís, a sua capital, o estado contempla uma área de aproximadamente de 331 mil km², onde são distribuídos em 217 municípios, sendo o segundo maior estado da região Nordeste, no Brasil é considerado o oitavo. Seu

Produto Interno Bruto – PIB, está entre o quarto estado brasileiro com riqueza da região do Nordeste do país e também considerado na escala brasileira o décimo sétimo com grandes no país.

- Área: 331.936,948
- Limites: O estado do Maranhão com limites ao sudoeste e ao sul com o estado de Tocantins, já para o oeste faz limite com o estado do Pará e finalmente com o estado do Piauí na parte leste
- Número de municípios: 217
- População: tem aproximadamente em torno de 7,0 milhões. Dados IBGE (2015)
- Gentílico: maranhense
- Principal cidade: São Luís



Figura 1. Mapa do Brasil com a localização do Estado do Maranhão
Fonte: LOXOSCELES. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikipédia, 2017.
Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Loxosceles>>.

4.3.2 Local de investigação – Município de Igarapé Grande

Igarapé Grande é uma cidade de Estado do Maranhão. Os habitantes se chamam igarapé-grandenses, a cidade fica a 365 km da capital e se estende por 374,3 km² e contava com 11 320 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 30,2 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Bernardo do Mearim, Lago do Junco e Lago dos Rodrigues e Poção de Pedras. Igarapé Grande situa-se a 25 km ao Norte-Oeste de Trizidela do Vale a maior cidade nos arredores.



Figura 2. Mapa de Igarapé Grande e localização no Estado do Maranhão

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igarap%C3%A9_Grande

Situado a 39 metros de altitude, de Igarapé Grande tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 4° 33' 19" Sul, Longitude: 44° 51' 14" Oeste.

4.3.3 Escolas selecionadas

A primeira: Unidade Integrada Manuel Matias, localizada à Rua Tiradentes s/n – centro. A segunda: a Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, localizada à rua das Margaridas s/n, no conjunto habitacional Frei Pascoal, ambas no Município de Igarapé Grande - MA, Brasil.

4.4 Questões da investigação

Desse modo, algumas indagações são convenientes nesse momento para estudos mais centralizados no município da pesquisa.

1. Quais os conflitos existentes atualmente em sala de aula nas escolas do município? Quais os motivos dos conflitos existentes em sala de aula?
2. Que medidas tem adotado para amenizar os conflitos em sala de aula? Esses conflitos estão atrapalhando o ensino aprendizagem em sala de aula?
3. O corpo docente está preparado para amenizar os conflitos em sala de aula?

4.5 Objetivos

4.5.1 Objetivo Geral

Analisar o papel dos gestores e educadores na gestão das diversas relações conflituosas em sala de aula do ensino fundamental maior do município de Igarapé Grande – MA e quais ações são aplicadas para atenuar o problema.

4.5.2 Objetivos específicos

1. Distinguir os principais tipos de conflitos existentes no ambiente escolar;
2. Entender o papel docente na gestão dos conflitos em sala de aula;
3. Identificar as principais relações conflituosas entre professor/aluno em sala de aula;
4. Verificar as ações aplicadas em sala de aula para atenuar o problema.

4.6 Hipótese

Este trabalho fundamenta-se principalmente na perspectiva de que o trabalho conjunto entre escola e família, trará efeitos positivos quanto solução dos diversos impasses conflituosos dentro e fora da sala de aula.

4.7 Caracterização da amostra e critérios de seleção

Foram realizadas 58 entrevistas, assim distribuídas:

Tabela 1.

Entrevistados da pesquisa

Coordenadores	02
Professores	12
Pais de alunos	04
Alunos	40
Total	58

Nota: pesquisa de campo 2021

Nesta pesquisa foi utilizado uma amostra representativa do público alvo da zona urbana do município Igarapé Grande - MA, a participação envolveu coordenadores, professores, pais de alunos e alunos. A participação dos entrevistados se deu através da necessidade de análise de opinião mais detalhada da acerca do tema em foco.

4.8 Instrumentos de recolha e análise de dados

Em relação aos mecanismos de recolhimento de dados optou-se por questionários envolvendo questões similares e abertas de fácil compressão dando liberdade de expressão aos entrevistados, segundo a Fundação Nacional da Qualidade - FNQ, pois Quivy e Campenhoudt (2003, p. 45) comenta “porque esta técnica (...) precisa e formal adequa-se particularmente bem a uma utilização pedagógica” e dá “a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação”.

Antes mesmo da aplicação dos questionários, houve um primeiro contato com a direção da escola, a fim de que houvesse o pleno consentimento e autorização através de ofício foi realizado uma visita in loco nas escolas, buscando contato direto com os colaboradores (diretor, coordenador pedagógico, professores e alunos), para realizar o convite, assinaturas de autorizações pessoais e entrega dos questionários.

O professor assume papel importante enquanto pesquisador, uma vez que a investigação envolve toda uma técnica de aplicação de questionários com indagações que buscam as devidas respostas aos questionamentos afins esclarecendo a toda comunidade científica os reais motivos e importância de estudo do tema.

4.8.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

4.9 Ética da Pesquisa

A pesquisa científica, contempla todo um processo de investigação, análise de dados, cujas indagações permitem buscar respostas as diversas dúvidas ao problema levantado. Importa para o professor saber a relevância do assunto, sua abrangência, bem como descrever diferentes conceitos para distintas temáticas.

É primordial analisar se o problema em questão manifesta importância para sociedade científica, se a pesquisa trará resultados consideráveis ao interesse de outros profissionais que

possam desenvolver temas semelhantes ao decorrente estudo. Furtado (2002) destaca ainda que:

O conhecimento, por definição, envolve responsabilidade e ética, e os educadores têm em suas mãos a possibilidade de despertar nos alunos uma postura ética e crítica também em relação à vida, pois, se permitirem ou se fizerem “vista grossa” para o problema, que tipo de profissionais ou cidadãos estará formando? Pensadores hábeis comprometidos com a justiça e a ética, ou simples ladrões de ideias? (Furtado, 2002, p. 4).

A ciência em âmbito geral, exige do pesquisador curiosidade, observações, análises, levantar questionamentos e dúvidas, desenvolver conceitos. O importante nesse processo, é que o pesquisador tenha em mente, a quão determinada pesquisa irá despertar interesse científico, estimular o conhecimento dos demais profissionais, ao mesmo tempo, preparar e integrar outros futuros pesquisadores às novas exigências do mundo profissional.

Por outro lado, ainda poderá ser base de estudo e conhecimento, uma vez que a ciência agrega um conjunto de instrumentos, o que engloba definições, hipóteses levantadas e normas éticas a serem seguidas. Furtado (2002, p. 4) comenta que “Para Einstein, não existem ideias erradas ou ridículas. Tudo pode ser posto em causa, todas as hipóteses devem ser experimentadas, mesmo que pareçam absurdas. Para o pensador alemão, para crescer é preciso estar disposto a errar e é através dos erros que se aprende, se melhora e se constroem novas soluções”.

Portanto, o conhecimento não é algo passageiro nem tampouco concretizado, há sempre algo a ser questionado, para tanto, é necessário processar um conjunto de ações de forma sistemática, dentre elas a comunicação científica.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O acesso as escolas, diretores, coordenadores e alunos se deu através de ofício encaminhado ao gestor das escolas, apresentando e explicando a necessidade, importância bem como os benefícios da pesquisa.

O presente capítulo aborda os resultados e discussões acerca do estudo de campo realizado em (02) duas escolas da rede municipal de ensino fundamental nas series finais de 6º ao 9º, envolvendo (20) vinte alunos, (01) um coordenador e (06) professores das respectivas escolas. A primeira: Unidade Integrada Manuel Matias, localizada à Rua Tiradentes s/n – centro. A segunda: a Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, localizada à rua das Margaridas s/n, no conjunto habitacional Frei Pascoal, Município de Igarapé Grande - MA, Brasil.

5.1 Apresentação e discussão dos resultados

5.1.1 A caracterização dos entrevistados

Para análise dos dados foram criados um banco de questões a fim de avaliar o perfil de opinião dos professores, coordenadores e alunos, a coleta se deu através de questionários e os resultados obtidos foram exibidos através gráficos e contextos expondo o ponto de vista dos entrevistados acerca do problema.

5.1.1.1 Perfil dos pais de alunos

Na entrevista foram selecionados XX pais de alunos matriculados em 2019, residentes na zona urbana e rural da cidade de Igarapé Grande. Sendo avaliado na figura 1, o grau de instrução dos mesmos.

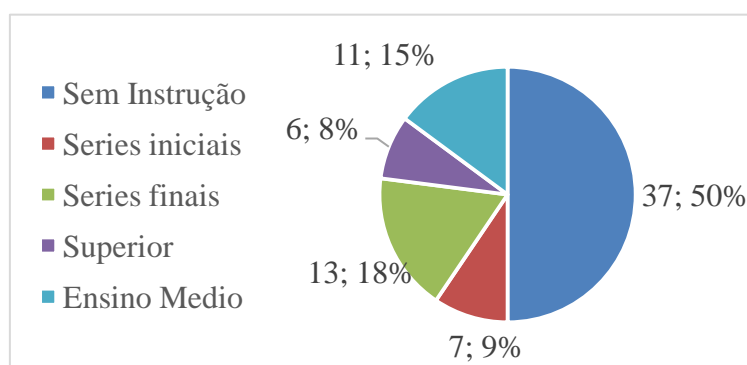


Figura 1. Caracterização dos Pais de alunos – Grau de Instrução

Fonte: pesquisa de campo 2021

De acordo com o gráfico, a faixa etária por grau de instrução dos pais, onde 37,50% correspondem aos sem instrução, em seguida, temos 13,18% dos entrevistados que concluíram as séries finais do ensino fundamental, enquanto 11,15% responderam que fizeram o ensino médio. E, 7,9% dos entrevistados fizeram apenas as séries iniciais do ensino fundamental. Enquanto somente 6,8% disseram que chegaram ao ensino superior. Nathalia (2010), em matéria publicada no site da revista veja, destaca que:

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o índice de analfabetismo quando consideramos os analfabetos funcionais – aqueles com apenas quatro anos de estudos completos – sobe para 23,5%. Em relação ao entrevistados pelo Projeto Atenção Brasil, 20,1% dos chefes de família são analfabetos ou não terminaram o curso primário, 20,5% têm o curso primário completo ou o ginásial incompleto, 18,3% o ginásio completo ou o colegial incompleto, 31,3% o colegial completo ou o curso superior incompleto e apenas 9,7% o curso superior completo. (Nathalia, 2010, p. 12).

Estudos têm apontado que, ao contrário do que acusa a escola, os pais/responsáveis pelos alunos têm sido omissas em seu papel educativo, não por comodismo, mas, porque tem vergonha, pois devido ao fato de não serem letrados, e portanto, não se expressam corretamente, não querem se expor juntamente com seus filhos nas reuniões da escola, além de estarem, quase sempre, envolvidos na luta pela sobrevivência.

5.1.2 Análise dos pais em relação aos conflitos em sala de aula

Mãe 01 – A mãe relatou que faz o possível para educar seu filho em casa, lamentou por vezes seu comparecimento na escola para receber queixa dos professores quanto ao comportamento indevido de seu filho, destacou ainda que o uso exacerbado do celular, é outro grande problema enfrentando em casa, pois o filho está se tornando rebelde, além de se negar a fazer as atividades escolares, por outro lado, ainda existe as amizades indevidas, que acabam induzindo o jovem a práticas e/ou comportamentos nada proveitosos. De acordo com o ECA (Lei nº 8.069, Art.19/1990), reforça este contexto dizendo que: “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária (...)”.

Vale ressaltar, que o ECA contempla que a família constitui o alicerce a todos os costumes, hábitos e valores que a criança precisa para crescer e entender que os conceitos básicos da educação começa em casa e termina na escola.

Pai 02 – Destacou que possui uma certa parcela de culpa devido à falta de atenção ao filho em momento necessário, dando assim liberdade excessiva a outras práticas desnecessárias, inclusive, amizades indevidas. Afirmou ainda, que enfrenta sérios problemas de rebeldia e palavrões devido ao uso excessivo do celular, como resultado, o filho se recusa até mesmo em fazer as tarefas escolares.

Ainda de acordo com o ECA (Lei nº 8.069):

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Lei nº 8.069, 1990. Art. 4).

Ainda com base no ECA, a família, acima de tudo, contempla toda uma base onde todos os costumes, hábitos, tradições, segurança e afeto necessários para que a criança desenvolva uma educação familiar com direito ao esporte, cultura, lazer, educação e etc., ou seja, os direitos básicos que promova na criança o conceito de respeito e outros valores da vida em sociedade.

Pai 03 e 04 – Por unanimidade, colocaram que em tempos mais remotos já foi professor e, fazendo uma análise na forma como alguns jovens se comportam em sala de aula, a relação com os colegas e professor. “Naquele tempo” afirmou, já existia determinadas “brincadeiras”, apelidos, o bullying, furto de materiais enfim, mas nada que fosse levado a tão sério e causasse tantos problemas. Ainda segundo Tiba, (1996, p. 111), “teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam”.

Observando a realidade atual, bem como a convivência de algumas famílias, o comportamento indisciplinar, o desrespeito com os colegas e professor, é reflexo daquilo que acontece em casa, uma vez que os pais não tem ou “perderam” o controle sobre o filho. Como resultado, essa relação repercute diretamente na convivência enquanto permanecia na escola.

Chalita (2001) diz que:

Por melhor que seja essa escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo. (Chalita, 2001, pp. 17-18).

Na visão de Chalita, o governo oferece escolas em tempo integral com estrutura e profissionais preparados para atender uma clientela com as mais variadas deficiências cognitivas. Nessa perspectiva, ocorre que muitos pais diante cenário, acabam pois, se isentando de sua responsabilidade educativa. Ocorre que atualmente família e escola vivenciam um turbilhão de problemas, pondo um para o outro a responsabilidade. Enquanto a escola procura sensibilizar a família de seu “dever”, a mesma na maioria dos casos é omissa em seu papel.

5.1.3 Resultado e análise das entrevistas com os alunos

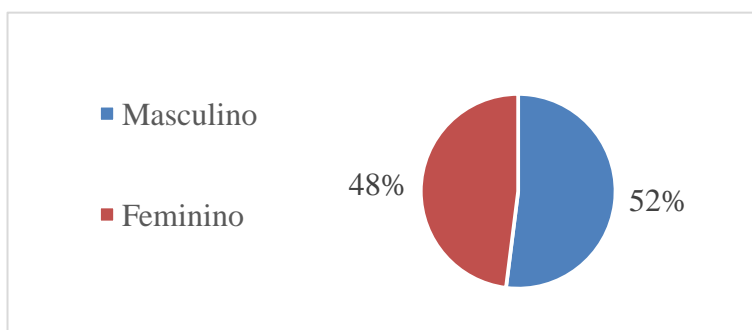


Figura 2. Gênero da faixa etária dos entrevistados

Fonte: pesquisa de campo 2021

Verifica-se que a maioria dos alunos é do gênero masculino (52%) dos entrevistados, e do gênero feminino (48%), considerando a faixa etária de 10 a 18 anos.

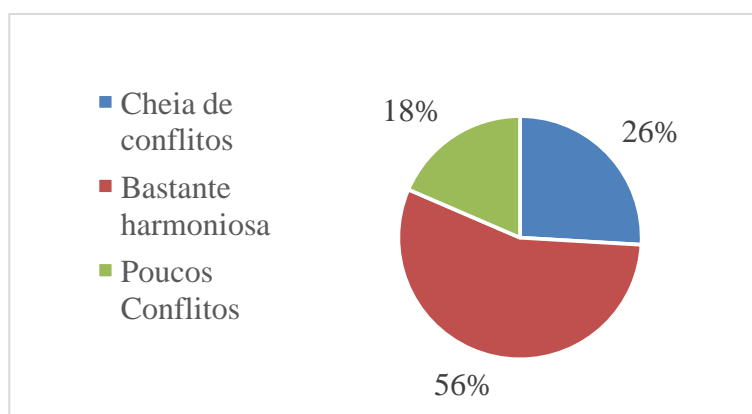


Figura 3. Como avalia a convivência com seus colegas e professores na sala de aula?

Fonte: pesquisa de campo 2021

Com base nas informações do gráfico 01, a pesquisa aborda o resultado da pesquisa cuja opinião trata das relações e formas de convivência entre alunos e professor em sala de

aula. De acordo com as informações, 56% dos entrevistados afirmaram ser harmoniosa as maioria das relações no cotidiano de sala de aula, enquanto 26% dos entrevistados disseram haver poucos conflitos em sala de aula. E, apenas 18% dos entrevistados disseram haver muitos conflitos em sala de aula. Para Marchesi (2006, p. 134), “No âmbito administrativo, três compromissos ajudariam a enfrentar com segurança os obstáculos e tensões vividas na atividade docente: o respaldo ao trabalho dos professores, a proteção especial às equipes de professores que têm maiores risco de conflitos e a definição de uma carreira profissional do docente”.

Sabendo que hoje, o professor desempenha um papel decisivo no processo educativo, saber modelar, cortar, dividir e entalhar os elementos aos meios necessários a promoção da aprendizagem a mediar ambas as relações de forma produtiva. Para tanto, é tarefa do professor, manter-se atualizado quanto aos conteúdos que aborda em sala de aula, visto que o saber é dinâmico, a busca do conhecimento incessa, assim como também os desafios.

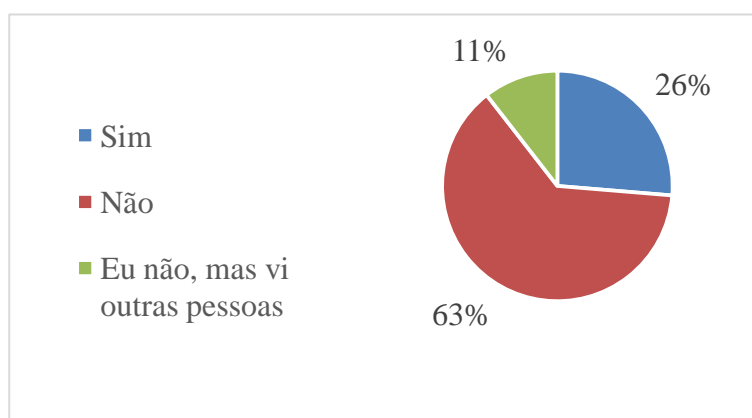


Figura 4. Já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou bullying na escola?

Fonte: pesquisa de campo 2021

As informações da figura 4, aborda as diversas formas de preconceito e/ou outras relações discriminação que comumente acontecem no cotidiano do discente enquanto permanência no ambiente escolar. 63% dos entrevistados, disseram nunca ter sido vítima de preconceito ou práticas similares. Enquanto, 26% responderam sim, pois já sofreram formas preconceituosas na escola, e em menor percentual, há os que responderam pelos 11%, dizendo que nunca sofreram algum tipo de discriminação, porém já presenciaram cenas envolvendo colegas. Na realidade, não existe formas de compreender/conhecer e, certamente, não idealizá-los, onde se encaixa tal prática. Muller e Paixão (2006, p. 123), afirma que: “o racismo e o preconceito nem sempre tem explicações racionais. São sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas racistas ou preconceituosas e que

transmitem essas ideias pejorativas sem nenhuma comprovação, apenas insistindo nos julgamentos negativos que eles têm sobre os outros”.

Teoricamente, isso significa dizer que grupos e/ou pessoas portadoras de “cor” ou necessidades “especiais” e disléxicos, são os mais atingidos por essa incógnita. Racismo/preconceito foram socialmente construídos ao longo da história e nas inter-relações, embora tenha passado a ser crime previsto em lei.

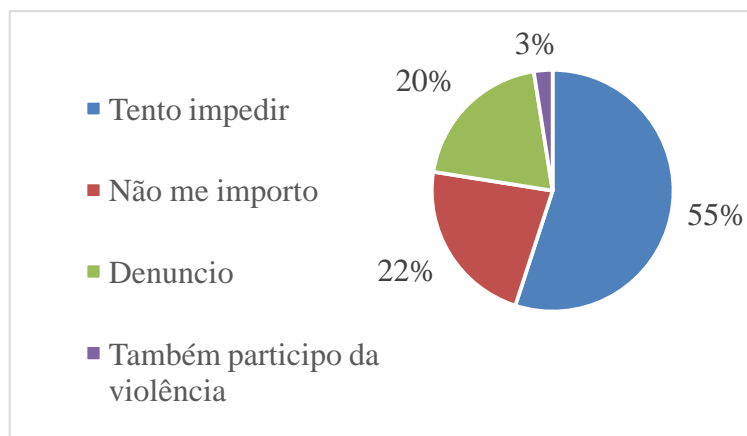


Figura 5. Qual sua reação quando ocorrem atos de violência verbal (palavrões, piadas de mau gosto, apelidos, vaias) para com algum de seus colegas de escola?

Fonte: pesquisa de campo 2021

A figura 5, trata da reação do aluno quando este presencia os diversos atos de violência verbal envolvendo seus colegas de escola, 55% dos entrevistados disseram que tentam impedir a ocorrência da prática, já os 22% não se importam se presenciassem a prática do ato. Enquanto que 20%, afirmaram denunciar se caso presenciassem casos de violência verbal. E apenas 3% disseram que participaria se presenciasse esse tipo de violência. Para Munanga (2008, p. 13), não existe leis que possa impedir, punir e ser capaz de isentar o ser humano de a tal prática. O autor comenta:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos [...]. (Munanga, 2008, p. 13).

Assinalando, o autor coloca que, a escola exerce papel primordial no combate a essas práticas nocivas psicológica e emocionalmente, e por denegrir o caráter das pessoas, por isso, é importante entender primeiro, a origem do problema, para então transformar a mente de

todos que integram esse cenário.

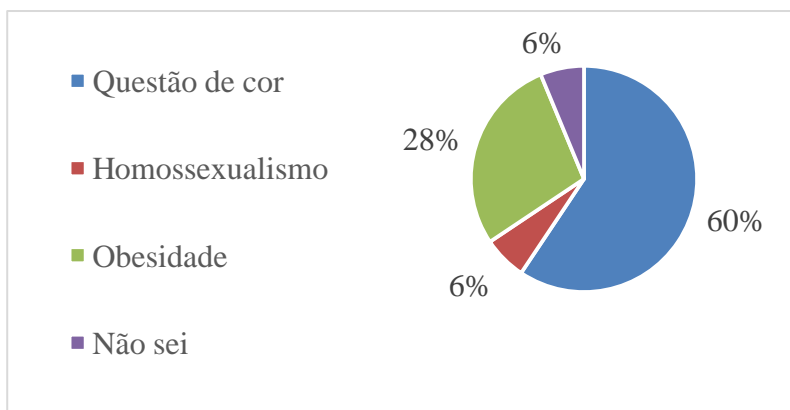


Figura 6. Em sua opinião, por que muitos alunos sofrem *bullying*?
Fonte: pesquisa de campo 2021

A figura 6, nos traz o resultado de opinião dos entrevistados segundo as causas do *bullying* que muitos alunos sofrem em sala de aula, 60% dos entrevistados disseram que a cor, é uma das principais causas de muitos alunos sofrem preconceito na escola. Em segundo, 28% colocaram que o homossexualismo é outra grande causa de diversos alunos estarem sujeitos a preconceitos em sala de aula. E, considerado fator menos grave, 6% assinalaram que a questão da obesidade é outra causa que leva a tal prática, seguido dos 6% que não sabiam ou não optaram. Para Santos (2007, p. 14), “a discriminação racial se reproduz em vários contextos sociais das relações entre negros e brancos. Nesse contexto a escola não se encontra isenta dessas reproduções. Muito embora ela não seja meramente reprodutora de tais relações, acaba por refletir as tramas sociais existentes no espaço macro da sociedade”. Madureira e Branco (2007, p. 87), retratam a discussão acerca das manifestações do preconceito dizendo que “é um fenômeno que apresenta suas raízes no universo simbólico da cultura, nas relações de poder que perpassam as diversas instâncias sociais, apresentando, portanto, uma dimensão coletiva.”

É oportuno dizer, que toda e qualquer prática que configure atos discriminatórios devem ser combatidos. Porém, a escola, é o ambiente mais propício para manifestação de desses atos. É também na escola, que o professor desde a educação infantil, deve trabalhar o desenvolvimento da criança de modo ensiná-la o sentido do respeito mútuo.

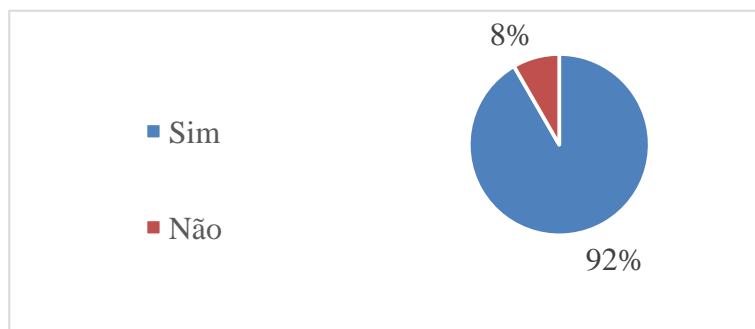


Figura 7. Já presenciou verdadeira “bagunça” dos alunos em plena aula de algum professor?

Fonte: pesquisa de campo 2021

A figura 7, apresenta o resultado da entrevista que relata o comportamento incoerente de alunos que desacatam a autoridade do professor causando bagunças e tumultos, onde a maioria respondendo por 92% dos entrevistados afirmaram ter presenciado várias atitudes incoerentes em sala de aula, já os 8%, disseram nunca ter presenciado determinadas cenas em plena aula. Na visão de Parrat-Dayan (2008, p. 12) “[...] exige-se do professor funções múltiplas, uma vez que, além do ensino, deve ocupar-se também da organização escolar, das relações com a comunidade, preocupar-se com os problemas afetivos dos alunos etc. [...]”.

Para o autor, do professor, espera-se que no ato de educar, além do dinamismo, que possa promover no educando, um ensino voltado para o respeito às diferenças em âmbito geral, procurar aproximar-se do aluno, que em certas circunstâncias necessita de apoio psicológico e emocional em sua convivência familiar, que haja sensibilização quanto aos saberes adquiridos pelo aluno na escola, pois serão base primordial a vida profissional de cada um quanto a vivência social.

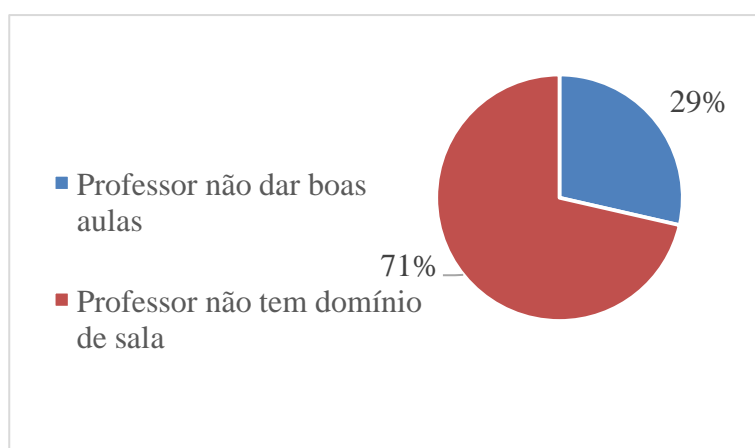


Figura 8. Em sua opinião, por que alguns alunos só “fazem bagunça” na aula de um professor especificamente, mas respeita os demais?

Fonte: pesquisa de campo 2021

Na figura 8, a pesquisa descreve a opinião dos entrevistados a respeito do domínio e organização do professor em sala de aula, onde a maioria representada 71% das opiniões, colocaram que as bagunças e qualquer outro tipo de ato indisciplinar na aula de determinado professor, porque o docente não tem domínio de sala, enquanto 29% afirmaram que ações desse tipo acontecem mais comumente na aula de professores que não tem domínio e/ou não ministram bem o conteúdo. Segundo Altet (2001, pp. 31-32), “a experiência vivida, o conhecimento íntimo das situações, a imersão no ofício, os estágios para observação do trabalho de colegas, as iniciativas pedagógicas testadas e as inovações, é que possibilitam aos professores o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo. [...]”.

No contexto da sociedade contemporânea, a organização familiar bem como as diversas exigências do mercado de trabalho, a missão de educar, é caracterizada não só pela habilidade na transmissão do saber, o exercício docente requer aptidão, carisma e envolvimento, pois vivemos uma sociedade cada vez mais exigente. Ter domínio e habilidade sobre o que faz, é crucial. Por outro lado, é necessário um olhar atento a determinadas deficiências e/ou distúrbios na aprendizagem, as quais se não sanadas podem gerar efeitos negativos.

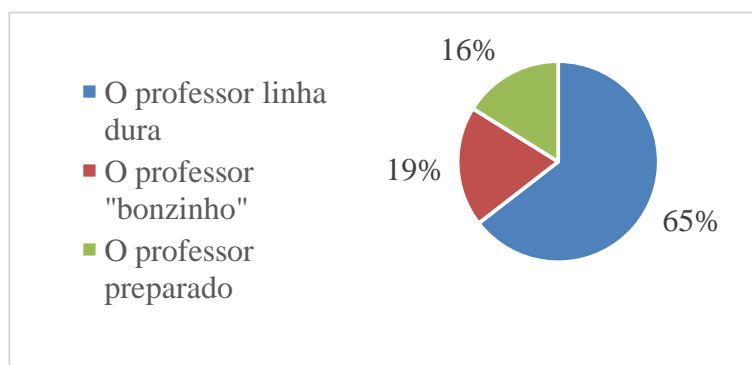


Figura 9. Qual o tipo de professor, cujas aulas não sofrem interferências dos alunos mais rebeldes?

Fonte: pesquisa de campo 2021

A figura 9, nos coloca a informação a respeito da postura exercida pelo docente em sala de aula, ou seja, o professor mostra domínio e organização de sala em ambos os aspectos, e, portanto, impede que o aluno mesmo rebelde, manifeste qualquer forma interferência na aula. 65% dos entrevistados, assinalaram que o professor linha dura, não permite ações de qualquer tipo que interfira ou ponha em cheque o transcorrer da aula, já 19%, afirmaram que atos indisciplinados, bagunças, e conversas paralelas, ocorre com mais frequência na aula do “dito” professor bonzinho. E, apenas 16%, entenderam que o professor preparado, é aquele que

possui boa didática, conhece e domina o conteúdo, não permitindo que práticas desnecessárias aconteçam durante sua aula. Gomes (2009), fala da postura do professor e da imposição de regras destacando que:

A educação escolar não é possível sem a definição e a imposição de um conjunto de regras que devem ser respeitadas. É preciso que os alunos adquiram certos valores, certas crenças, certos hábitos, certas atitudes. Cumprindo um mandato social, o professor deve atuar no sentido de os levar a respeitar certas regras. Na prática, este objetivo pressupõe e exige que o professor tenha autoridade. (Gomes 2009, p. 239).

Gomes enfatiza, que uma educação diferenciada, não depende apenas da competência do educador bem como sua metodologia e abordagem do conteúdo, disso depende o comportamento e atitudes do aluno, limites e regras a serem seguidas. Além disso, o que importa, o professor impor seus limites ou faz jus em seu exercício, por outro lado, há uma cortina de interesses políticos, econômicos e sociais que vedam a escola de fazer cumprir suas normas.

5.1.4 Resultado e análise das entrevistas com os coordenadores

As entrevistas foram realizadas através de agendamentos, sendo utilizado um questionário aberto como subsídio de coleta dedado. Posteriormente, as perguntas foram transcritas para análise dos discursos. É importante frisar, que os discursos que dão ênfase a esta pesquisa, representam a opinião de (02) coordenares e (12) professores entrevistados.

Coordenador 01/02 – Ambos possuem idade com faixa etária entre 41 a 50, o primeiro com formação em pedagogia, exerce a função na escola há (08) anos e, há (18) anos atua no ensino fundamental. Já o segundo, possui graduação e pós em matemática e, exerce a coordenação há (03) meses e, há (19) anos atua no ensino fundamental.

Ambos, colocaram que em sua atuação como profissionais, caracterizam como boas as relações de convivência em sua escola em âmbito geral. Neste caso, considerando a diversidade de personalidades, relações imaturas, intolerância, o não-respeito as diferenças, o que acaba resultando ainda em impasses verbais, emocionais e/ou psicológicos, tendo em vista que o conflito como forma de comportamento comum ao ser humano desde sua essencial, é inevitável a ocorrência no ambiente escolar. Ainda para Jesus e Neves (2004),

Defendem que o surgimento de novos tipos de famílias, bem como as escolas cheias de alunos de diferentes estratos económicos, sociais e culturais, fez com que a comunicação que se estabelecesse entre os diferentes intervenientes (escola, pais, alunos, comunidade escolar) exigisse uma maior compreensão e aceitação por parte de

todos. (Jesus e Neves, 2004, p. 21).

Vale frisar, que mesmo as regras disciplinares afins coibir determinados eventos conflituosos sendo claros, os incidentes são inevitáveis. Porém, a presença da família na escola sempre foi muito carente, isso implica na resolução de muitas ações que resultam em problemas conflituosos que são alheias ao ambiente escolar. Mello e Cóssio (2006, p. 43), reforçam este termo dizendo que: “a participação coletiva constitui-se em instrumento básico de uma gestão democrática e pressupõe a disposição para o debate, reflexão, problematização, estudo, aplicação, avaliação e reformulação, em função das próprias mudanças sociais e políticas”.

Os conflitos em sala de aula, se mal geridos, sempre geram prejuízo, pois além de atrapalhar o andamento da aula, impedem que o ensino aprendizagem aconteça. Embora o docente esteja apto a mediar as mais complexas relações, o processo educativo não está, nem tampouco esteve restrito a escola. López (2002, p. 77), destaca a importância da família nesse cenário dizendo que: “de modo geral, a participação dos pais deve se concretizar no auxílio à atuação pedagógica escolar. Isso implica propiciar à escola o suporte necessário para que a educação escolar seja fruto de coordenação e coerência entre as atuações dos professores e família. Neste caso, há a necessidade urgente de conscientização da comunidade, pois atuação da família é crucial ao exercer seu papel frente a educação dos filhos.

Apesar disso, vivemos inseridos em uma realidade social que não contempla como deveria os processos formativos que assegure ao docente, suporte necessário para mediar as relações conflituosas e aplicar as devidas sanções disciplinares ao aluno afim de garantir a ordem em sala de aula, ou que garanta a escola sensibilizar a própria família “acerca” de seu papel educativo.

5.1.5 Resultado e análise das entrevistas com os professores

O procedimento de entrevista se deu através de agendamentos, sendo utilizado um questionário aberto como subsídio de coleta de dados. Vale destacar que todas as informações obtidas visa assegurar o máximo de transparência na pesquisa, para isso o público alvo envolveu (12) professores.

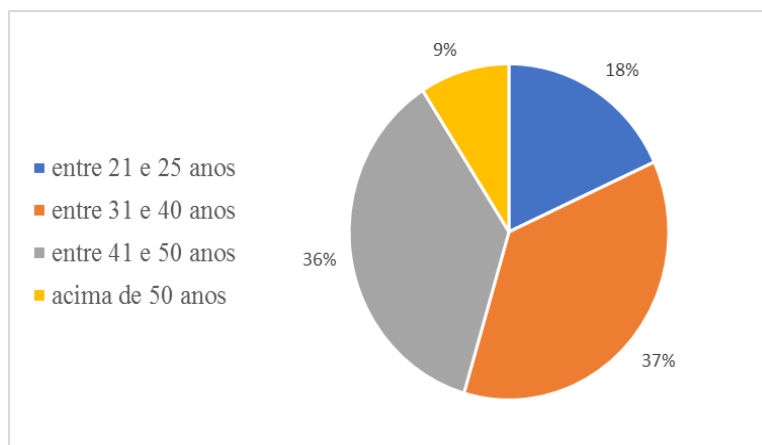


Figura 10. Faixa etária dos professores entrevistados
 Fonte: pesquisa de campo 2021

Conforme a figura, mostra que sendo a maioria do sexo feminino (58%), a faixa etária dos entrevistados (18%), possui entre 21 a 25 anos, (37%) possui entre 31 a 40 anos, (36%) possui entre 41 a 50 anos, (9%) está acima de 50 anos.

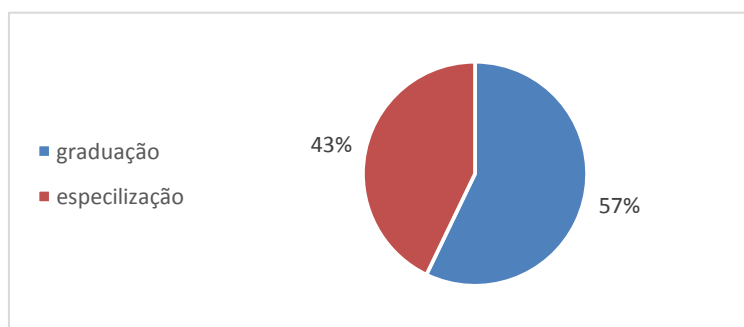


Figura 11. Distribuição dos docentes segundo o grau de titulação
 Fonte: pesquisa de campo 2021

Quanto ao grau de titulação, (57%) são graduados, enquanto (43%) possuem especialização.

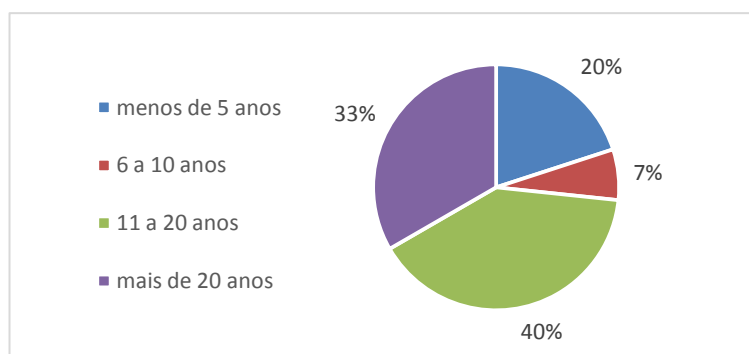


Figura 12. Distribuição dos docentes segundo a experiência profissional
 Fonte: pesquisa de campo 2021

Segundo a experiência profissional (20%) dos entrevistados possuem menos de 5 anos, (7%) estão entre 6 a 10 anos, (40%) possui de 11 a 20 anos, enquanto (33%) possuem acima de 20 anos de atuação no ensino fundamental. No que tange o processo quanto a titulação do docente. Baseados nas reflexões de Gatti e Barreto (2010, p. 8) afirmam que: “o fato é que a grande maioria dos países ainda não logrou atingir os padrões mínimos necessários para colocar a profissão docente à altura de sua responsabilidade pública, para com os milhões de estudantes”. Ainda segundo (Gatti, 2010, como citado em Bertotti; Rietow 2013, p. 8), “nesse contexto, a formação de professores deve ser compreendida em sua plenitude por meio de uma perspectiva histórica que permita entender de que forma têm ocorrido os desdobramentos dessa formação ao longo do tempo, principalmente aqui no Brasil”.

Todos as leis e parâmetros que regem os processos relacionados cursos de formação de docentes, sempre foram muito falhos ou voltados apenas para interesse político e econômico. Em virtude dos avanços tecnológicos, os teóricos destacam um crescimento desenfreado nos cursos à distância ou semipresenciais, o que na realidade, não atende como deveria, os preceitos acadêmicos do docente. A verdade, é que o Brasil, assim como outros países ainda não lograram em oferecer a seus educadores a formação específica que atenda às necessidades de cada profissional.

Ao serem indagados acerca do tema em foco, os docentes avaliados, (50%) disseram ser muito bom as relações de convivência em seu ambiente de trabalho, (82%) relataram que todo esse ambiente saudável, envolve boa comunicação, maturidade e principalmente o profissionalismo, e apenas (18%) disseram ser devido as questões de materiais. Quando questionados a respeito do relacionamento entre os alunos, (75%) relataram ser muito boas suas relações de convivência no ambiente escolar. Marchesi (2006), fala dessas relações destacando que:

Os comportamentos antissociais ou violentos de determinados alunos tornam muito difícil manter um clima de convivência na escola e nas aulas que facilite a aprendizagem dos alunos. Não há dúvida de que essas tensões, especialmente se ocorrerem na sala, são as que provocam maior mal-estar nos professores [...]. (Marchesi, 2006, p. 79).

Quanto à ocorrência dos conflitos na escola, (45%) responderam que são identificados com mais frequência dos alunos entre si, enquanto (45%) colocaram que os conflitos envolvem o professor. E, apenas (10%) apontaram outras causas a esses conflitos. Em relação ao aumento ou não dos conflitos, (34%) colocaram que tem aumentado bastante, já (33%)

consideram que tem aumentado pouco, e (33%) disseram que tem vindo a diminuir. Moreno (2005), nos chama atenção, a identificamos a reais causas de determinados conflitos, como se manifestam e seus autores, só então podemos traçar metas e mediá-los com êxito. Christophe W. Moore (1998), coloca que:

Entretanto, o conflito pode ir além do comportamento competitivo e adquirir o propósito adicional de infligir dano físico ou psicológico a um oponente, até mesmo a ponto de destruí-lo. É aí que a dinâmica negativa e prejudicial do conflito atinge seu custo máximo. (Moore, 1998, p. 14).

Quando questionados a respeito dos tipos mais recorrentes de agressões em suas escolas, (53%) disseram que as verbais são mais comuns, (42%) destacaram que o isolamento provocado, é outro problema que inclusive resulta em problemas psicológicos e, apenas (5%) assinalaram as agressões físicas como sendo menos comum. Em relação a principal causa das agressões, (25%) dos entrevistados disseram que a intolerância, é fator de muitos conflitos no ambiente escolar, (25%) afirmaram que problemas relacionados a personalidade, ou seja, jovens e/ou adolescentes cuja postura, não admite determinadas ofensas. Para Ceccon (2009),

Aprender a lidar com os conflitos como seres humanos autônomos, capazes de dialogar e encontrar estratégias que satisfaçam suas necessidades sem negligenciar as dos outros é uma parte importante do crescimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Para tanto, os adultos da escola também precisam aprender a passar pelo mesmo processo. (Ceccon, 2009, p. 34).

Devido ao fato de muitos docentes caracterizarem a ocorrência do conflito como momento desagradável durante a aula, alguns profissionais posicionam-se com rigidez diante da situação. No quesito, onde os conflitos ocorrem com mais frequência, (92%) disseram ser no recreio, visto que o momento oportuniza ao aluno várias outras práticas indisciplinares também geradoras de problemas. Portanto, somente (8%) coloraram que muitos embates conflituosos ocorrem em sala de aula.

5.1.5.1 Concepções do docente na gestão da mediação de conflitos em sala de aula

As escolas da rede municipal de ensino fundamental nas series finais de 6º ao 9º, envolvendo (20) vinte alunos, (01) um coordenador e (06) professores das respectivas escolas. A primeira: Unidade Integrada Manuel Matias, localizada à Rua Tiradentes s/n – centro. A segunda: a Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, localizada à rua das Margaridas s/n, no conjunto habitacional Frei Pascoal, Município de Igarapé Grande - MA, Brasil.

Os resultados e discursões acerca do estudo de campo realizado na Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, localizada à rua das Margaridas s/n, no conjunto habitacional Frei Pascoal, Município de Igarapé Grande - MA, Brasil.

P 01 – Diante da problemática acerca das diversas relações conflituosas que os professores comumente estão sujeitos a gerir em seu cotidiano de sala de aula, a presente pesquisa teve como foco o 6º ano A do turno vespertino, na disciplina de matemática, visto que a turma investigada, existe um maior índice de alunos que divergem nas regras disciplinares, por fazer as atividades intra e extra classe, provocam diversos tumultos ou induzem os colegas com provocações e palavras indecentes, estão sempre procurando meios possíveis para chamar atenção, e portanto, não permitir que aula aconteça. Para Vasconcellos (1995, p. 23) atribui a causa da indisciplina a alguns fatores ressaltando que: “atribui, como causa da indisciplina, o fato de que a desvalorização social da escola fez com que houvesse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam “ser alguém na vida”, por meio do ensino”. [...]. Furlani (1991, p. 37), explica ainda que, “Nesta concepção, o professor exerce a autoridade que lhe é atribuída para o desempenho dos papéis que facilitam um clima de negociação normal - isto é, com conflitos - dentro do qual o poder do aluno pode ser exercido de forma que haja influências mútuas”.

Em uma análise minuciosa ao contexto social da escola, sabe-se que há fatores políticos e econômicos, que vedam a escola de fazer cumprir suas normas, o que inclui tanto as relações interpessoais, como o “zelo” da parte material. Além disso, o próprio docente, é vedado de decidir pela “aprovação ou não” de determinado aluno.

Os conflitos geralmente, se mal geridos, resultam em tumultos e conversas desnecessárias, além de tirar o foco da aula. Neste momento é imprescindível a parceria com a família, visando conhecer a realidade sócio familiar de determinados jovens indisciplinados. É importante frisar, sobre os processos de formação e preparação, indispensáveis ao docente que preza pela gestão das relações em seu cotidiano escolar e inovação em suas metodologias.

P 02 – Já o professor de história do 7º ano A, também da Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, por se tratar de outra sala com várias ocorrências de conflitos, seja por maltrapilho de materiais ou imaturidade no relacionamento, ocorrência quase cotidiana de práticas preconceituosas. Destacou ainda, sobre a importância de estar atento a boas iterações e as necessidades de aprendizagem do aluno, visto que durante muitos anos, as dificuldades de aprendizagem eram caracterizadas como intelectuais, desnutrição e cultural. Bartolomeu, Sisto e Marin Rueda (2006, p. 140), falam dessas deficiências dizendo que, “as crianças com

problemas de aprendizagem apresentaram-se ansiosas e com pobre autoconceito, denotando sentimentos de inadequação e culpa relacionados a impulsos agressivos mal elaborados, com preocupação pelos impulsos sexuais, dificuldades de comunicação e timidez”.

Ao profissional que preza pelo bom desempenho tanto do aluno como de seu trabalho, está sempre revendo suas técnicas de ensino através dos benefícios que a tecnologia o pode proporcionar e assim, atender as suas necessidades, portanto, é indiscutível ao profissional não pensar o fator inovação quando se almeja resultados positivos em seu trabalho. Para Nunes (2001, p.21), “de modo geral, as pesquisas vêm ressaltando a importância de se considerar a prática pedagógica do professor, visto que em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais”. Vivemos um período de complexas inovações tecnológicas, há, portanto, inúmeros recursos que o educador pode agregar a sua metodologia tornando a aula mais dinâmica e é claro mais atrativa.

É importante destacar que a maioria dos entrevistados foram unânimes em suas opiniões em relação a participação da família no processo educativo como um todo, é peça fundamental no acompanhamento e desenvolvimento intelectual da criança, bem como impedir o envolvimento ou amenizar a participação destes em relacionamentos desnecessários, poucos proveitosos que resultam apenas em relações conflituosas no meio escolar.

Spodek e Saracho (1998) reforça esse contexto destacando a função complementar da família na formação do indivíduo, pois os pais são responsáveis diretos na função de educar:

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam se complementares mutuamente. (Spodek e Saracho, 1998, p. 167).

Se queremos uma educação que faça diferença na vida do educando, e alcance resultados eficaz, que transforme a vida de todos que dela dependem. Para tanto, é necessário a conscientização da família junto a escola. É válido destacar, que assim como a família precisa da escola para educar seus filhos, ao mesmo tempo, a própria família se educa através dos filhos. Weschenfelder (2007, p. 15), nos chama a atenção, dizendo que a organização familiar “pode ser uma instituição potencializadora de pessoas saudáveis (...) ou geradora de insegurança, desequilíbrio e de todos os tipos de desvio de comportamento”. Ainda para Piaget (2007) comenta que:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola [...] dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...]. (Piaget (2007, p. 50).

Um aluno que ao ser repreendido sobre suas práticas delituosas em sala de aula, logo, sem aceitar a disciplina, responde ao professor que vai comunicar seu pai do ocorrido. No uso da ferramenta de “escapar” da saia justa, acaba convencendo os pais, que por sua vez, usa de vários artifícios para intimidar a escola sob seu papel de educar.

Enquanto a família como agente fundamental e responsável pelos princípios básicos de ensinar os filhos o sentido de respeitar, saber falar, ouvir, não responder, não bagunçar, não sujar ou depredar entre outros atos. A escola tampouco de forma isolada ou “sozinha”, conseguirá mudar o “cenário” que estamos inseridos e desencadear os processos evolutivos e cognitivo, atuando como propulsora do seu crescimento físico, intelectual e social do educando.

P 03 – 8º ano B, professor de Inglês da Unidade Integrada Frei Raimundo Valle, destacou a falta de estímulo, problemas psicológicos e evasão, como resultado das relações conflituosas quando eles acontecem de forma negativa ou se as relações são mal geridas pelo professor. Porém, vivenciamos a contemporaneidade, um período de muitas mudanças sociais e tecnológicas, o que repercute diretamente no comportamento dos jovens e adolescentes. É nesse cenário, que o docente em dados momentos se sente despreparado, diante de situações que fogem do limite. Para Cosenza (2011) o professor, como mediador deve agir não só nas situações de conflitos, há todo um aparato de relações, onde deve acontecer a constante interferência do educador, principalmente quando ocorre o uso indevido da Internet. Assim como coloca o autor:

Portanto, é papel da escola buscar compreender e conhecer como utilizar a internet, orientar os alunos para o uso adequado e seus riscos. É de responsabilidade do professor orientar e saber o que os alunos buscam e acessam na internet. A escola precisa estar preparada para ensinar seus alunos a selecionar os conteúdos disponíveis no espaço digital, identificando o que é verídico ou essencial e descartando o supérfluo ou incongruente. (Cosenza, 2011, p. 17).

Vivemos um período áureo proporcionado caracterizado pela tecnologia e todos os seus aparatos, está cada mais visível a adoção do “novo” na forma de ensinar, as

possibilidades de desenvolvimento de outras atividades de ensino e aprendizagem”. A comunicação é “instantânea”, a produção e disseminação da informação não é diferente. O Trabalho, a comunicação, o viver, os transportes, ou seja, vivemos inseridos num espaço que está imerso na tecnologia. Cabe ao professor, no seu “que fazer” favorecer-se da tecnologia.

P 04 – 8º ano B, professor de Português da Unidade Integrada Manuel Matias, localizada à Rua Tiradentes s/n – centro, destacou que os conflitos, quando provocados por alunos desmotivados, gostam de chamar atenção, insultam e/ou provocam professor ou colegas sem motivo com práticas desnecessárias que além de inibir o ensino aprendizagem. Araújo (2004) enfatiza que ao invés de condenar sua ocorrência ou encará-lo como situação entediante ou que seus autores mereçam ser disciplinados:

[...] encarar os conflitos interpessoais como parte natural da vida cotidiana, provenientes das diferenças entre os sujeitos, as quais seriam de ordem afetiva, cultural, moral, social, etc. Assim, parte do princípio de que todo o ser humano se constitui a partir das relações que estabelece com o outro e que, nessas relações, o conflito – que nos obriga à reflexão, à ação, à descoberta – torna-se “a matéria-prima para nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social.” (Araújo 2004, p. 17).

P 05 – 9º ano C, professor de ciências, também da Unidade Integrada Manuel Matias, colocou que o sistema de ensino na sociedade atual vive permeado de grandes desafios. Por um lado, há aqueles alunos que desassistidos do acompanhamento do pais, apresentam comportamentos que se contradiz a todos os limites e regras impostos pela escola e a autoridade do professor em sala de aula. Por outro, a escola ainda vive carente do apoio de profissionais pedagogos e psicólogos que podem auxiliar os docentes a buscar a solução a determinados problemas de indisciplina que estão vinculados a fatores externos a escola. Para Vianna e Ramires (2008, p. 349) é possível notar que a ideia de estrutura familiar corresponde ao capital econômico e cultural dos seus integrantes e, nesse caso, as pessoas de baixa renda poderiam erroneamente ser estereotipadas como um modelo que não possui uma estrutura adequada.

Como destaca o autor, o grande vilão por impedir ou “não fazer por não saber”, de milhares de famílias não acompanhar seus filhos no processo escolar, simplesmente porque remetidas a causas estruturais, econômicos ou acesso remotas, não tiverem as oportunidades básicas de letramento, e, portanto, são desprovidas dos conceitos básicos para orientar/educar os próprios filhos em casa.

5.2 Análise geral da discursão

A pesquisa teve como base inicial, um questionário o qual foi primordial para o desenvolvimento do trabalho. Importava saber como muitos profissionais encaram as mais adversas relações conflituosas a que estão expostos cotidianamente. Por se tratar de um tema bastante complexo, não bastando, portanto, as informações coletadas a partir da base teórica ou senso comum. Ribeiro (2008 p. 141), fala sobre a importância da entrevista em uma pesquisa destacando que: “a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores”.

A entrevista, é algo primordial quando se pretende obter êxito em dado trabalho e adquirir resultados satisfatórios acerca do problema em questão, uma que vez que todas as informações coletadas, são relevantes quando se pretende esclarecer dúvidas, fazendo questionamentos e, portanto, extrair o ponto de vista de cada entrevistado sobre as diversas relações conflituosas que acontecem atualmente em sala de aula.

As informações obtidas através da pesquisa, além possibilitar uma análise minuciosa acerca do tema em estudo, favorece o aprendizado e um melhor conhecimento sobre a realidade de convivência de algumas famílias, bem como a origem de determinadas relações conflituosas. Bock (2004), destaca a importância da família no desenvolvimento integral de cada indivíduo dizendo que:

“A família, do ponto de vista do indivíduo e da cultura, é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou o adolescente precisa de uma “família substituta ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra suas funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidados para a posterior participação na coletividade. (Bock, 2004, p. 249).

Verificou-se ainda, que entre os vários impasses enfrentados pelos pais em acompanhar a educação dos filhos, a falta de instrução, é um dos grandes vilões. Pôde se observar ainda que, há pais que sequer sabem orientar corretamente, impor limites ou acompanhá-los em sua educação. Bassedas (2009, p. 33), reforça esse contexto destacando que, “existem famílias, por exemplo, que nunca tiveram experiências prévias com a escola e que, quando seu filho inicia a escolaridade, depositam o papel da educação na escola, tomando uma atitude de total submissão e dependência, assumindo uma ignorância total sobre

os assuntos relacionados a educação”.

É, ou pelo menos deveria ser no seio familiar, que a criança recebe orientações de como administrar e resolver seus conflitos, afinal, todo e qualquer relacionamento entre duas ou mais pessoas, pode ocorrer conflito, isto é, eles não estão restritos à sua vida escolar, o controle das emoções, as expressões e as diferentes personalidades que constituem as relações interpessoais que deve ser assimilado para lidar com as diversidades e adversidades da vida.

No que tange o relato da pesquisa cujo tema em foco, a gestão de conflitos em sala de aula, todas as formas de comportamento incoerente do aluno traduzida através de palavrões, conversas paralelas, maltrapilho de materiais entre outras atrocidades. São condutas, que fogem todas as regras disciplinares impostas pela escola afim de manter a ordem e relações de convívio no ambiente escolar.

Quando o assunto é conflito, gestores, coordenadores e professores, tem enfrentado grandes desafios no embate a má conduta de alunos que infelizmente, apresentam comportamentos que extrapolam toda e qualquer norma escolar que visa garantir/preservar as relações que acontecem enquanto permanência no ambiente. Sobre esse contexto, Gadotti (2004 p. 32), enfatiza que, “Fazer pedagogia é fazer prática teórica por excelência”. Ainda para Grinspun (2002, p. 13), “É pelo diálogo que os homens, nas condições de indivíduos cidadãos, constroem a inteligibilidade das relações sociais. Trata-se, pois, de eliminar tudo aquilo que possa prejudicar a comunicação entre as pessoas, pois só através dela se pode chegar a um mínimo de consenso”.

Mediar o conflito no ambiente escolar, geralmente quando estar restrito a sala de aula, é motivo de preocupação para o docente, por ser desgastante e atrapalha o ensino aprendizagem, para equipe pedagógica, em certas ocasiões, acaba sendo enfadonho por ter que recorrer a sanções disciplinares como forma de conter o atrito e garantir a não emergência de posteriores. Esse cenário precisa ser mudado, assim como coloca Barbosa (2006, p. 67), “[...] é preciso ‘desconstruir’ algumas aprendizagens e construir novas, não que transforme as crianças e os educadores em outras pessoas, mas que lhes possibilite a reorganização, a auto regulação e transferência dos comportamentos aprendidos para outras situações”.

Nesse contexto, vale frisar, que há uma diversidade de relacionamentos no ambiente escolar, alguns conflituosos, outros amigáveis ou ainda dissociados, aqueles construídos e preconceituosos. Porém, seria contraditório atribuir todos os conflitos comuns ao ambiente escolar.

Quando questionados a respeito de seu papel frente as ações de auxílio aos docentes

na mediação de determinados conflitos principalmente quando estes adquirem proporções não esperadas, o coordenador, um profissional experiente, colocou que está sempre empenhado em promover treinamentos/formações afim de orientar os profissionais no enfrentamento aos mais complexos desafios que estão sujeitos em seu cotidiano. Além disso, como coloca Marcondes, Leite e Oliveira (2012, p. 194), “o coordenador pedagógico é visto como aquele que tem a responsabilidade de “manter os professores envolvidos e empenhados em cumprir as metas de desempenho estabelecidas pelos indicadores externos. Assim, o coordenador atua como peça-chave na mediação entre a Secretaria e os professores da escola”

Ainda nesse contexto, Vygotsky, (1997 p. 106), acredita “que o indivíduo é um ser social, da mesma forma Rogoff, dispõe do mesmo pensamento, logo se faz necessário a existência da interação entre os indivíduos dentro do contexto escolar para que vivendo coletivamente possamos ter resultados positivos das nossas ações e atitudes”.

A escola é, e sempre será o palco principal para existência, discussão, emergência e solução do conflito em suas diversas faces, embora alguns em suas características sejam acirrados ou brandos noutros ainda gere efeitos negativos e positivos em suas discussões, podendo também ser oriundos de questões familiares, social, político, discriminação ou próprios das relações de convivência no ambiente escolar. Os autores Oliveira; Almeida; Arnoni (2007, p. 100), atribuem o seguinte conceito ao conflito, “costuma-se falar “no papel do professor como mediador da relação entre o ensino e a aprendizagem, ou do caráter mediador presente na ligação que se estabelece entre o conhecimento sistematizado pelas ciências e aquele que o aluno desenvolve no seu cotidiano”.

Porém, o ambiente escolar, por ser uma instituição onde o aluno tem maior permanência, onde estabelece a maior parte de suas relações sejam elas conflituosas ou não.

É também na escola, onde os profissionais através de conversas amigáveis, passam a conhecer um pouco da realidade do aluno, tendo em vista aqueles que apresentam alguma deficiência ou déficit de aprendizagem,

Em sua tese Reimer, (1979), comenta que “a escola está morta”, traz uma reflexão sobre esse contexto dizendo que:

Presume-se que o papel social da escola é educar. Esta é sua ideologia, e seu propósito público. As escolas atravessaram um tempo sem serem contestadas, pelo menos até recentemente, em parte porque a educação tem significados diferentes para diversas pessoas. Escolas diversas procedem, é evidente, de modo diverso, mas, cada vez mais, em todos os países, em qualquer nível, e seja qual for a espécie, as escolhas acumulam quatro atividades sociais distintas: a tutela dos alunos, a seleção social, a doutrinação e a educação. – A verdadeira educação é uma força social vital. (Reimer, 1979, p. 33).

Em um retrospecto a entrevista feita aos professores, observou-se que os profissionais em sua maioria, considerando o enfrentamento aos conflitos e as mais complexas personalidades, alunos que possui déficit de aprendizagem ou portadores de condições especiais, somado aos que por insultos de bullying e outras ações preconceituosas acabam, se envolvendo em conflitos. Nesse contexto, Kaloustian (1998), destaca que:

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. [...]. (Kaloustian, 1998, p. 22).

Por outro lado, há os que apresentam baixo estima resultado da desatenção/carinho dos pais, o que de fato envolve toda uma relação de convivência. São alunos desassistidos dos pais em aspectos que variam desde o comodismo em acompanhá-los em sua vida escolar, até o excesso de liberdade, como consequência desse descompasso na família, ocorre que, o aluno por influência torna-se indisciplinado.

Nesse contexto, merece ênfase, o relato dos docentes, que apesar de estarem sempre empenhados em preservar um clima harmônico, inovando seus meios de abordar o conteúdo, utilizando-se de recursos modernos, nessa lógica, não basta estudar para atingir determinado objetivo. Nessa perspectiva, ensinar e aprender se traduzem em um processo, assim como coloca Vygotsky (2003, p. 76) “Se, do ponto de vista científico, negamos que o professor tenha a capacidade mística de ‘modelar a alma alheia’, é precisamente porque reconhecemos que sua importância é incomensuravelmente maior”.

É certo afirmar que a sociedade atual vivencia períodos áureo da tecnologia, influenciando diretamente o comportamento dos jovens em âmbito geral. O que implica a jovens e adolescentes terem acesso e uso desenfreado do recurso, com isso, muitos pais perdem o controle sobre os filhos, repassando à escola, os conceitos básicos de educar.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO E LINHA FUTURA DE INVESTIGAÇÃO

A escola, um espaço construído com fim educativo, um ambiente acomodável, para que todos que dela necessitem, sintam-se bem e recebam todas as formas de ensinamentos necessários a construção do intelectual, e aprendam a importância do conhecimento.

É também, nas diversas relações que acontecem dentro da escola, que o aluno vivencia suas primeiras formas de conflitos e a promover mudanças em sua própria vida.

A gestão de conflitos em sala de aula, como tema central deste trabalho, permite-nos uma visão acentuada acerca da realidade e dos impasses enfrentados por educadores no desenvolvimento do processo educativo. As mais variadas relações que se traduzem pelo descaso do aluno perante ao professor e as atividades, falta de interesse, alunos dispersos e sem limites, de respeito, valores morais e éticos esquecidos. Um cenário que, embora o educador seja sempre otimista, é impossível não haver causas de transtornos, baixa autoestima, estresse, doenças psicológicas afastando os professores das salas de aula, desestruturando o ambiente profissional e escolar.

6.1 Conclusão final

Entre os muitos discursos sobre esta temática, é também relativamente frequente a procura dos interlocutores causadores de conflitos em sala de aula, para poder responsabilizá-los ou mesmo puni-los, sejam eles os jovens que “se opõe as regras”, os pais, por “não saber educá-los”, ou os professores que em dadas situações “não sabem resolver os conflitos em sala de aula”. Para o educador, parece bem mais importante identificar a causa dos diversos conflitos em sala de aula quando oriundos do mau relacionamento entre alunos, como aqueles cujo comportamento é indisciplinar por se opor as atividades.

Para tratar da problemática envolvendo as diversas relações de conflitos e comportamentos (in)disciplinares, é preciso compreendê-los, saber os fatores que acarretaram as relações conflituosas, tanto em sala de aula, na escola ou na sociedade como um todo.

O conflito, apesar de se fazer presente em todas as formas relacionamento do ser humano, no ambiente escolar eles se manifestam principalmente pela prática do bullying, palavrões dos alunos entre si, recusa/comodismo em fazer as atividades, preconceito por déficit de aprendizagem e condições econômicas.

O professor exerce papel preponderante quando há situações de conflitos durante as aulas que é o mais comum. Portanto:

Chamar atenção dos envolvidos promovendo um diálogo saudável entre ambos, de forma que essas relações não causem prejuízos ao ensino aprendizagem;

É importante que o professor esteja fundamentado em regras rígidas que assegure a preservação do respeito e, assim, ademais relações de convívio;

Estar atento a determinadas relações que posteriormente podem ser oriundas de relações familiares ou grupo de pessoas. Isso pode ocorrer se o docente aborda assuntos complexos com explicações vazias. O professor pode agir de forma arbitrária ou atribuir avaliações incompatíveis com o desempenho do aluno. É comum na sala de aula haver alunos especiais ou que apresentem déficit de aprendizagem e, estão sujeitos a sofrer alguma pressão psicológica (preconceito) dos colegas e não haja providencia do professor. Pode haver alunos inquietos na sala por não gostar da disciplina ou por desobediência ao professor. Alunos com baixo estima resultado da má convivência familiar e o professor não atente em procurar conhecer sua realidade de vida, para então procurar meios de ajudá-lo.

É praticamente impossível não pensar em conflitos em seu cotidiano, afinal, o relacionamento humano é algo incessante, pois acontecem desde as primeiras organizações. Embora algumas sejam imaturas, amigáveis, outras passageiras, amorosos, duradouros, ou seja, é impossível, pensar uma forma de relacionamento sem atrito. Para Costa & Matos (2006), a escola contempla um espaço ideal e preenche todos os requisitos para ocorrência do conflito. Lugar de coexistência de múltiplas classes sociais, raças, etnias e condições socioeconômicas estruturais e culturais, é “nela” o espelho da sociedade, das realidades onde o conflito começam outro termina enfim, onde tudo se processa.

Diante da hipótese levantada, verifica-se que apesar haver alguns pais que acompanham, participam e preocupam-se com a vida escolar dos filhos educando-os em casa, atuando assim, de forma colaborativa com a escola afim de amenizar os problemas indisciplinares de alunos que burlam as sanções disciplinares, resultando em diversos conflitos no ambiente escolar. Em contrapartida, infelizmente ainda há uma maior parcela de “pais” que por serem leigos ao problema, não sabem agir, outros ainda afirmaram não agir por “comodismo” ou repassam a responsabilidade para escola.

Há um crescente número de profissionais que diariamente, precisam sujeitar-se a mais intensas situações conflituosas que variam desde o desrespeito, agressões verbais e, em alguns casos, violência física, discriminação de raça, orientação sexual e religião. É nesse cenário, que o docente, se depara com três situações bem distintas e complexas: uma primeira, diz

respeito a falta de apoio do poder público em disponibilizar profissionais psicopedagogos, psicólogos entre outros, que pudessem auxiliar o educador quanto ao desenvolvimento de habilidades e competências de caráter preventivo ou amenizar o problema, além de acompanhar o comportamento de alunos cujas atitudes contrariam tanto a autoridade do professor em sala, quanto as regras de zelo pela escola como um todo.

Em segundo, temos a família, ou seja, a instituição escolar desde sua mais remota existência, integrada por seus educadores cuja responsabilidade “seria” promover o saber. Na realidade, algumas famílias em sua mais tenra idade, fosse por condições de acesso, existência precária ou por questões de sobrevivência, não tinham tempo para ir à escola. Tendo como base esse desfalque, diversas famílias acabam, pois, delegando à escola toda responsabilidade educativa dos filhos ou por impregnar que os profissionais que ali atuam “são pagos para esse fim”.

Em terceiro, sabe-se que o Brasil quando o assunto diz respeito as questões sociais: moradia, renda, qualidade de vida, trabalho, educação, saúde, segurança ente outros. O país sempre ocupou lugar de destaca-se no quesito precariedade dos serviços públicos. Como resultado dessa disparidade, ocorre que milhares de famílias acabam por residir em periferias, ao acaso de locais onde tais serviços praticamente inexistem. São pessoas cuja realidade, tem uma vida turbulenta em meio ao caos das drogas, violência e prostituição, o que favorece em muito o envolvimento de jovens e adolescentes. Em contrapartida, há os que mesmo frequentando uma escola, acabam evadindo-se por não conseguem manter um bom relacionamento tanto com o professor e entre os colegas.

A educação, não está restrita a uma “simples” transmissão de conteúdo, ou que o professor seja um bom profissional, ou como era caracterizada tradicionalmente, onde o aluno deveria aprender ou “decorar” o que era passado pelo professor. Trata-se de um processo, do qual há todo um envolvimento de relações sejam elas afetivas, duradouras, intrigas, divergentes, amorosas, amigáveis e passageiras.

Em uma análise no que tange todas as manifestações de conflitos e comportamentos indisciplinares, um para cada quatro docentes: 23%, perde 10% do tempo resolvendo confrontos, amenizando discussões, impedindo palavrões e insultos e inquietações, para muitos professores as interrupções afetam 20 a 30% da aula e 6% fica com menos da metade do tempo para dar o conteúdo.

Para tratar da problemática envolvendo as diversas relações de conflitos e comportamentos (in)disciplinares, é preciso compreendê-las em sua existência, procurar conhecer os fatores que resultam em determinados conflitos, importa saber sua ocorrência

tanto do ambiente escolar, do meio familiar ou cotidiano social como um todo. Portanto, é a natureza de origem das relações interpessoais existentes no ambiente escolar como um todo, resultantes de conflitos, sejam eles positivos ou negativos. Será, partindo desse princípio, que o profissional irá traçar suas técnicas de mediação cabíveis a situação e conduzir as partes ao devido relacionamento proveitoso.

Daí, a necessidade do envolvimento/aproximação do educador com o aluno afim de observar, analisar e aproximar-se para então, se necessário, conhecer sua realidade de vida, principalmente quando se trata de situações que comprometem o ensino aprendizagem. Vale frisar, que por traz da postura indisciplinar, há sempre um incentivo, ou seja, toda “reação é resultado de uma ação, o conflito nunca emerge ao acaso. Portanto, antes mesmo de disciplinar/punir o aluno com as devidas normas, é importante, saber o porquê do ocorrido em dado momento.

Por isso, diversos teóricos atribuem os mais variados conceitos ao ato de educar. Considerando a heterogeneidade em sala de aula, existe alunos com “n” personalidades, jovens que possuem uma vivência familiar conturbada seja pelas drogas, álcool, imaturidade no relacionamento com e dos pais, enfim, são problemas que refletem diretamente no comportamento e no ensino aprendizagem do aluno.

São diversas as situações, onde alguma pessoa por reconhecer a importância e ser notório o trabalho educativo do professor que hora por conseguir promover e alcançar o objetivo almejado na vida do educando, ora por falhar. A educação não acontece de forma isolada, é importante sim que o professor inove suas metodologias, explore sua criatividade com a “adoção” do “novo”, isto é, um novo jeito de dar a aula, de conversar, de avaliar o aprendizado.

Tendo em vista o momento vivenciado, como resultado do advento da tecnologia e mais precisamente da era digital, o homem introduziu na vida das pessoas, novas formas de comportamento. Vivemos um período que até a própria forma de estudar é diferente. Porém, não se trata de usufruir dos recursos tecnológicos a qualquer custo, mas sim de acompanhar de forma consciente. Também não significa que o trabalho do professor irá se tornar obsoleto, se o mesmo não desenvolver ou adaptar-se as inovações promovidas pela tecnologia.

A escola, uma instituição integrada por seus profissionais gestor, coordenador e professores e em alguns casos mais raros, o auxílio de psicopedagogos, psiquiatras, neuropsiquiatras e psicólogos, disso os processos educativos dependem, afinal vivemos imersos nos mais diversos “problemas”. Será em dada situação, que haja necessidade da atuação de cada um desses profissionais incumbidos de auxiliar o exercício docente, prezar

pela manutenção das relações, conhecendo os principais problemas que afetam tanto o ensino aprendizagem como aqueles que induzem outros alunos a atos indisciplinados, e, contudo, adotar as medidas cabíveis afim de sanar o impasse. Segundo Mello (1978), a psicologia escolar compreende todo um auxílio ao equilíbrio emocional a jovens que apresentam dificuldades e/ou distúrbios de aprendizagem, atritos na família, problemas com drogas, sexualidade precoce e homossexualidade, preconceitos e etc.

Em relevância a esse contexto, a educação não é, porém, a simples transmissão da herança dos antepassados, quando o “tradicional” era considerado o método viável por assegurar a preservação dos conceitos básicos do respeito, moral e o caráter da pessoa, o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo pela ruptura com o “velho”.

Assim, é a educação como expressão mais legítima que a humanidade adquiriu através do “saber” da própria existência, que muda, não havendo, portanto, outro meio, senão a aquisição do conhecimento, o motor da própria mudança. Nesse contexto, em saber ou tentar descobrir o porquê de alguns comportamentos nada aceitáveis, do aluno não valorizar o ato de estudar simplesmente porque não quer. Com base nesse quesito, verifica-se que assim como mostra o gráfico 01 do cap. V, que trata do perfil dos pais de alunos, onde a maioria 37,50, são pessoas desprovidas de instrução. Além disso, outros afirmaram ainda ser acomodados em relação a orientar os filhos em casa e pouco acompanha o filho na escola. Ficando assim, a escola a mercê do apoio da família para cumprir seu papel. Para Tiba (1996), a família é, pois exceto a escola, a organização mais viável onde a criança inicia suas experiências de conflitos, desafios. São os pais os seus maiores interventores, com suas próprias experiências de vida que os filhos terão as primeiras vivências de conflito.

Todos os dias professores da rede pública se deparam com os mais variados impasses em sala de aula, são alunos que desprovidos de qualquer gosto/aptidão pelo estudo, ignoram as regras de ordem, respeito, provocando desentendimento com e entre os colegas, praticam atos discriminatórios de modo geral. Por outro lado, há o professor sempre no embate em manter a ordem e a luta por uma escola de valores, direito e respeito. Faz-se necessário que o professor esteja preparado para agir e mediar fazendo a diferença frente a um conflito de sala de aula na construção de um espaço de convivência sadio.

Numa visão minuciosa ao compromisso do trabalho docente, vemos o quanto tem sido ampla a responsabilidade de educadores e, apesar dos incessantes desafios que permeiam a educação. São profissionais que nunca cessam na disposição de transmitir o conhecimento e formar pessoas que exercem seu papel profissional na sociedade, zelando sempre pelo respeito ao próximo, aos princípios éticos e de conduta que aprendeu na escola.

6.2 Linha futura de investigação

O presente trabalho gestão de conflitos em sala de aula: estudo em escolas do ensino fundamental do Município de Igarapé Grande Maranhão – Brasil, aborda o roteiro cujas informações retratam a trajetória de entrevista envolvendo coordenadores, professores, alunos e pais de alunos. Um dos 217 municípios do estado, ocupando a posição 164ª no número de habitantes 11.387,00. Município cuja realidade social, apresenta algumas disparidades sociais.

Sabemos que há vários benefícios sociais comum aos municípios, voltados exclusivamente as famílias de baixa renda ou pelo menos “deveria” ser, um direito básico e essencial a centenas de famílias carentes que devido a questões estruturais e econômicas os pais não tiveram acesso a escolaridade. Por outro lado, apesar da gestão atual, desenvolver alguns projetos sociais de auxílio a tais famílias. O município poderia desenvolver projetos educacionais de alfabetização voltados a atender jovens e adultos que por questões de trabalho não frequentaram a escola na tenra idade.

Na realidade, ainda ao que desejar, pois muitas famílias são lesadas/esquecidas pelo poder público, devido à má gestão de recursos sociais ou a inexistência dos mesmos com vista a proporcionar uma qualidade de vida diga e outros auxílios a tais famílias. A mercê desses direitos, a maioria tona-se vítimas do “caos social”.

A presente linha de investigação abrange os problemas relacionados a gestão de conflitos em sala de aula. Uma vez, que o conteúdo aborda os argumentos de coordenadores, professores, pais de alunos e alunos, acerca das principais formas de conflitos que afeta/impede bom andamento do trabalho docente. É importante ressaltar, todas as informações aqui relatadas, podem servir de auxílio para importantes investigações a futuros acadêmicos que possam vir a desenvolver temas como:

Os resultados positivos do acompanhamento psicológico e psicopedagogo a crianças e adolescentes em escolas da rede municipal de ensino de Igarapé Grande - MA;

Os efeitos positivos da parceria entre família e escola no desenvolvimento cognitivo e no ensino aprendizagem do aluno;

Projeto social: uma iniciativa entre prefeitura municipal e secretaria de assistência social em apoio social as famílias carentes do município de Igarapé Grande – MA.

Referências Bibliográficas

- Aquino, Julio G. (1999). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Aquino, Julio Groppa. (1996b). *Confrontos na sala de aula*. (4a ed.). São Paulo: Summus.
- Alves, Lynn Rosalina Gomes, & Pretto, Nelson. (1999). Escola: espaço para a produção de conhecimento. *Comunicação & Educação*, 2(16), 29-35. Disponível em: <https://www2.ufba.br/~pretto/textos/criancas.htm> - Acesso em: 11 / 2019.
- Astor, Ron A. & Meyer, Heather A. (2001). *The conceptualization of violence-prone school subcontexts: Is the sum of the parts greater than the whole?* Urban Education
- Aranha, Maria L. de Arruda. (1996). *Filosofia da educação*. (2a ed.). São Paulo: Moderna.
- Amado, J. & Freire, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para Prevenir*, Porto: Edições Asa.
- Altet, Marguerite. (2001). *As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar*. In. Altet, Marguerite; Charlier, Eveline; Paquay, Léopold; Perrenoud, Philippe. *Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: ARTMED.
- Altet, Marguerite. (2001b). *As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar*. Porto Alegre: ARTMED.
- Altet, Marguerite. (2001c). *As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar*. Porto Alegre: ARTMED.
- Araújo, Ulisses F. (2004). *Assembleia escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo: Moderna, 2004.
- Brasil. *Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm - Acesso em: 04 / 21.
- Burbridge, R. Marc; burbridge, Anna. (2012). *Gestão de conflitos: desafios do mundo corporativo*. São Paulo: Saraiva.
- Barros, Simone, Cavalcante, Patrícia Smith. (1999). *Os recursos computacionais e suas possibilidades de aplicação no ensino segundo as abordagens de ensino aprendizagem. Anais do Workshop Internacional Sobre Educação Virtual: Realidade e desafios para o próximo milênio*. Fortaleza: UECE.
- Berg, Ernesto Artur. (2012). *Administração de conflitos: abordagens práticas para o dia a dia*. (1a. ed.). Curitiba: Juruá.
- Bernardino, Luís Manuel Brás. *A prevenção e resolução de conflitos. Contributos para uma sistematização*. Revista militar nº 2483 - Dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/354>. Acesso em: 27 /02 /20.

- Barbosa, Laura Monte Serrat. (2006). *Psicopedagogia: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação*. (2a ed.). Curitiba: Bolsa Nacional do Livro.
- Bertotti, Rudimar Gomes; Rietow, Gisele. (2013). *Uma breve história da formação docente no Brasil: da criação das escolas normais às transformações da ditadura civil militar*. XI Congresso Nacional de Educação – Educere. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Barbosa, Laura Monte Serrat. (2006). *Psicopedagogia: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação*. (2a ed.) Curitiba: Bolsa Nacional do Livro.
- Bock, Ana Maria Bahia, (2004). *Uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Atlas.
- Bassedas, Huguet, Marrodan, Oliven, Planas, Rosseli, Seguer e Villela. (2009). *Intervenção e Diagnóstico Psicopedagógico*. São Paulo: Artmed.
- Bartholomeu, Daniel; Sisto, Fermino Fernandes; Marin Rueda, Fabián Javier. (2006). *Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças*. *Psicologia Estudos*, São Paulo, 11(1),139-146.
- Ceccon, Claudia. (2009). *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar* [et al.]; apresentação Rubem Alves; ilustrações Claudius Ceccon. – São Paulo: CECIP.
- Ceccon, Claudia. (2009b). *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar* [et al.]; apresentação Rubem Alves; ilustrações Claudius Ceccon. São Paulo: CECIP.
- Ceccon, Claudia. (2009c). *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar* [et al.]; apresentação Rubem Alves; ilustrações Claudius Ceccon. São Paulo: CECIP.
- Ceccon, Claudia. (2001). *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar* [et al.]; apresentação Rubem Alves; ilustrações Claudius Ceccon. São Paulo: CECIP.
- Chrispino, A.; Chrispino, R. S. P. (2002a) *políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar*. São Paulo: Editora Biruta.
- Chrispino, A.; Chrispino, R. S. P. (2002b). *Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar*. São Paulo: Editora Biruta.
- Chrispino, Álvaro. (2007). *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos- 66 de mediação*. 1(2),11-27.
- Cury, Carlos Roberto Jamil. (2002). *Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Jul. 2002a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200010.
- Cury, C. R. Jamil. (1997). *O Conselho Nacional de Educação e a Gestão Democrática*. Rio

de Janeiro: Vozes.

Colaço, Maria Margarida Inácio. (2007). *A relação escola-família e o envolvimento dos pais: representações de professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior*. Lisboa: Elsevier.

Chiavenato, Idalberto. (2001). *Gestão de pessoas: e o novo papel dos recursos humanos na organização*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

Chiavenato, Idalberto. (2003). *Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações*. (7a. ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

Carnoy, Martins. (2007). *Mundialização e Reforma na Educação*. Lisboa: Temas Universitários.

Cruz, Rosilene Miranda Barroso da et al. (2005). *A cultura organizacional nas empresas e na escola*. In: Oliveira, Maria Auxiliadora Monteiro. *Gestão Educacional: Novos Olhares, Novas Abordagens*. Petrópolis: Vozes.

Cunha, M. B.; Costa, M. (2009). *O clima escolar de escolas de alto e baixo prestígio*. In: *Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu – MG: Novas regulações.

Chaveiro, E. F. (2005). *O Jovem aluno contemporâneo e as demandas da escola: Mundo em conflito*. In: Cavalcanti, L. S.; Bueno, M. A.; Souza, V. C. (Org.). *produção do conhecimento e pesquisa no ensino de geografia*. Goiânia: PUC Goiás.

Cervo Amado Luiz; Bervian Pedro Alcino. (2002). *Metodologia científica*. (5a ed.). São Paulo: Prentice Hall.

Chizzotti, Antônio. (2001). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. (5a ed.). São Paulo: Cortez.

Costa, M. E.; & Matos, P. M. (2006). *Abordagem Sistêmica do Conflito*. Lisboa: Universidade Aberta.

Dourado, Luís Fernando. (2013). *Qualidade da educação: concepções e dimensões*. In: Mendonça, R. E. *Qualidade da educação: acesso e permanência. Programa: Salto para o Futuro*. São Paulo: TV Escola.

Devries, R.; Zan, B. (1998). *A ética na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed editora.

De Vries, R e Zan, B. (1998b). *A Ética na Educação Infantil: um ambiente sócio moral na escola*. Porto Alegre: Artmed.

De La Taille, Yves J.J.M.R. (1994). *Prefácio à edição brasileira*. In Jean Piaget. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus.

Demo, P. (2001). *Educação & Conhecimento - Relação necessária, insuficiente e controversa*. (2a ed.). Vozes, Petrópolis.

Eyng, Ana Maria; Matheussi, Elisa Machado; Pryjma, Marilda Ferreira; Ens, Romilda

- Teodora. (2003). *O desafio do tempo e do espaço na formação continuada de professores*. In: Eyng, Ana Maria; Ens, Romilda Teodora; Junqueira, Sérgio Rogério (Orgs.). *O tempo e o espaço na educação: o cotidiano escolar*. Curitiba: Editora Champagnat.
- Freitas, Eduardo de. (2000). *A qualidade da educação brasileira. Equipe Brasil Escola – canal do educador*. (15a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1999b). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Friedrich, Taise lemos. (2014). *Weber - Especialista em Gestão de Pessoas e Marketing, Bacharel em Administração*. Disponível em: http://crars.org.br/artigos_interna_gestao-de-conflitos-transformando-conflitos-organizacio-nais-em-opportunidades-41.html.
- Felix, M. F. C. (1984). *A administração Escolar: um problema educativo ou empresarial?* São Paulo: Cortez.
- Freud, S. (1910). *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Furlani, Lúcia Maria Teixeira. (1991). *Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?*. São Paulo: Editora Cortez,
- Furtado, J. A. P. X. (2002). Trabalhos acadêmicos em direito e a violação de direitos autorais através de plágio. *Jus Navegandi*, Teresina, 7(60), Disponível em: <[HTTP://WWW.jus2.uol.com.br/doutrina](http://WWW.jus2.uol.com.br/doutrina)>.
- Gil, Antônio Carlos. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Grinspun, Míriam P. S. Zippin. (2002). *A orientação Educacional: conflitos, paradigmas e alternativas para a escola*. (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Gomes, Nilma Lino. Artigo. (2021). *Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferenças presentes na escola*. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/educa%C3%87%C3%83o-e-diversidade-cultural.pdf>.
- Gomes, Candido Alberto. (2005). *A educação em novas perspectivas sociológicas*. (4a. ed.). São Paulo: E.P.U.
- Gomes, Carlos Alberto. (2009). Poder, autoridade e liderança institucional na escola e na sala de aula: perspectivas sociológicas clássicas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, 17(63), 235-262.
- Goes, G. A.; Morales, A. G. (2013). Gestão pública e sustentabilidade: desafios, ações e possibilidades. *IX Fórum Ambiental da Alta Paulista*, 9(4), 199-212.
- Griffiths, Daniel E. (1974). *Teoria da Administração Escolar*. São Paulo: Nacional.
- Garston, R. e Wellman, B. (1999). *The Adaptive School: a Sourcebook for Developing Collaborative Groups*. Massachusetts: Christopher-Gordon Publishers.

- Glatter, Ron. (1992). *A gestão como meio de inovação e mudança nas escolas*. In: Nòvoa, Antônio. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Galliano, Alfredo Guilherme. (1996). *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra.
- Gatti, Bernadete A. (2010). Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, 31(113), 1355-1379.
- Gadotti, M. (2004). *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez.
- Goulart, Nathalia. (2010). *Baixo grau de instrução dos pais interfere no desempenho escolar dos filhos*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/baixo-grau-de-instrucao-dos-pais-interfere-no-de-sempenho-escolar-dos-filhos>.
- Jesus, H. & Neves, A. (2004). *Relação Escola-Aluno-Família*. Educação Intercultural: Uma perspectiva Sistêmica. Porto: Alto Comissário para a Emigração e Minorias Étnicas.
- Iennaco, Juliana de Paula. (2001). *Tecnologias na Educação: a importância das novas mídias na formação do professor e seus desdobramentos no universo escolar*. Disponível em:
<https://www.google.com/search?q=Tecnologias+na+Educa+a+importncia+das+novas+m+dias+na+formao+do+professor+e+seus+desdobramentos+no+universo+escolar>
- Kazmier, Leonard. (2001). *Princípios de Gerência*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Pallas.
- Kaloustian, S. M. (org.) (1988). *Família Brasileira, a Base de Tudo*. São Paulo: Cortez.
- Kuenzer, Zeneida Acácia. (2003). *As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão*. In: Ferreira, Naura Syria Carapeto et. al. *Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios*. (4a ed.). São Paulo: Cortez.
- Leme, M. I. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380.
- Libâneo, João Carlos et. al. (2003b). O sistema de organização e de Gestão da Escola: teoria e prática. In: *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003b.
- Brasil. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação; n. 263 PDF).
- Libâneo, J. C. (2012). *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. (10a ed.). São Paulo: Cortez, 2012.
- Lück, Heloisa et. al. (2001). *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. (5a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Lück, Heloísa. (2010). *Gestão do clima e da cultura organizacional da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- López, J. S. (2002). *Educação na família e na escola*. São Paulo: Loyola, 2002.

- Lira, Adriana e Gomes, Alberto Candido. (2015). Conflitos professor - aluno: desafio à formação docente. Unioeste Campus de Cascavel. “*Formação de professores*” do XI Congresso Nacional de Educação - Educere. - SIPD/Cátedra. 10(3), 345 – 359.
- La Ville C., Dionne J. (1999). *A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Leite, F. H. C. (2009). *Metodologia Científica*. Dourados (MS): UNIGRAN.
- Marcondes, M.I.; Leite, V.F.; Oliveira, A.P. (2012). Reforma e recontextualização das políticas: o papel dos coordenadores pedagógicos nas escolas municipais do Rio de Janeiro. *Revista Diálogo Educacional*. Rio de Janeiro, 12(35), 187-209.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), 23(3), 577-591.
- Maldonado, Maria T. (1997a). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo:Saraiva.
- Maldonado, Maria T. (1997b). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo:Saraiva.
- Mazzuco, Neiva e Tullio, Guaraciaba. (2003). *O Manifesto de 1932 e a educação pública ensino moram: a preocupação com o nacionalismo e o homem cidadão*. São Paulo: Mimeo.
- Moreira, Brendon. (1996). *Artigo a falta de incentivo na educação e suas consequências para o jovem brasileiro – Campo Grande News*. Disponível em: <https://www.Campogrande news.com.br/artigos/a-falta-de-incentivo-na-educacao-e-suas-consequencias-para-o-jovem- brasileiro>.
- Masson, Giseli. (2009). *Políticas de formação de professores: as influências do neopragmatismo da agenda pós-moderna*. (Tese de Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Marchesi, Álvaro. (2006a). *O que será de nós, os maus alunos?* Porto Alegre: Artmed.
- Marchesi, Álvaro. (2006b). *O que será de nós, os maus alunos?* Porto Alegre: Artmed.
- Magalhães, Rosélia Pinheiro de. (2012). *Desigualdade, pobreza e educação superior no Brasil*. In: FONAPRACE - Revista Comemorativa 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares. Minas Gerais: PROEX-UFU – MG.
- Martinez Zampa, D. (2005). *Mediación educativa y resolucion de conflictos: modelos de implementacion*. Buenos Aires: Edicones Novedades Educativas.
- Mendes, Fábio Ribeiro. (2012). *A nova sala de aula*. Porto Alegre: Autonomia.
- Moore, Christopher W. (1998a). *O Processo de Mediação: Estratégias Práticas para a Resolução de Conflitos*. Trad. Magda França Lopes. (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Moore, Christopher W. (1998b). *O Processo de Mediação: Estratégias Práticas para a Resolução de Conflitos*. Trad. Magda França Lopes. (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Morais, José Luís Bolzan de; Spengler, Fabiana Marion. (2008). *Mediação e arbitragem: alternativa à jurisdição*. (2a ed.). Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Milani, Feizi Masrour. (2003). *Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola*. In *Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ.
- Mello, Elena Maria Billig; Cossio, Maria de Fátima. (2006). *Gestão da Educação Básica: ausência e emergências*. In: Camargo, Ieda de (org.). *Gestão e Políticas da Educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Müller, Maria Lúcia; Paixão, Lea Pinheiro. (2006). *Educação, diferenças e desigualdades*. Cuiabá: EdUFMT.
- Mello, S. L. (1978). *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Neves, Rosana Batista Vieira. (2013). *Conflito Escolar: uso da mediação*. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Disponível em: https://unisal.br/wp-content/uploads/2015Disserta%C3%A7%C3%A3o_Rosana-Batista-Vieira-Neves.pdf.
- Nunes, C. M. F. (2001). Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação & Sociedade*, Campinas, 22(74), 27-42.
- Oliveira. M. K. de. (1997). *Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico*. São Paulo: Scipioni.
- Oliveira, Maria Izete. (2005). *A indisciplina escolar: determinações, consequências e ações*. Brasília: Líber livro.
- Olveira, Edson Moreira de; Almeida, José Luís Vieira de; Arnoni, Maria Eliza Brefere. (2007). *Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Ed. Loyola.
- OECD. (2001). *Creating effective teaching and learning environments: first results from Talis*. Paris: OECD.
- Parzianello, J. K.; Maman, D. (2010). *Tecnologias na sala de aula: o professor como mediador*. Cascavel-PR: Anais.
- Parrat-Dayana, Silva. (2009a). *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto.
- Parrat-Dayana, S. (2009b). *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto.
- Piaget, Jean. (1973). *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes.
- Piaget, Jean. (2007b). *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olímpio.
- Paro, V. H. (2000b). *Qualidade do ensino: a contribuição dos pais*. São Paulo: Xamã.

- Paro V. H. (2001c). *Gestão Democrática da Escola Pública: Participação da comunidade na gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática.
- Paniagua, G. Palacios, J. (2007). *Educação infantil: resposta educativa à diversidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Pinto, Maria Joaquina Fernandes. (2009). *A Metodologia da Pesquisa Científica como ferramenta na Comunicação Empresarial*. In: Congresso Brasileiro de Comunicação Empresarial. São Paulo: Atlas.
- Rayo, J. T. (2004). *Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global*. Porto Alegre: Artmed.
- Robbins, S. P. (2009). *Fundamentos do comportamento organizacional*. (8a ed.). São Paulo: Prentice Hall.
- Reis, Risolene Pereira. (2007a). *Relação família e escola: uma parceria que dá certo*. Mundo Jovem: um jornal de ideias. p. 06. Ano XLV – nº 373 - Fevereiro de 2007a.
- Reis, Risolene Pereira. *Relação família e escola: uma parceria que dá certo*. *Mundo Jovem: um jornal de ideias*. 6(3).
- Ribeiro, Elisa Antônia. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, 4(2), 129-148.
- Reimer, Everett. (1979). *A Escola Está Morta, Alternativas em Educação*; Tradução de Tony Thompson, Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Santos, Ângela Maria. (2007). *Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não negros*. Cuiabá: EdUFMT.
- Silva, Maciel Pereira da. Artigo. (2015). Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, professorefetivo da rede estadual de ensino do Distrito Federal. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, 14(1), 46-59.
- Salles Filho, N. A. (2016). *Cultura de Paz e Educação para a Paz: Olhares a partir da Teoria de Edgar Morin*. (Tese Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Mato Grosso, Brasil.
- Schultz, Glauco. (2016). *Introdução à gestão de organizações / coordenado pela SEAD/UFRGS*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Sousa. Ramiro Augusto Caeiro da Silva. (2014). *Os conflitos entre alunos e professores*. (Dissertação de Mestre), Departamento de educação e Ensino à Distância. Lisboa, Portugal.
- Souza, Carlos Alberto Ferreira de. (2001). *Violência e Indisciplina na Escola, Legislação e Solução de Conflitos: Um estudo de caso centrado no Professor Mediador Escolar e Comunitário*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

- Souza, D. B.; Faria, L. C. (2004). *Reforma do Estado, descentralização e municipalização do ensino no Brasil: a gestão política dos sistemas públicos de ensino pós-LDB 9.394/96. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, 12(45), 925-944.
- Silva, Alessandra Gomes da. (2019). *O papel da educação na constituição do indivíduo - Interação entre os indivíduos, para tecer algumas reflexões acerca da necessidade da educação*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-educacao-na-constituicao-individuo.htm>.
- Souza, Claudinea de. (2010). *A gestão da escola brasileira na contemporaneidade: algumas considerações*. Faculdade Unissa de Sarandi - Jardim Universitário, Sarandi, PR. Curso de Pedagogia – Licenciatur. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=a+gest%C3%83O+da+escola+brasileira+NA+contemporaneidade%3A+algumas+considera%C3%87%C3%95E&oq=A+gest%C3%83%da+escola+brasileira+na+contemporaneidade%3A+algumas+considera>. Acesso em: 03/ 20.
- Silva, Érica Cristhyane Morais da. (2012). *Conflito político-cultural na antiguidade tardia: o levante das estátuas em Antioquia de Orontes*. (Tese de Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista. São Paulo, Brasil.
- Santos, Leonardo Bis dos. (2007). *O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Nova Venécia, ES – UFES – Vitória – Brasil. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=O+conflito+social+como+ferra>
- Soares, M. T. C., Pinto, N. B. (2001). *Metodologia da resolução de problemas*. Caxambu(SP): Pearson.
- Souza, Tatiana Machiavelli Carmo; Oliveira, Cirlene Aparecida Hilário da Silva. (2010). *Políticas educacionais e o contexto social*. São Paulo: Camine.
- Swanström, Niklas, Weissmann, Mickael (2005) - *Conflict, Conflict Prevention, Conflict management and Beyond: a conceptual exploration*. Washington: Central Ásia-Caucasus Institute, Concept Paper, Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/354>.
- Santa Catarina, Secretaria de educação e do desporto. (1998). *Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares*. Florianópolis: COGEN.
- Silva, Reinaldo Oliveira da. (2013). *Teorias da administração*. (3a ed.). São Paulo: Pearson.
- Silva, Maciel Pereira da. (2015). Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no "encontro de culturas & quot;. *Revista de Educação Popular*, 14(1), 46-59, Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958>.
- Sales, Lília Maia de Morais. (2007). *Mediação de conflitos: família, escola e comunidade*. Santa Catarina: Conceito Editores.
- Spodek, Bernard; Saracho, Olívia N. (1998). *Ensinando crianças de 3 a 8 anos*. Porto Alegre: ArtMed.

- Tiba, Içami. (1996a). *Disciplina, limite na medida certa*. (1a ed.). São Paulo: Editora Gente.
- Tardif, M.; Lessard, C. (2013). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Trad. João B. Kreuch. (8a ed.). Petrópolis(RJ): VOZES.
- Viera, A. et al. (2010). A educação como meio de inclusão social. *Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext.* Uberaba – MG, 3(2), 148-162.
- Vieira, Sofia Lerche. (2001). *Estrutura e Funcionamento da educação básica*. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- Vinha, T. P. (2003). *Os Conflitos Interpessoais Nas Relações Educativas*. (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação Campinas, São Paulo, Brasil.
- Vinha, T. P.; Tognetta, L. R. P. (2009). Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*, 9 (28), 525 - 540.
- Vianna, Heraldo M. (1981). *Termos técnicos em medidas educacionais - glossário*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Vinyamata, Eduard (org.). (2005). *Aprender a partir do conflito*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.
- Vinyamata, Eduard (org.). (2005b). *Aprender a partir do conflito*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.
- Vicentin, V.F (2009a). *Condições de vida e estilo de resolução de conflito entre adolescente*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Vicentin, V.F (2009b). *Condições de vida e estilo de resolução de conflito entre adolescente*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Vasconcelos, Celso do S. (1997). Disciplina escolar. Adequação e transgressão – uma tensão necessária. *Revista de educação AEC. Disciplina e liberdade*, Brasília, 103(26), 91-93.
- Vasconcellos, Celso dos Santos. (1995). *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad.
- Vygotsky, L. S. (1997). *Educational psychology*. Jamaica Hills, NY: Saint Lucie Press.
- Vygotsky, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Young, Michael. (2007). *Para que servem as escolas?* Campinas, 28(101), 1287-1302,
- Weschefelder, Susimara. (2007). *A educação começa em casa*. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, RS: Atmed.

APÊNDICE I

Roteiro do Questionário – Aplicação aos pais de alunos

ROTEIRO DE ENTREVISTA
PAIS DE ALUNOS
Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Ciências da Educação, realizada no Instituto de Educação Superior ILUSES em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus na cidade de Lisboa - Portugal. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.
CARACTERÍSTICAS DO ENTREVISTADO
PAIS: GRAU DE INSTRUÇÃO: _____
<p>1. Sabendo que hoje, existem muitos alunos indisciplinados, que não obedecem às ordens do professor em sala de aula. Em sua opinião, isso é devido fatores como:</p> <p>() convivência familiar () liberdade excessiva () uso excessivo do celular () não sabe, não opina</p>
<p>2. Qual a importância da relação família escola no processo educacional?</p> <p>() é indispensável () pai é acomodado () acompanha () não se importa ou não acompanha</p>
<p>3. Em sua opinião, porque muitos pais não acompanha a escolaridade dos filhos ?</p> <p>() porque não tem instrução () porque trabalha () não se importa () porque é dever da escola</p>

APÊNDICE II

Roteiro do Questionário – Aplicação aos professores e coordenação pedagógica

ROTEIRO DE ENTREVISTA
PROFESSORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Ciências da Educação, realizada no Instituto de Educação Superior ILUSES em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus na cidade de Lisboa - Portugal. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

CARACTERÍSTICAS DO ENTREVISTADOS

1. Dados pessoais e profissionais

ESCOLA:

Faixa etária:

Até 20 anos (); Entre 21 e 25 anos (); Entre 26 e 30 (); Entre 31 e 40 anos ();
Entre 41 e 50 () e Acima de 50 anos ()

Curso de graduação na área de:

Curso de Pós-Graduação na área de:

Qual função desempenha na escola?

Há quanto tempo exerce essa função?

Sua experiencia como professor, tempo em anos:

Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós

ROTEIRO DE ENTREVISTA
PROFESSORES E COORDENAÇÃO

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Ciências da Educação, realizada no Instituto de Educação Superior ILUSES em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus na cidade de Lisboa - Portugal. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

INDAGAÇÕES DA PESQUISA

- Quais os conflitos existentes atualmente em sala de aula nas escolas do município?
- Quais os motivos dos conflitos existentes em sala de aula?
- Que medidas têm-se adotado para amenizar os conflitos em sala de aula?
- Esses conflitos estão atrapalhando o ensino aprendizagem em sala de aula?
- O corpo docente está preparado para amenizar os conflitos em sala de aula?

CONFLITOS NAS ESCOLAS

1. Na sua visão, como caracteriza esta escola em termos de ambiente de trabalho?

Muito bom Bom Mau Muito mau

2. Isso é devido essencialmente a que tipo de fatores?

Relacionamento humano Questões de materiais Tipologia de liderança Outros

3. Considera que, em geral, as relações entre os alunos aqui na escola são:

Muito boas Boas Más Muito más

4. Os conflitos que se dão com mais frequência aqui na escola, acontecem:

Entre alunos Entre alunos e professores Entre alunos e funcionários Outros

5. Os conflitos entre os alunos, na escola:

Têm vindo a aumentar bastante Têm vindo a aumentar um pouco Têm vindo a diminuir

6. Que tipo de agressões é mais recorrente entre os alunos nesta escola?

Agressões físicas Agressões verbais Isolamento “provocado” Pressão psicológica
 Chantagem Roubos Outros

7. Qual é a principal causa dessas agressões?

Intolerância Personalidade Classe social/cultural/econômica Desrespeito das regras Baixa autoestima por parte dos alunos agressores Outra.

8. Onde ocorrem com mais frequência esses conflitos?

No recreio Na sala de aula À saída/entrada da escola Nos corredor

MOTIVOS DOS CONFLITOS

9. Isso é devido essencialmente a que tipo de fatores?

Relacionamento humano Questões de materiais Tipologia de liderança Outros – Quais?

MEDIDAS ADOTADAS PARA REDUZIR CONFLITOS

10. A escola registra os incidentes de conflitos que ocorrem por dia?

Sim Não Só se o conflito for grave

11. As regras de disciplina são claras?

Sim Não Não sabe/Não responde

12. Na mediação de conflitos o papel do educador é imprescindível, mas o apoio familiar também é preponderante. Que medidas você podem ser adotadas para amenizar os conflitos em sala de aula?

13. Esses conflitos estão atrapalhando o ensino aprendizagem?

sim – porque? não – porque?

14. Poderia haver uma parceria com a família a fim de amenizar o impasse e favorecer a solução de situações conflituosas no âmbito escolar?

sim – porque? não – porque?

PREPARAÇÃO DO CORPO DOCENTE – REDUZIR CONFLITOS

15. Você acha que os professores estão preparados para lidar com os conflitos em sala de aula?

sim – porque? não – porque?

16. Qual a solução mais adequada para resolver os conflitos na escola?

Aplicando sanções punitivas

Individualizando os casos e usando estratégias formativas de comunicação eficaz

Incluindo o tema nos Projetos Curriculares de Turma, para tratamento transversal

Outra. Qual? _____

17. Quando, na sala de aula, ocorrem conflitos, quem os gere?

O professor Os alunos resolvem entre si Não sabe/Não responde

18. Quando, fora da sala de aula, ocorrem conflitos, quem os gere?

Os professores titulares dos alunos envolvidos Os alunos resolvem entre si Os assistentes operacionais O coordenador do núcleo Não sabe/Não responde

APÊNDICE III

Roteiro do Questionário – Aplicação aos alunos

ROTEIRO DE ENTREVISTA
ALUNOS
Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Ciências da Educação, realizada no Instituto de Educação Superior ILUSES em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus na cidade de Lisboa - Portugal. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

CARACTERÍSTICAS DO ENTREVISTADO
COLA DE ATUAÇÃO: ENTREVISTADO: () PAIS () ALUNO SEXO: () MASCULINO () FEMININO ANUNCIANTE: SÉRIE _____ TURNO: _____ IDADE DO ALUNO: () 10 A 12 ANOS () 13 A 15 ANOS () 16 A 18 ANOS () ACIMA DE 19 NÍVEL DE INSTRUÇÃO: _____

CONFLITOS NAS ESCOLAS
<p>1. Como avalia a convivência com seus colegas e professores na sala de aula?</p> <p>() cheia de conflitos () bastante harmoniosa () poucos conflitos</p>
<p>2. Já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou bullying na escola?</p> <p>() sim () não () eu não, mas vi outras pessoas</p>
<p>3. Qual sua reação quando ocorrem atos de violência verbal (palavrões, piadas de mau gosto, apelidos, vaias) para com algum de seus colegas de escola?</p> <p>() tento impedir () não me importo () denuncio () também participo da violência</p>
<p>4. Em sua opinião, por que muitos alunos sofrem <i>bullying</i>?</p> <p>() questão de cor () homossexualismo () obesidade () não sei</p>
<p>5. Já presenciou verdadeira “bagunça” dos alunos em plena aula de algum professor?</p> <p>() sim () não</p>
<p>6. Em sua opinião, por que alguns alunos só “fazem bagunça” na aula de um professor especificamente, mas respeita os demais?</p> <p>() professor não dar boas aulas () professor não tem domínio de sala</p>
<p>7. Qual o tipo de professor, cujas aulas não sofrem interferências dos alunos mais rebeldes?</p> <p>() o professor linha dura () o professor “bonzinho” () o professor preparado</p>

APÊNDICE IV

Termo de Consentimento da escola

TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA

A presente pesquisa contempla o projeto de pesquisa do Instituto de Educação Superior - ILUSES, no Mestrado em Ciências da Educação na área de Supervisão Pedagógica de convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus – Lisboa/Portugal e se propõe a observar, fotografar e entrevistar os envolvidos no tema da pesquisa.

Na escola _____ de Ensino Fundamental. A pesquisa intitula-se: **GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: Estudo em Escolas do Ensino Fundamental do Município de Igarapé Grande - Maranhão – Brasil**. Para este fim, os intervenientes coordenadores, professores e alunos) serão convidados a participar da referida pesquisa como voluntários com entrevistas e observações sobre o uso das estratégias desenvolvidas para a melhoria do ensino-aprendizagem. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo.

Entretanto, como estudo exploratório que se impõe, pede-se permissão para menção aos nomes ou imagens dos participantes quando estas se fizerem necessárias à comprovação dos dados e informações, sendo preservada a identificação e imagem dos sujeitos participantes, em quaisquer apresentações orais ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa é voluntária e o (a) participante pode a qualquer momento interromper a sua participação, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. O pesquisador responsável por esta pesquisa é o **Professor Doutor Jorge Castro - Portugal** e sua equipe de investigação no Brasil, que se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que eventualmente o participante e/ou seu responsável legal venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente, através dos telefones 98 99132-1349 co-orientador, professor Mestre **Marcos Borges** ou por e-mail: marcos.borges@iluses.com.br, ou pelo telefone (+55) 99 98102-7729 ou e-mail: geo-academico@hotmail.com do *mestrando pesquisador* – **Raimundo Soares de Araújo Filho**, Após ter sido devidamente informados de todos os aspectos desta pesquisa ACADÊMICA e ter tido oportunidade para esclarecer todas as minhas dúvidas, eu (DIRETOR) autorizo a utilização dos dados, informações e imagens da escola, enquanto Participante da pesquisa.

Eu _____ autorizo a recolha, registo, tratamento e análise das respostas em questionários, depoimentos em entrevistas e conversas informais, bem como de imagens e documentos escolares relacionados exclusivamente ao fim desta pesquisa.

Igarapé Grande - MA, Brasil, de _____ de _____ 2019

DIREÇÃO ESCOLAR

APÊNDICE V

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) **GESTÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: Estudo em Escolas do Ensino Fundamental do Município de Igarapé Grande - Maranhão – Brasil**. Desenvolvido pelo ***mestrando pesquisador* - Raimundo Soares de Araújo Filho**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / co-orientada] pelo Professor Mestre – **Marcos Borges**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (98) 99132-1349 ou e-mail – marcos.borges@ilusofono.com.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Igarapé Grande - MA, Brasil, ____ de _____ de 2019

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____